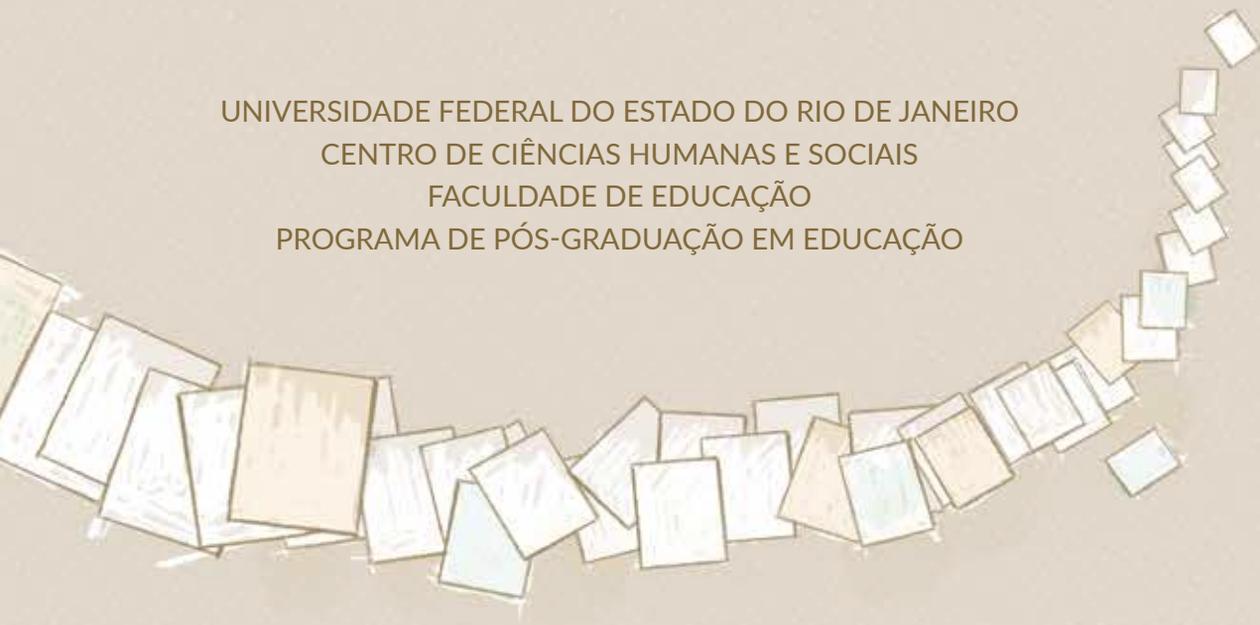


UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO



# *Cartas ao Edu*

conversas e performances com narrativas de estágio

Doutorando: Marcus Flávio da Silva  
Orientadora: Profa. Dra. Maria Luiza Sússekind

Rio de Janeiro  
2024





UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

**MARCUS FLÁVIO DA SILVA**

# *Cartas ao Eder*

conversas e performances com narrativas de estágio

Rio de Janeiro  
2024



**MARCUS FLÁVIO DA SILVA**

**CARTAS AO EDU**  
**conversas e performances com narrativas de estágio**

Tese apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Educação ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Orientação: Profa. Dra. Maria Luiza Süssekind

Rio de Janeiro  
2024

Catálogo informatizado pelo(a) autor(a)

S587           Silva, Marcus Flávio da  
                  Cartas ao Edu: conversas e performances com narrativas  
de estágio / Marcus Flávio da Silva. -- Rio de Janeiro,  
2024.  
                  176

                  Orientador: Maria Luiza Sússekind.  
                  Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Estado do  
Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2024.

                  1. Carta, Cotidianos. 2. Narrativas, Estágio. 3.  
Performance. I. Sússekind, Maria Luiza, orient. II. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Centro de Ciências Humanas e Sociais - CCH

*Programa de Pós-Graduação em Educação*

**TESE DE DOUTORADO**

**Marcus Flávio da Silva**

**“Cartas ao Edu - conversas e performances com narrativas de estágio”**

Aprovada pela Banca Examinadora

Rio de Janeiro, \_13\_ / \_junho\_ / 2024\_



Documento assinado digitalmente

**MARIA LUIZA SUSSEKIND VERISSIMO**

Data: 13/06/2024 17:48:30-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Prof.ª Dr.ª Maria Luiza Sussekind

(orientadora)



Documento assinado digitalmente

**CARLOS EDUARDO FERRACO**

Data: 16/06/2024 13:15:30-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Prof. Dr. Carlos Eduardo Ferraco

(avaliador externo)



Documento assinado digitalmente

**KARYNE DIAS COUTINHO**

Data: 15/06/2024 10:09:08-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Prof.ª Dr.ª Karyne Dias Coutinho

(avaliadora externa)



Documento assinado digitalmente

**Adrienne Ogêda Guedes**

Data: 19/06/2024 19:06:42-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Prof.ª Dr.ª Adrienne Ogêda Guedes

(avaliadora interna)



Documento assinado digitalmente

**ADRIANA HOFFMANN FERNANDES**

Data: 19/06/2024 18:20:16-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Prof.ª Dr.ª Adriana Hoffmann Fernandes

(avaliadora interna)



Dedico

À minha mãe Ruth,  
A meu pai José Antônio  
(*in memoriam*), aos irmãos e irmãs,  
ao sobrinho e sobrinhas.



Agradeço

Aos tantos amigos e amigas.  
Aos professores e professoras  
e aos alunos e alunas  
que tive, e tenho, ao longo da jornada de *serestar* docente.



Quando eu soltar a minha voz, por favor, entenda... Que, palavra por palavra, eis aqui uma pessoa se entregando... Coração na boca, peito aberto, vou sangrando...  
São as lutas dessa nossa vida que eu estou cantando. Quando eu abrir minha garganta, essa força tanta... Tudo aquilo que você ouvir, esteja certa que estarei vivendo...  
Veja o brilho dos meus olhos e o tremor nas minhas mãos e o meu corpo tão suado transbordando toda raça e emoção.

*Sangrando – Gonzaguinha*



## RESUMO

*Cartas ao Edu – conversas e performances com narrativas de estágio* é uma tese que tem como interesse de pesquisa as narrativas de experiências de estágio dos(as) licenciando(as) em Teatro no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Pernambuco (CAp-UFPE), socializadas nas primeiras edições da ação Papo de Estagiário(a) – roda de conversa sobre estágio, programas de formação de professores(as) e docência, que ocorreram nos anos de 2018 e 2019. A pesquisa pertence à linha de Políticas e Práticas em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (PPGEdu-UNIRIO), desenvolvida no âmbito do Grupo de Pesquisa Conversas Curriculares nos Cotidianos das Universidadescolas (ConCU), liderado pela Profa. Dra. Maria Luiza Sússekind. Sob a perspectiva dos estudos com os cotidianos em educação e do campo do currículo, a tese assume a escrita de cartas e a performance como dispositivos político-ético-estéticos de *fazer com*, apostando em outros modos de *sentirpensar* a pesquisa com os cotidianos escolares. A presença de hiperlinks com QR code possibilita o acesso às produções diversas que atravessam os estudos realizados, o que torna esta tese um experimento linguístico polifônico e plural, com aposta em outras dimensões do registro acadêmico que não atendem a algumas das normas estabelecidas pela Associação Brasileira de Normas e Técnicas (ABNT). Esta tese está organizada em duas etapas, a saber: na primeira, estão as Cartas ao Edu, que falam das escolhas metodológicas criadas e assumidas – cartas, performances e conversa; e, na etapa seguinte, estão os Platôs, compostos, cada um, por uma Carta ao Edu e uma narrativa de experiência de estágio escrita por ex-estagiários(as), seguidos dos elementos pós-textuais. Com as questões mobilizadoras da pesquisa – a saber: Como se tece professor(a) um estagiário(a) no CAp-UFPE? O que dizem as narrativas sobre ser/estar estagiário(a) no cotidiano daquela escola? Que esperanças, alegrias e angústias os(as) acompanham? –, afirmamos que as quatro narrativas de formação que integram esta tese são consideradas como currículo, pois dizem do fazer cotidiano da escola e dos diversos *espaçostempos* da formação, assim como se mostram como invenção/criação curricular na formação de professores(as), currículos *praticadospensados* e produzidos no/com o cotidiano escolar.

Palavras-chave: Carta, Cotidianos, Narrativas, Estágio, Performance, Currículo.



## RÉSUMÉ

*Cartas ao Edu – conversas e performances com narrativas de estágio* est une thèse qui se penche sur les récits d'expérience de stage des étudiant(e)s en formation de professeurs de Théâtre au Colégio de Aplicação de l'Universidade Federal de Pernambuco (Cap-UFPE), mis en commun dans les premières éditions de l'action *Papo de Estagiário(a) – roda de conversa sobre estágio, programas de formação de professores(as) e docência\**, qui ont eu lieu dans les années 2018 et 2019. La recherche appartient au domaine Politiques et Pratiques en Éducation du Programme de Recherches Doctorales en Éducation de l'Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (PPGEdu-UNIRIO), développé dans le cadre du Groupe de Recherches Conversations sur les Programmes Scolaires dans les Quotidiens des Écoles Universitaires (ConCU), sous la direction de la professeure Maria Luiza Sússekind. Sous la perspective des études avec les quotidiens en éducation et du champ du programme scolaire, la thèse assume l'écriture de lettres et la performance en tant que dispositifs politique-éthique-esthétiques de faire avec. La présence de hyperliens avec QR code permet l'accès aux productions diverses qui traversent les études réalisées, ce qui rend cette thèse une expérimentation linguistique polyphonique et plurielle qui vise d'autres dimensions du registre académique qui ne répondent pas à quelques normes établies par l'Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). Cette thèse est organisée en deux étapes : dans la première, on trouve les Cartas ao Edu (Lettres à Edu), qui traitent des choix méthodologiques créés et assumés – lettres, performances et conversation ; et dans l'étape suivante, on trouve les Plateaux, composés chacun par une Carta ao Edu et un récit d'expérience de stage écrit par des ancien(ne)s stagiaires, suivis des éléments post-textuels. Avec les questions mobilisatrices de la recherche, c'est-à-dire : Comment un(e) stagiaire se tisse en tant que professeur(e) au Cap-UFPE ? Que disent les récits sur être stagiaire dans le quotidien de cette école ? Quels espoirs, joies et angoisses les accompagnent ? – Nous affirmons que les quatre récits de formation qui intègrent cette thèse sont considérés comme partie composante du programme scolaire, car ils racontent le quotidien de l'école et des différents espaces-temps de la formation, ainsi comme ils se montrent en tant qu'invention/création du programme dans la formation de professeur(e)s, des programmes pratiqués/pensés et produits dans/avec le quotidien scolaire.

Mots-clé: Lettre, Quotidien, Récits, Stage, Performance, Programme.



## ABSTRACT

Letters to Edu – conversations and performances with internship narratives is a thesis whose research interest is the narratives of internship experiences of Theater students at the Colégio de Aplicação (Aplicação School) of the Federal University of Pernambuco (CAp-UFPE), socialized in the first editions of the *Interns' Chat action – conversation circle about interns, teacher training programs and teaching*, which took place in 2018 and 2019. The research belongs to the line of Policies and Practices in Education of the Postgraduate Programme in Education at the Federal University of the State of Rio de Janeiro (PPGEdu-UNIRIO), developed within the scope of the Curricular Conversations in the Everyday Life of Universities (ConCU) Research Group, led by Prof. Dr. Maria Luiza Sússekind. From the perspective of studies on everyday life in education and the field of curriculum, the thesis assumes letter writing and performance as political-ethical-aesthetic devices to do with, focusing on other ways of feeling and thinking about research on everyday school life. The presence of hyperlinks with QR code allows access to multiple productions that span the studies carried out, which makes this thesis a polyphonic and plural linguistic experiment, focusing on other dimensions of the academic record that do not meet some of the standards established by the Brazilian Association of Standards and Techniques (ABNT). This thesis is organized in two stages, namely: in the first, there are the Letters to Edu, which talk about the methodological choices created and assumed – letters, performances and conversation; and, in the next stage, there are the Plateaus, each composed of a Letter to Edu and a narrative of the internship experience written by former interns, followed by post-textual elements. With the mobilizing questions of the research – namely: How does a trainee become a teacher at CAp-UFPE? What do the narratives say about being an intern in the daily life of that school? What hopes, joys and anxieties accompany them? –, we affirm that the four training narratives that make up this thesis are considered as a curriculum, as they speak about the daily activities of the school and the different space-times of training, as well as showing themselves as invention/creation curricular in the training of teachers, curricula practiced, thought about and produced in/with daily school life.

Keywords: Letter, Everyday Life, Narratives, Internship, Performance, Curriculum.

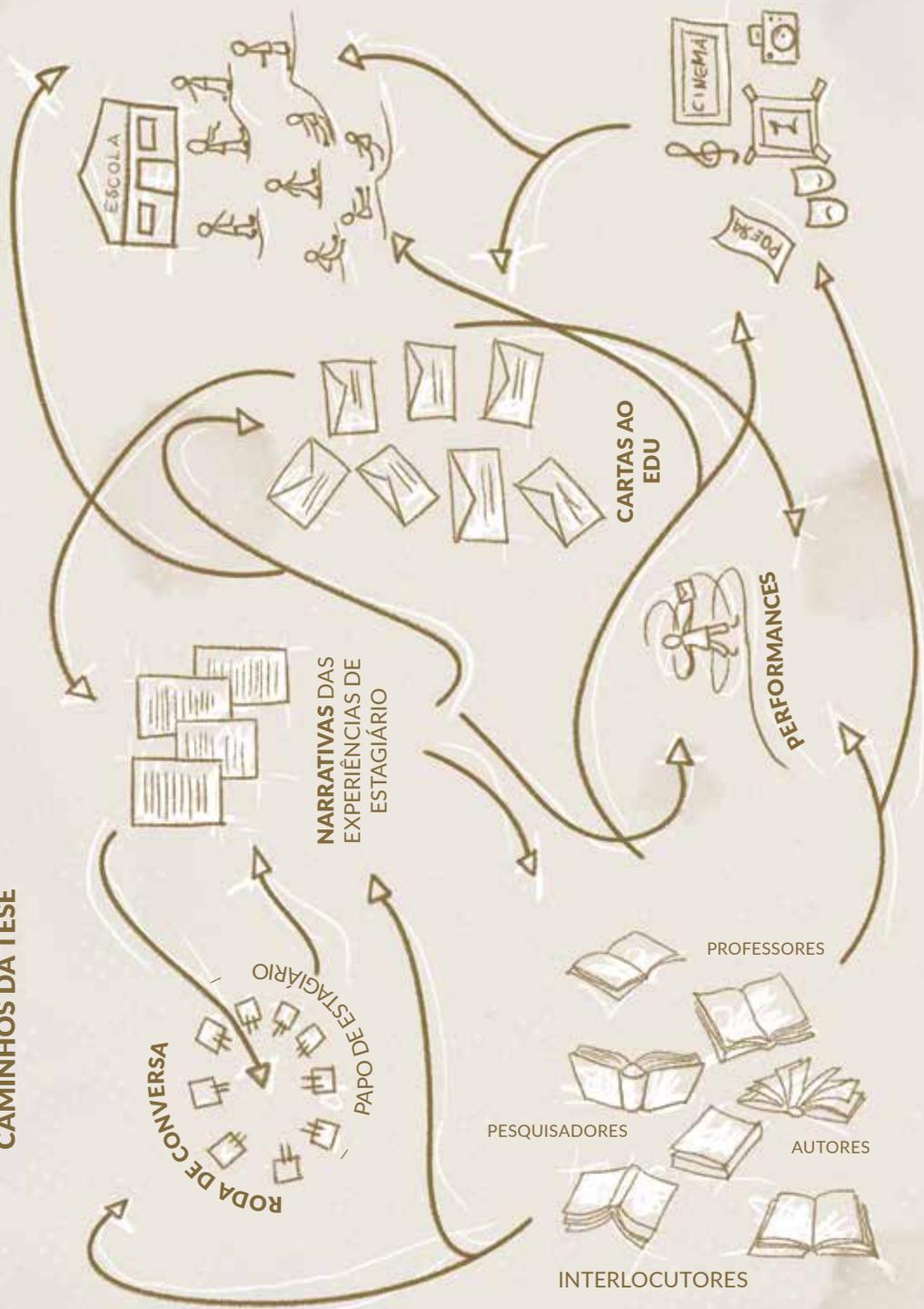


# SUMÁRIO

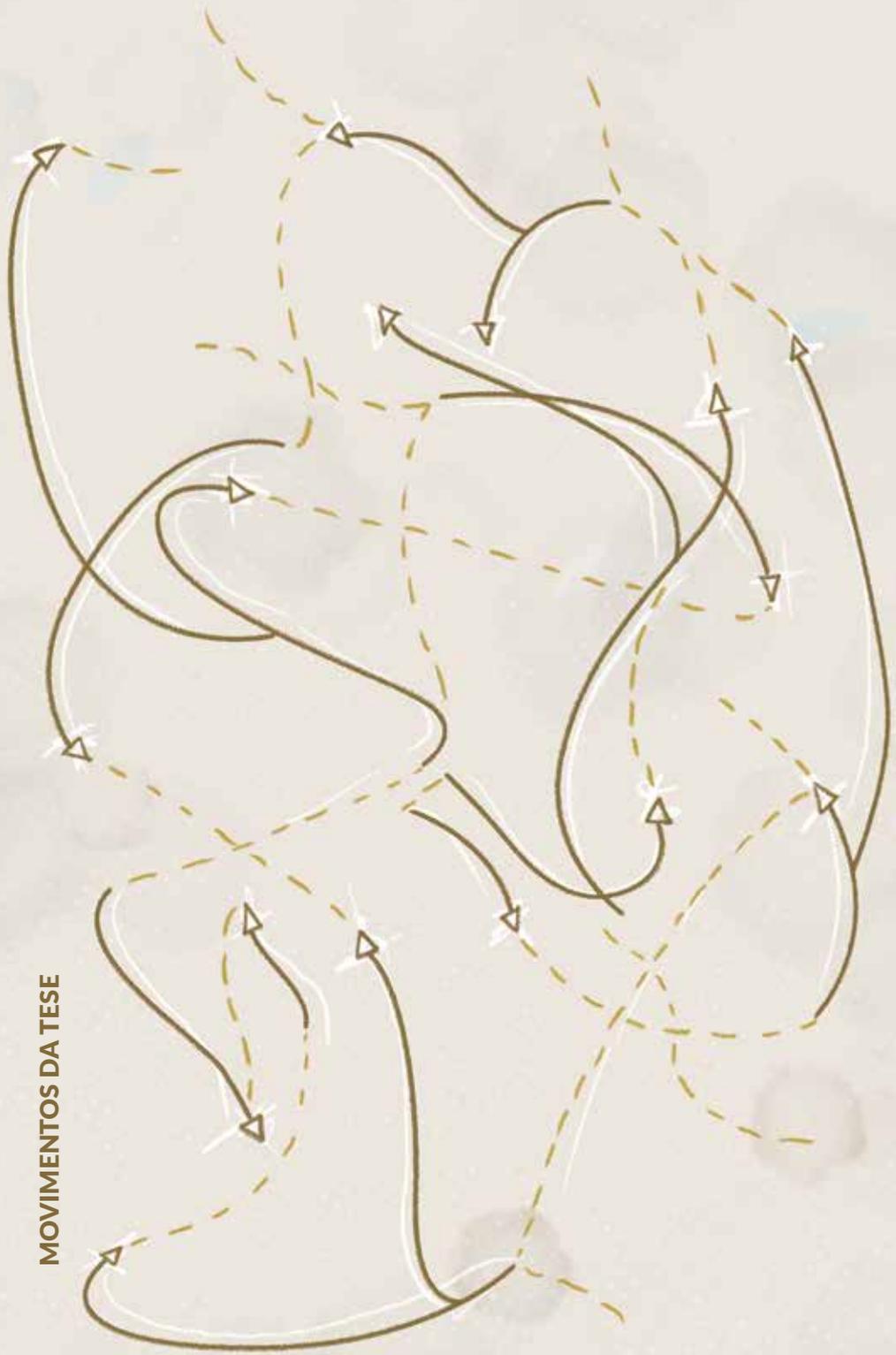
## POSTAGENS

Carta à Banca Examinadora .....	021
Carta aos Leitores .....	024
Carta ao Edu <i>“será de alegria, será de tristeza?”</i> .....	033
Carta ao Edu <i>“performar parece um caminho”</i> .....	045
Carta ao Edu <i>“pesquisa escrita e inscrita no corpo”</i> .....	061
Carta ao Edu <i>“conversas...”</i> .....	075
087 .....	Platô <i>“tudo se agita durante a queda”</i>
105 .....	Platô <i>a Balsa de Medusa</i>
117 .....	Platô <i>“pode ser caótico e transformador”</i>
129 .....	Platô <i>“nenhum pé de gente ou 40 planejamentos”</i>
Antes da última CARTA .....	145
Referências .....	155
Anexos .....	158

# CAMINHOS DA TESE



**MOVIMENTOS DA TESE**





Caríssima Banca Examinadora<sup>1</sup>

Uma alegria reencontrá-la.

Os trinta dias que separam o momento da segunda qualificação e a data do envio da tese para correção ortográfica, e consequente envio para vocês, foram intensos, por tantos atravessamentos surgidos com as considerações feitas no nosso último encontro, em fevereiro passado. Passei pelo difícil, mas necessário, momento das escolhas e construí nova pauta de escrita considerando o tempo que dispunha. É bem verdade que alguma ansiedade se instalou e com ela também precisei trabalhar e seguir. Contemplei aspectos, deixei outros no quarador, fortaleci escolhas feitas, (re)construí, gravei e produzi uma performance, friccionei conceitos, aceitei o não avanço em outros, dancei com o medo, enfrentei novas leituras, revisitei antigas, pensei bordar envelopes com as palavras-chave e me deixei atravessar por uma curiosa força para assumir os fios soltos no presente texto e reencontrá-los, quem sabe, em futuro breve para novos enlaces. Deixar ir é sempre um exercício intenso para mim. Aquela sensação de incompletude ainda paira no ar e com ela tenho continuado a caminhar... Sigo em vocês aguardando o nosso próximo encontro... novos encontros. Evoé!

Mais uma vez, peço licença e evoco dona Lia de Itamaracá, mulher preta, merendeira, cirandeira, filha de Iemanjá, Doutora Honoris Causa pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), para abrir esta tese, para abrir este giro espiralado na roda de conversas que teremos em breve, por ocasião da ~~segunda qualificação~~ **defesa da tese de pesquisa em andamento** intitulada *Cartas ao Edu – conversas e performances com narrativas de estágio*:

“Minha ciranda não é minha só  
Ela é de todos nós, ela é de todos nós

**1. Em mais um movimento com a pesquisa, a carta escrita em janeiro é atualizada, revista, reescrita e ganha outras camadas, além de deixar à mostra o que foi reconsiderado ou o que seria apagado, retirado de um texto acadêmico que segue os cânones da modernidade. Para nós, a “sujeira” da escrita no percurso do sentirpensa a pesquisa é parte constituinte do processo de fazer com e aqui é visibilizada. Para tanto, usamos as palavras tachadas para dizer das expressões escritas primeiramente e as palavras em cor azul para dizer das reescritas.**





A melodia principal quem guia  
É a primeira voz, é a primeira voz  
Pra se dançar ciranda  
Juntamos mão com mão  
Formando uma roda  
Cantando uma canção.”

Imbuído do sentimento e da ideia de *fazer com* (CERTAU, 2014), apresento esta tese CARTA *feito produzida com os* dos estudos realizados ao longo do doutoramento no Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (PPGEdu – UNIRIO), sob orientação da Profa. Dra. Maria Luiza Sússekind. Nesse sentido, agradecemos *mais uma vez desde já* a disponibilidade e atenção dispensadas para conversarmos sobre o material que segue para apreciação.

Esta tese CARTA conversa com as narrativas de experiências de estágio dos(as) licenciando(as) em Teatro da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) no Colégio de Aplicação (CAP) da mesma instituição, socializadas nas primeiras edições da ação *Papo de Estagiário(a) – roda de conversa sobre estágio, programas de formação de professores e docência*. Os estudos têm se concentrado na perspectiva das pesquisas *nosdocom* os cotidianos em Educação (ALVES, 2008) e apresentam um texto de engenharia rizomática que conversa com outros modais textuais, propondo assim um experimento linguístico polifônico e plural de *fazerpensar* e sistematizar a pesquisa com aposta em outras dimensões do registro acadêmico.

Iniciado no ano pandêmico de 2020, o percurso dos estudos sofreu, assim como a vida de todos(as) nós, mudanças importantes que apontaram para caminhos até então desconhecidos, ou pouco usuais, ou inimagináveis, para um início de doutoramento, como o uso do gênero epistolar como escrita acadêmica e o

exercício da performance como dispositivo para/da/ com a pesquisa. Com os movimentos das pesquisas *nosdosc* os cotidianos (ALVES, 2008) e com Michel de Certeau (2014), tenho tentado enfrentar com “astúcia” as impossibilidades e criar, subverter e reinventar de modo a resistir aos instituídos e aos aspectos dados como limites.

Dos tempos em que o respirar necessitava de aparatos e estratégias como barreiras ao vírus mortal, passamos a esperar com dias melhores a partir do combate ao negacionismo e forte defesa da democracia, da solidariedade, da liberdade e da justiça social. Esta tese CARTA que agora apresento tem sido construída nesse contexto histórico em que vivemos e marcada por caminhos tortuosos e atalhos inesperados, mas também por uma força criadora que há no campo da educação, em movimentos complexos de resistência, criação e reinvenção **que acontece no encontro com o outro, com os outros.**

Na certeza de que dançaremos uma bela ciranda, juntando mão com mão, agradeço mais uma vez a oportunidade do encontro.

Até breve.  
Com carinho e admiração,  
Marcus Flávio  
Recife, ~~janeiro~~ abril de 2024.





Caríssimos(as) Leitores(as)

Espero que estejam bem.

Sou Marcus Flávio, doutorando em Educação na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), sob orientação da Profa. Dra. Maria Luiza Sússekind, com início do curso no ano pandêmico de 2020. Na trajetória pessoal, um ano de luto e reconfiguração da vida íntima/afetiva, da suspensão de sonhos e planos, do retorno à pós-graduação, do agravamento da demência que acomete minha mãe, mas também da constatação de uma força de criação e reinvenção pessoal e coletiva diante do cotidiano assustador que vivemos e que trouxe sequelas de todas e muitas ordens. O ano marcado na história recente da humanidade — o ano da COVID-19<sup>2</sup>.

2.



O doutoramento é um plano antigo, acalentado desde o final da minha graduação na Licenciatura em Ed. Artística – habilitação Artes Cênicas pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), em 1995. Nasci e resido no Recife<sup>3</sup> e é daqui que escrevo. É daqui que tenho cursado o doutorado, apartado das salas de aula da UNIRIO, que conheci apenas durante o processo seletivo no ano de 2019 e outras idas esporádicas nos anos de 2022 e 2023.

3.



A suspensão das atividades acadêmicas no mês de março do ano de 2020, em decorrência da presença do novo coronavírus em terras brasileiras, agravada pela ausência de orientação e políticas públicas para o enfrentamento à pandemia da COVID-19, por parte das instâncias governamentais, esvaziou as salas de aula e afastou toda a comunidade escolar da presencialidade. As portas das salas foram fechadas e abertas pequenas janelas virtuais por onde nos encontramos sob a forte sensação de estranheza, desconfiança e incômodo. A sala de aula invadiu a casa, e o espaço privado foi transformado em local de estudo e trabalho compartilhado com

outros, sem que houvesse tempo e condições mínimas para tal configuração. O esgarçamento do tempo é sentido pelo corpo que passou a ser muito mais demandado pela postura nem sempre adequada em frente ao computador e outros artefatos digitais, telas e mais telas, pequenas, grande e médias, *lives*, cursos, congressos, reuniões, tudo *online* — realidade imposta pelo isolamento físico nem sempre possível para a maioria da população brasileira. Iniciei o doutorado assim, distanciando, sem sala de aula presencial e suas discussões acaloradas. Eu aqui, outro eu na universidade, ou o que eu projetei de mim em um doutorado distante da minha cidade.

É também no Recife que tenho construído uma vida profissional e olhado o mundo com minha “antena parabólica enfiada na lama”<sup>4</sup>. De 1995 a 2010, trabalhei ininterruptamente em mais de um colégio da rede particular de ensino, vivendo propostas pedagógicas diversas, mas sempre defendendo o Ensino do Teatro voltado para uma experiência estética que possibilitasse a formação de um sujeito sensível e crítico. Naqueles colégios, fui aprendendo a ser professor e conheci de perto as necessidades da educação básica, que me exigiram repensar, em diversos momentos, meus planejamentos, voltando os pontos já bordados, mudando a espessura da agulha, refazendo desenhos já traçados. Em 2003, retorno à UFPE para cursar a especialização em Ensino do Teatro, na busca por espaço de estudo e sistematização teórico-metodológica. Da finalização desse momento, surge uma monografia em que discuti o conceito de criatividade nas ações postas pela metodologia do jogo teatral (SPOLIN, 2001). Foi o momento de folgar o bastidor<sup>5</sup> e reposicionar o tecido para ver melhor o desenho, uma vez que coloquei em evidência meu próprio fazer artístico-docente.

Dado relevante sobre minha trajetória profissional foi, e continua sendo, a participação como professor

**4. Imagem símbolo descrita por Fred Zero Quatro, jornalista e músico, no Primeiro Manifesto Mangue Caranguejos com Cérebros no ano de 1992.**

**5. Aparelho para bordar, geralmente redondo e de madeira, que sustenta e retesa o tecido a ser bordado.**





**6. O Ensino do Teatro chega ao currículo do CAP em 2010, quando da realização do primeiro concurso público para professor efetivo no campo do teatro. Antes disso, o Ensino das Artes Visuais e a Educação Musical estão presentes no currículo da escola desde a sua fundação, em 1958.**

7.



**8. No novo regimento, aprovado em 24/09/2021 pelo Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão, o referido serviço passou a ser chamado de Núcleo de Estágio e Formação Docente.**

formador em encontros pedagógicos promovidos por colégios das redes pública e privada do Recife, ocasiões em que tive a oportunidade de estabelecer conversas com docentes do Ensino Fundamental e com professores(as) de Teatro. É certo que, dessas experiências, sempre saio muito estimulado pela diversidade dos *fazeressaberes* (FERRAÇO, 2018, p. 52) docentes partilhados e com a forte sensação de pertencimento a uma rede enorme que acolhe e também impulsiona para novos e velhos desafios postos para todos(as) aqueles(as) que são e fazem a escola acontecer. Mais recentemente, no primeiro semestre do ano de 2019, atuei em mais um período de formação integrando a equipe de formadores(as) do campo da Arte vinculada à Secretaria Municipal de Educação do Recife, uma jornada de muitas construções, afirmações e inquietudes.

É aqui no Recife, no exercício diário da docência ao longo de 29 anos, que (re)encontrei meu interesse de pesquisa. Sou professor de teatro<sup>6</sup> no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Pernambuco (CAp-UFPE)<sup>7</sup> desde 2010, atuando no Ensino Fundamental 2 e Ensino Médio, assim como na formação de professores(as) como supervisor de estágio curricular no campo do Ensino do Teatro. Em 2016, assumi, no CAp-UFPE, a vice coordenação pedagógica do Serviço de Orientação e Atendimento ao Estagiário (SOAE)<sup>8</sup>, cuja principal função é de acolher, orientar e acompanhar os(as) licenciandos(as) durante o período de sua formação no Colégio. Na lida diária no SOAE, percebi que a comunidade escolar não tinha qualquer retorno das experiências vividas pelos(as) licenciandos(as) e que as questões demandadas pelo estágio curricular não estavam ocupando o espaço devido dentro do Colégio naquele momento. Isso me levou a afirmar que existe um paradoxo nesse contexto, uma vez que estamos falando do lugar criado para ser um campo de experimentação e formação

docente, mas que não pautava esses aspectos nas discussões pedagógicas colegiadas.

A partir dessa constatação, em 2016, desenhei uma ação<sup>9</sup> que envolvesse todo o Colégio e que proporcionasse debates ampliados sobre os estágios, tendo como objetivos: fomentar um espaço de *sentir-pensar* o estágio na formação de professores(as), socializar as experiências de estágio desenvolvidas no Colégio e consolidar um espaço de discussão sobre estágio e docência dentro do CAp-UFPE.

Em 2017, o *Papo de Estagiário(a) – roda de diálogo sobre estágio e docência* surge como ação e ocupa o chão da escola. Os relatos de experiência submetidos ao *Papo*, repletos dos cotidianos da formação e das tessituras dos processos de subjetivação daqueles sujeitos, têm me suscitado a pensar o estágio “como um *entrelugar* de reflexão e experimentação da identidade docente-discente, campo particular de disputas de saberes, fazeres e poderes entre a universidade e a escola” (SÜSSEKIND, 2011, p. 24), portanto, um *currere*, ou seja, o lugar onde os estudantes podem rascunhar “as relações entre conhecimento escolar, histórias de vida e desenvolvimento intelectual de modo que podem atuar de forma autotransformadora” (PINAR *apud* SÜSSEKIND, 2014, p. 27).

Diante do exposto e atravessado pelo percurso descrito, tenho como interesse de pesquisa para o doutoramento **as narrativas de experiências de estágio dos(as) licenciando(as) em Teatro no Colégio de Aplicação da UFPE**, socializadas nas primeiras edições do *Papo de Estagiário(a)*, por considerá-las como currículo, pois dizem do fazer cotidiano do CAp-UFPE, dos diversos *espaçostempos* da formação (ALVES, 2008), repletas, portanto, de elaboração e ressignificação de *fazeressaberes* socialmente reconhecidos, mas hierarquicamente considerados como menores pela ciência moderna (SÜSSEKIND, 2014), invenção/criação curricular na

**9. Juntamente com os(as) servidores(as) técnicos(as) Aldenize F. Lima, Camila M. Ladislau da Silva, Jadilson Miguel da Silva, Rafaela Ribeiro de Lima e o coordenador Prof. Danilo Leandro de Carvalho, que deixa o serviço no ano de 2017 para coordenar o Ensino Médio.**





formação de professores(as), currículos *praticados-pensados* (OLIVEIRA, 2016) forjados no cotidiano do chão da escola, “criação cotidiana dos *praticantes-pensantes* do cotidiano escolar, por meio de processos circulares em que se enredam conhecimentos, valores, crenças e convicções que habitam diferentes instâncias sociais, diferentes sujeitos individuais e sociais em interação” (ibidem, p. 97).

A pesquisa pertence à linha de pesquisa Políticas e Práticas em Educação do PPGEduc-UNIRIO, sendo desenvolvida no âmbito do Grupo de pesquisa Conversas Curriculares nos Cotidianos das Universidadescolas (ConCU),<sup>10</sup> liderado pela Profa. Dra. Maria Luiza Sússekind. Os estudos têm se concentrado na perspectiva das pesquisas *nosdoscom* os cotidianos em Educação, que abre espaço para as pesquisas com conversas e relatos de professores(as) e estudantes porque consideram, como afirma Sússekind, que “os relatos e outras produções *não formais* que abundam os *espaçostempos* escolares em todos os seus níveis podem ser pensados como *constructos* culturais (ou tessituras de redes) plenos de conhecimentos (ou *saberesfazeres*)” (2014, p. 110).

A opção *teóricoepistemometodológica* assumida nesta tese considera a escrita em primeira pessoa, portanto, valoriza a vivência do/no próprio ato de pesquisar como percurso singular e autoral. Como defendem Adrienne Ogêda Guedes e Tiago Ribeiro, metodologias minúsculas que captam poéticas dos cotidianos, as riquezas e vivacidades das experiências vividas, “aquelas que rompem com a normatividade do método enquanto condição de cientificidade, que reforçam a importância das multiplicidades, das diferenças, da polifonia, do diálogo. Uma metodologia com letra minúscula, compromissada com as singularidades, com o diferir, com o sabor e o saber criado e vivenciado na pesquisa” (2019, p. 18). Uma metodologia que considera os desvios, os *insights*, as

10.



errâncias, as dúvidas e inquietações que teimam em acompanhar o processo da pesquisa, as conversas e desalinhos com textos outros como o cinema, a música, a poesia, a fotografia, a pintura, desenhos e as performances como as presentes nesta tese.

Nesse sentido, a opção por uma tese CARTA é decorrência da experiência provocada pela obrigatoriedade do isolamento físico que me impediu de cursar presencialmente quase que a totalidade das disciplinas do doutorado. A CARTA foi definida como modo de escrita acadêmica para os trabalhos finais das disciplinas cursadas a cada semestre, como forma de enviar notícias aos meus professores, professoras e colegas de como eu estava vivendo o doutoramento apartado do convívio e dos espaços de convivência, portanto, espaços de aprendizagens. Sempre endereçadas ao Edu, amigo-personagem criado, de inspiração deleuziana, estabeleci com ele interlocução durante todo o curso, lhe enviando cartas periodicamente. Assim, na continuidade do modo de usar a escrita epistolar enquanto texto acadêmico, as cartas aqui escritas continuarão endereçadas ao Edu, que, como um personagem estético (DELEUZE, 2010), tem me provocado a pensar aspectos que atravessam o interesse de pesquisa e o próprio modo de fazer esta pesquisa. Com o Edu, estabeleci uma vinculação que tem permitido longas conversas, articulações de ideias e construção de *conhecimentossignificações* (ALVES, 2019) possíveis durante o doutoramento em um *espaçotempo* dilatado típico da escrita epistolar.

A partir dessa escolha *políticopoéticaestética*, deixo de atender a algumas das normas estabelecidas pela Associação Brasileira de Normas e Técnicas (ABNT), uma vez que o presente texto apresenta uma engenharia rizomática que conversa com outros modais textuais, propondo assim um experimento linguístico polifônico e plural de *fazerpensar* e siste-





matizar a pesquisa com aposta em outras dimensões do registro acadêmico.

Arrisco dizer que, metodologicamente, a presente tese é caracterizada por *fluxos rizomáticos de conversas* e faz uso de dispositivos diversos, como a utilização de QR code, que viabiliza o acesso a fontes diversas de informação, como dados oficiais, mas também a áudios, que ampliam sensorialmente a experiência da leitura do texto a partir da presença da voz do autor de uma das narrativas, além de composições musicais, performances e registros imagéticos diversos.

Na esteira da performatividade pretendida, convido então a assumirem o Edu como identidade provisória para que, assim, possam estabelecer uma relação de maior proximidade com o texto que aqui se encontra. Esta tese CARTA está estruturada da seguinte forma: na primeira etapa, estão as Cartas ao Edu, que falam das escolhas metodológicas criadas e assumidas — cartas, performances e conversa; na etapa seguinte, estão os Platôs, compostos cada um por uma Carta ao Edu e uma narrativa de experiência de estágio escrita por ex-estagiários(as); para finalizar, vêm *antes da última CARTA*, depois Referências e Anexos. As narrativas dos(as) ex-estagiários(as) compondo os Platôs partem da defesa de que esses textos provocaram as ideias primeiras para a pesquisa, de que são fontes mobilizadoras de múltiplos e diversos atravessamentos produzidos durante a caminhada do doutoramento. As muitas rodas de conversas que tivemos com autores e autoras dos campos de conhecimentos que interseccionam a presente pesquisa, nos encontros formativos, seminários, congressos, cursos, grupos de pesquisa, ocorreram, e ainda ocorrem, *com* as narrativas de formação presentes nos Platôs, textos que integram esta tese CARTA, textos constitutivos das redes que formo e nas quais sou formado e que

integram, assim, os fluxos rizomáticos de conversas que caracterizam esta pesquisa.

Outra recomendação diz respeito ao modo de ler esta teseCARTA. A sequência em que está disponibilizada segue um fluxo não linear. Quero dizer com isso que a leitura-apreciação poderá ocorrer pela ordem que mais lhe interessar, indo e voltando às cartas escritas, abandonando páginas, se demorando em outras, acessando os links e se deixando vagar, rizomatizando a leitura. Desejo, assim, uma bela experiência.

Com apreço e até a próxima carta.

Atenciosamente,

Marcus Flávio

Recife, abril de 2024.





Carta ao Edu  
*“será de alegria, será de tristeza?”*  
Aldo Cabral e Cícero Nunes



Recife, outubro de 2023

Edu, querido amigo.

Saudades muitas, confesso. Espero que esteja bem.

Por aqui, na escrita da tese. Daí, lembrei que não te enviei o capítulo de livro escrito (no prelo) sobre a opção pelo gênero epistolar para a escrita da tese. Pois bem, com esse envio encerro minha dívida com você, espero que não seja muito tarde para tal. Para essa publicação, fiz um resgate do meu percurso com a escrita de cartas e de como fui tomado por esse gênero. Espero que goste e aguardo seu retorno, sempre muito mobilizador.

Cheiro grande.  
Marcus Flávio



## “Quanta verdade tristonha ou mentira risonha uma carta nos traz...” – a escrita epistolar como currículo na pós-graduação

Quando o carteiro chegou  
E o meu nome gritou  
Com uma carta na mão  
Ante surpresa tão rude  
Nem sei como pude  
Chegar ao portão  
Lendo o envelope bonito  
O seu subscrito eu reconheci  
A mesma caligrafia  
Que me disse um dia: estou farto de ti  
Porém não tive coragem de abrir a mensagem  
Porque na incerteza  
Eu meditava, dizia: será de alegria ou será de tristeza?  
Quanta verdade tristonha ou mentira risonha  
Uma carta nos traz  
E, assim pensando, rasguei sua carta e queimei  
Para não sofrer mais

A composição de Aldo Cabral e Cícero Nunes, intitulada “Mensagem”, cantada por muitas vozes da música popular brasileira, inspirou o título deste capítulo por remeter ao aspecto enigmático e confessional da carta, gênero textual assumido na escrita dos trabalhos finais para as disciplinas cursadas durante o doutoramento em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (PPGEdu/UNIRIO), iniciado no ano pandêmico de 2020.

Aqui resgataremos o percurso da escrita das cartas, seu endereçamento, características do gênero epistolar e engendramentos epistêmicos com autores e autoras com quem conversamos em nossos estudos. Se para nós o currículo é uma conversa complicada porque “acontece entre pessoas, diariamente, nas escolas tanto nas salas de aula como em seus outros *espaçotempos*” (SÜSSEKIND, 2019, p. 66, grifo da autora), a partir da experiência vivida cotidianamente, apostamos então na ideia da carta como currículo, como *espaçotempo* deslocado e coletivo-singular. Quando muitas formas de comunicação e escrita têm sido estu-

dadas, nos voltamos para uma considerada tradicional e até antiquada, mas que existe nas escritas curriculares nas escolas, na literatura e que é tomada num movimento de deslocamento, de desconstrução, pensando a carta nos seus múltiplos formatos, ela que rompe com a linearidade do tempo, que “conversa com pessoas ausentes” (DIAZ, 2016, p. 30), traz notícias da vida política e pessoal, reflexões, análises. A carta, assim, dada a sua ampla caracterização, é entendida por nós como uma conversa complicada também porque “não há uma essência eterna da carta, mas a existência flutuante e contingente de um certo modo de comunicação” (HAROCHE-BOUZINAC, 2016, p. 26).

O trabalho aqui apresentado é uma ampliação do texto submetido ao *V Colóquio Luso-Afro-Brasileiro de Questões Curriculares*<sup>11</sup> e das contribuições do Grupo de Pesquisa Conversas Curriculares nos Cotidianos das Universidadescolas (ConCU), liderado pela Profa. Dra. Maria Luiza Süssekind e ao qual somos vinculados.

## O contexto da escrita das cartas

Com a suspensão das atividades acadêmicas em decorrência da chegada do novo coronavírus em terras brasileiras, agravada pela ausência de orientação e políticas públicas para o enfrentamento à pandemia da COVID-19, por parte das instâncias governamentais, as salas de aula foram esvaziadas e toda a comunidade escolar foi afastada da presencialidade. No mês de março de 2020, as universidades públicas federais por todo o país, em sua grande maioria, suspenderam suas atividades por quinze dias, seguindo recomendações sanitárias, de modo a reduzir a circulação do grande contingente de pessoas em suas instalações. Assim como todo mundo, fomos surpreendidos com tais medidas e precisamos reconfigurar o planejamento construído para cursar o doutorado em Educação na UNIRIO. Naquele momento, não sabíamos exatamente a gravidade da situação epidemiológica pela qual o planeta estava por viver e, antes mesmo que os quinze dias iniciais terminassem, novos períodos de suspensão foram anunciados enquanto víamos os índices de infectados e mortos aumentarem pelo Brasil e mundo afora. A COVID-19 impunha procedimentos de higienização e isolamento físico através de quarentenas e *lockdown* nem sempre possíveis para a grande parte da população brasileira, asseverando o abismo social já existente.

11. Edição de 2021, que ocorreu na Universidade Federal da Bahia (UFBA), de forma remota, na cidade de Salvador.

Distanciados do convívio diário, tivemos que encontrar outros modos de estarmos juntos, de pensar, trabalhar, estudar, viver. Dessa maneira, os artefatos midiáticos foram acionados e fomos forçados a entender seus mecanismos e formatos. Uma série de providências, adequações e novas rotinas foram operacionalizadas, da educação básica à pós-graduação, no intuito de manter vínculos e assegurar acesso e permanência aos estudantes, corpo técnico e docente ao seu lugar de estudo e de trabalho. O PPGEdU/UNIRIO dá início às atividades letivas no mês de agosto, quando oficialmente os doutorandos da turma 2020 são acolhidos no Curso Desafios do Conhecimento em Tempos de Pandemia, que substituiu a primeira disciplina obrigatória – Educação e Sociedade: questões teórico-epistemológicas. As aulas aconteceram sempre às terças-feiras à tarde, de agosto até outubro, com uma temática diferente a cada semana, uma espécie de painel, que teve a curadoria dos(as) professores(as) visitantes<sup>12</sup> no Programa. O formato remoto possibilitou encontros com pesquisadores(as), professores(as) e ativistas que atuam em lugares diversos deste país gigante em que vivemos e até de fora dele, como foi o caso do Prof. Oscar Hara, na Costa Rica, e o Prof. Boaventura de Sousa Santos, em Portugal.

Ao final do semestre nos foi solicitada, como parte integrante do processo avaliativo, a sistematização do que foi vivido no curso. Algo que nos tenha tocado particularmente em alguma das dez sessões ocorridas ou um aspecto geral que nos tenha atravessado. Foi nesse contexto que a primeira carta foi escrita e endereçada a um personagem criado, um amigo fictício de nome Edu, a quem dou notícias, através de uma narrativa epistolar, do percurso letivo com comentários sobre as aulas assistidas, os debates ocorridos, as questões levantadas, as leituras realizadas, a rotina pandêmica no espaço doméstico e os enfrentamentos cotidianos do/no tempo suspenso e desafiador que ainda vivemos. A escolha pelo gênero epistolar, de forma intuitiva, foi definida como um modo de dar notícias ao outro, aos outros, ao Programa e ao corpo docente de como o doutorado estava sendo vivido. Um modo de conVERSAR, versar COM, corresponder, enviar notícias do mundo de cá, pois, como diz Haroche-Bouzinac: “a carta, conversa com um ausente, representa um fato maior da solidão” (2016, p. 11). Dessa escrita, ainda resultou uma audiocarta, na qual há alguma experimentação sonora, tentativa de criar uma ambiência sensorial na perspectiva de quem lê a carta.

12. Profa. Regina Novaes, Prof. Pedro Pontual e Prof. Eric Plaisance.

A partir do segundo semestre de 2020, o gênero epistolar foi assumido como poética para os trabalhos finais, sempre endereçados ao Edu, amigo fictício, cúmplice da minha interlocução com o currículo proposto pelas disciplinas cursadas. O Edu surge como personagem no veio de uma criação dramática que reinventa modos acadêmicos estabelecidos, como tática ceriteuniana, uma vez que aponta “para uma hábil *utilização do tempo*, das ocasiões que apresenta e também dos jogos que introduz nas fundações de um poder” (CERTEAU, 2014, p. 96, grifo do autor). Segundo afirma o historiador francês, “as táticas são procedimentos que valem pela pertinência que dão ao tempo — às circunstâncias que o instante preciso de uma intervenção transforma em situação favorável, à rapidez de movimentos que mudam a organização do espaço” (*ibidem*). Ao Edu são confiadas verdades tristonhas e tantas outras mentiras risonhas — maneiras de fazer na/da/com a escrita epistolar na pós-graduação.

## O contexto das cartas escritas

As cartas são textos fluidos, híbridos e rebeldes que rejeitam conceituações fechadas e rígidas “tensionando-se entre a norma e a inventividade, o privado e o público, a oralidade e a escrita, o ensimesmamento e a alteridade, o prosaico e o literário” (HAROCHE-BOUZINAC, 2016, orelha do livro), mas possuem uma caracterização mínima que as distingue de outros textos: a destinação e a subscrição explícitas.

Gênero que transita entre as categorias documento, arquivo e testemunho, as cartas tornaram-se objetos de apreço pela crítica literária do século XIX. Por um lado, foram colecionadas, editadas e difundidas como obras de fato e de direito; por outro, foram reduzidas a simples dados biográficos ou psicológicos de pouco interesse coletivo. Segundo a professora Brigitte Diaz (2016), na carta estão presentes ambivalências que perpassam a experiência da subjetividade e a dos vínculos sociais, entre a escrita e a conversação, o prosaico e o literário, o despretensioso e a formação pedagógica. Para a professora Geneviève Haroche-Bouzinac:

“De uma carta se espera, de modo muito diferente conforme a época, notícias da vida política ou pessoal, anedotas, relatos agradáveis, análises, reflexões, revelações sobre si, confidências, expressão de sen-

timentos. Se a vocação do instrumento epistolar muda, seu conteúdo também evolui (2016, p. 27).”

Dessa forma, a escrita da carta nos pareceu como uma possibilidade de interação, comunicação e (re)invenção no/do/com o cotidiano estudantil na pós-graduação dada a sua fluidez, maleabilidade e resistência a conceituações estritas, com trânsito entre as normas e a inventividade com quebra da temporalidade linear dos fatos, como afirmam as autoras mencionadas anteriormente. As cartas trazem marcas, pistas, indícios, sinais (GINZBURG, 1989) da experiência vivida no percurso (auto)formativo, onde podemos perceber reflexões, angústias, alegrias, medos e esperanças de um início de doutoramento no tempo suspenso, complexo e desafiador imposto pela crise sanitária que nos acometeu fortemente do ano de 2020 a 2022, como podemos perceber nos trechos a seguir:

1°. *As angústias, medos, temores, pavores, taquicardia, ansiedade também se apresentaram como novos saberes-fazer (FERRAÇO, 2018) e ainda estão presentes, confesso. Já perdi as contas de quantas vezes peguei a COVID-19. Sim, já tive a nítida sensação de ter sido infectado – dor de cabeça, dores no corpo, tosse insistente e alguma falta de ar foram sintomas anunciados pelo meu corpo, mas, depois de uma boa noite de sono, descobri que minha mente anunciara tais sintomas. Ufa!!! Não foi o coronavírus, que alívio. A meditação me ajuda muito, não sei o que seria de mim sem ela na minha rotina. – I CARTA AO EDU, dez./2020.*

2°. *Olhar a minha pesquisa sob essa perspectiva me leva a pensar que precisarei, como diz Ginzburg, ser um “caçador agachado na lama, que escruta as pistas da presa” (1989, p. 154) – narrativas de experiências de estágio ocorrido no cotidiano do Colégio de Aplicação da UFPE, buscando indícios (ibidem), decifrando as pistas a fim de compreender a dimensão dessas experiências na trajetória acadêmico-profissional dos(as) licenciandos(as). Sou um professor formador pesquisador que atua na educação básica há mais de vinte anos e percebo a complexidade do chão da escola e a efemeridade do ocorrido em seu cotidiano. Digo isso porque os INDÍCIOS me levarão a uma parte dos fatos, nunca à sua totalidade, nunca a uma compreensão total porque a escola é um organismo vivo, em constante movimento, terra movediça em chão buliçoso. – II CARTA AO EDU, fev./2021.*

3°. *Na página 134 do livro Práticas Pedagógicas em Imagens e Narrativas, editado pela Cortez em 2019, a Profa. Nilda afirma que todos*

*nós que fazemos a escola somos “contadores de história sobre os processos que se dão nos tantos ‘dentrofora’ das escolas: todos e todas são verdadeiros ‘contadores de escola’”. Nesse sentido, penso que olhar o espaço que tem como um dos princípios fundadores da sua existência a formação de professores, como é o Colégio de Aplicação, é adentrar nas diversas histórias de formação docente narradas pelos(as) licenciandos(as), considerando o estágio como “entrelugar de reflexão e experimentação da identidade docente-discente, campo particular de disputas de saberes, fazeres e poderes entre universidade e a escola”, como afirma minha professora e orientadora Maria Luiza Sússekind no livro Universidade-Escola – Diálogo e Formação de Professores, na página 24, editado pela De Petrus et Alii e Faperj em 2011. – I CARTA AO EDU, dez./2020.*

*4º. Nessa operação de caça (CERTEAU, 2014), além dos autores indicados pelos professores, senti a necessidade de outros que tomassem o COTIDIANO como aspecto central em seus textos. Reconheço agora, à medida que te escrevo, que essa foi, talvez, uma tentativa de construção de pontes epistemológicas entre aqueles e os cotidianistas – um pouco mais familiares. Precisaré pensar um pouco mais sobre isso que acabo de escrever. – II CARTA AO EDU, fev./2021.*

*5º. Pois bem, Edu, dois autores contemporâneos, Certeau e Ginzburg, a partir de seus lugares e modos de existir diferentes, anunciam que SER e ESTAR CAÇADOR é condição “sine qua non” para aquele que pretende ler/olhar/sentir/mergulhar no cotidiano e se emaranhar nas infinitas camadas e tessituras dos acontecimentos, sem negligenciar os pormenores, “ressaltando, pelo contrário, a importância característica dos detalhes secundários, das particularidades insignificantes” (GINZBURG, 1989, p. 147). – II CARTA AO EDU, fev./2021.*

*6º. Para encerrar essa nossa carta, Edu, afirmo que a CONVERSA se apresenta como uma escolha metodológica porque dialoga com meus interesses de pesquisa, porque é um gesto pedagógico, porque “se dirige não tanto àquilo que as coisas são, mas àquilo que há nas coisas. Conversa-se não tanto sobre um texto, mas sobre seus efeitos sobre alguém, conversa-se não tanto sobre um saber, mas sobre suas ressonâncias em nós, conversa-se não para saber, mas para manter tensas as dúvidas essenciais: o amor, a morte, o destino, o tempo” (SKLIAR, 2018, p. 12). Finalizo, por ora, com muitos fios soltos nesse bordado que se pretende pesquisa. Fios de meadas diversas desejosos por outros e novos encontros, outras e novas e antigas conversas. – II CARTA AO EDU, abr./2021.*

Diante do exposto, consideramos as cartas como currículos criados nos *espaçotempos* da formação (ALVES, 2008), assim como elaboração, ressignificação e reinvenção de *saberesfazeres* socialmente reconhecidos, mas hierarquicamente considerados menores pela ciência moderna (SÜSSEKIND, 2014a). Elas também são anunciadoras do entrelaçamento *práctateoriaprática* (ALVES, 2008), indicadoras de saberes e pensares sobre as práticas curriculares vividas nos primeiros anos do doutoramento. As cartas, assim como:

Os relatos e outras produções *não formais* que abundam os *espaçotempos* escolares em todos os seus níveis podem ser pensados como *constructos* culturais (ou tessituras de redes) plenos de conhecimentos (ou *saberesfazeres*) [...] e as narrativas em todas as suas formas (relato, fofoca, briga, mensagem, escrevinhações, etc.) como alegorias de cultura (MARCUS, 1998), como extratos de narrativas produtoras e organizadoras de *saberesfazeres* fugazes e gazeteiros que não localizam pertencimento, não têm um próprio, configuram táticas de praticantes em rede, e, por sua vez, inviabilizam autorias e propriedades, bricolam origens e se estabelecem como artes de sucata, faladas ou escritas (SÜSSEKIND, 2014a, p. 110-111, grifos da autora).

As cartas escritas e enviadas, presentes neste capítulo, são produções de um currículo *pensadopracicado* (OLIVEIRA, 2016) nos anos letivos de 2020 e 2021, uma vez que expõem o cotidiano como *espaçotempo* de criação e reinvenção curricular, múltiplo, cruzado e entrelaçado em redes de *práctateoriaprática* (ALVES, 2008), onde os *saberesfazeres* são tecidos constantemente. Mostram-se, assim, conversa complicada (SÜSSEKIND, 2014b), uma vez que emaranham, rizomatizam *conhecimentossignificações* (ALVES, 2019), biografias, sentimentos, abrangem diálogos locais e globais, trazem influências, alegorias e ascendências e constituem-se “por aquilo que acontece e aconteceu dentro e fora da sala de aula, como nas famílias dos alunos” (SÜSSEKIND, 2014b, p. 32). A conversa é complicada porque nunca se sabe ao certo onde irá parar, aonde pode-se chegar e sua potência “consiste em sustentar a tensão entre as diferenças” (LARROSA, 2003, p. 212).

Compreendemos, portanto, que as cartas escritas ao Edu, amigo/personagem criado, se encontram dentro do entendimento do que William Pinar vai chamar de *currere*, ou seja, “a experiência vivida do currículo” que “ressalta a experiência cotidiana do indivíduo e sua capacidade de aprender a partir da experiência, reconstruir a experiência

por meio do pensamento e do diálogo para possibilitar o entendimento” (PINAR *apud* LOPES e MACEDO, 2016, p. 20).

Quanta verdade tristonha ou mentira risonha uma carta nos traz? Não sabemos ao certo. Por ora, preferimos apostar na escrita da carta como lugar de produção de conhecimento, de valores, da existência e da resistência; como dimensão criadora da vida, da vida em sociedade em que ela se realiza, se inventa e reinventa, dia após dia, cotidianamente; e como exame autobiográfico e social de minha vida, formação e *prácticateoriaprática* como *professorformadorartista*. A poética epistolar é assumida como currículo da/na/com a formação que enreda narrativas e enlaça redes de práticas e saberes emancipatórios, atribuindo sentido às experiências em vez de desperdiçá-las. Uma performance do *currere*.

## Referências

- ALVES, N. Decifrando o pergaminho – os cotidianos das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: OLIVEIRA; I. B. de; ALVES, N. (orgs.). **Pesquisas nos/dos/com os cotidianos** – sobre redes de saberes. 3ª edição. Petrópolis: DP et Alii, 2008.
- ALVES, N. **Práticas pedagógicas em imagens e narrativas** – memórias de processos didáticos e curriculares para pensar as escolas de hoje. São Paulo: Cortez, 2019.
- CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994, v.1.
- DIAZ, B. **O gênero epistolar ou o pensamento nômade: formas e funções da correspondência em alguns percursos de escritores no século XIX**. Trad. Brigitte Hervot e Sandra Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.
- FERRAÇO, C. E.; SOARES, M. C. S.; ALVES, N. (orgs.). **Michel de Certeau e as pesquisas nos/dos/com os cotidianos em Educação**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2018.

GINZBURG, C. **Mitos, emblemas e sinais**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

HAROCHE-BOUZINAC, G. **Escritas epistolares**. Trad. Ligia Fonseca Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

LARROSA, Jorge. Epílogo. A arte da conversa. In: SKLIAR, Carlos. **Pedagogia (improvável) da diferença – e se o outro não estivesse aí?** Rio de Janeiro: DP&A, 2003 – 211-216.

OLIVEIRA, I. B. **O currículo como criação cotidiana**. Petrópolis: De Petrus et Alii; Rio de Janeiro: Faperj, 2016.

PINAR, W. **Estudos curriculares: ensaios selecionados**. Org. Alice Casimiro Lopes e Elizabeth Macedo. São Paulo: Cortez, 2016.

SKLIAR, C. Elogio à conversa. In: RIBEIRO, T.; SOUZA, R.; SAMPAIO, C. S. (orgs.) **Conversa como metodologia de pesquisa: por que não?** Rio de Janeiro: Ayvu, 2018.

SÜSSEKIND, M. L. As artes de pesquisar *nos/dos/com* os cotidianos. In: OLIVEIRA; I. B. de; GARCIA, A. (orgs.) **Aventuras de conhecimento: utopias vivenciadas nas pesquisas em educação**. 1ª edição. Petrópolis: De Petrus; Rio de Janeiro: Faperj, 2014a.

SÜSSEKIND, M. L. **Quem é... William F. Pinar?** 1ª ed. Petrópolis: De Petrus et Alii, 2014b.

Carta ao Edu  
*“performar parece um caminho”*



Recife, abril de 2023.

Olá, Edu querido.

Cá estou depois de um longo período sem dar notícias.

Espero que estejam todos bem por aí. Por aqui, muitas coisas aconteceram desde a nossa última carta no final do ano de 2022. Demandas de muitas ordens, pessoais, afetivas e, sobretudo, acadêmicas. Sobre elas que desejo conversar com você. Em fevereiro desse ano, mais precisamente no dia 03, uma sexta-feira à tarde, fiz a primeira qualificação da pesquisa. Fui até o Rio de Janeiro e lá me juntei à Luli, à Profa. Carmen Sanches e ao Prof. Ferraço, estes dois últimos virtualmente. Tempo nublado com muitos trovões e ameaça de chuvas fortes no Rio. Na Urca, da casa da minha orientadora, parecia que o céu iria desabar a qualquer instante. Foi ali, com a sala reconfigurada com móveis retirados dos seus lugares originais, que me movimentei em muitos sentidos e camadas. Me desloquei, corpo e pensamento. Tive as ideias atravessadas pelas falas da Profa. Carmen e do Prof. Ferraço. Foi uma tarde de intensas trocas, acolhimento, novos desafios, horizonte teórico ampliado, dobrado e transbordado. Para essa primeira qualificação, preparei uma performance e tive a ajuda do amigo Bruno Ganem, que tem me acolhido no Rio sempre que necessito. Utilizei a música “Deixe”,<sup>13</sup> composição do Juliano Holanda e do Martins, cantada por este último, um jovem cantor recifense, que tem produzido lindamente. Desde que a escutei pela primeira vez, senti que a canção conversava bastante como minhas inquietações, com a pesquisa, com a vontade de me mover, dançar, corporificar os estudos, *corpoescrever* a tese... performar a escrita. Tudo isso não por um modismo ou pretensão estética vazia, oca, sem fundamentos; pelo contrário, necessidade premente e vinculação fortalecida com os modos de

13.





**14. Trabalho  
apresentado no XI  
Seminário Internacional  
As Redes Educativas  
e as Tecnologias,  
no ano de 2022, na  
Universidade do Estado  
do Rio de Janeiro  
(UERJ).**

*pensarfazer* pesquisa como os cotidianos, mas, antes disso, resgate dos modos próprios de pensar e viver o mundo, o corpo em estado de REpresentação, no/do lugar da espetacularidade, modos muito caros a mim, sujeito do teatro — gesto, movimento, palavra, som... “Deixe que tudo que há num corpo se revele”, canta o Martins. Mover o corpo na perspectiva de performar com/na/para a pesquisa já havia acontecido anteriormente e sobre isso escrevi e apresentei trabalho,<sup>14</sup> que envio agora junto com essa carta para você.



## MOVER O CORPO DESLOCANDO IDEIAS – experiências corpóreas com/na/para a pesquisa

*Ser estudante era antes de tudo uma forma de vida em que certamente eram determinantes o estudo e a escuta das aulas, mas não menos importantes eram o encontro e a troca constante com os outros scholarii, que frequentemente vinham dos lugares mais remotos e se reuniam em nationes segundo seu lugar de origem.*

G. Agamben

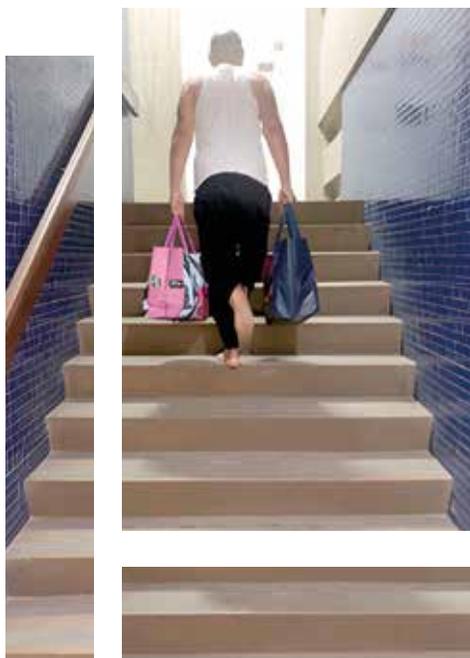
A citação acima, do filósofo italiano Giorgio Agamben, faz parte do texto *Réquiem para os estudantes*, publicado no site do Istituto Italiano per gli Studi Filosofici, em maio de 2020. No pequeno texto, o autor tece considerações sobre “o fim da vida estudantil como forma de vida” e o “apagamento da vida de toda experiência dos sentidos e a perda do olhar, permanentemente aprisionado numa tela fantasmagórica”, ocasionados pelo que vai chamar de barbárie tecnológica e invasão das tecnologias digitais sob o pretexto da pandemia.

Como doutorando<sup>15</sup> em tempos pandêmicos, apartado do convívio dos meus pares — docentes e colegas de turma — e da presencialidade do corpo e todos os seus sentidos nos espaços de aprendizagens, como as salas de aula, corredores, biblioteca, pátios e auditórios, sofri, e ainda sofro, com o distanciamento físico, embora reconheça certos ganhos que os aparatos tecnológicos trouxeram para a atividade pedagógica, sobretudo na pós-graduação, durante o período mais intenso da pandemia em nosso país. No contexto do isolamento físico, tivemos que encontrar outros modos de estarmos juntos, de estudar, pesquisar e pensar currículo e formação docente. E, nesse sentido, procuramos construir descaminhos, romper fronteiras, reestabelecer rotas, mudar trajetos, rever a compreensão de coletividade, repensar o entendimento de individualidade e definir táticas que nos levassem a outros lugares, ou não lugares, que nos mantivessem em ação, que nos movessem com/na/para a pesquisa e nos fizessem sobreviver. Sobre a compreensão de tática, Michel de Certeau nos diz que:

15. Em 2020, ingressei o PPGEdU/UNIRIO, sob orientação da Profa. Maria Luiza Sússekind.

as táticas são procedimentos que valem pela pertinência que dão ao tempo — às circunstâncias que o instante preciso de uma intervenção transforma em situação favorável, à rapidez de movimentos que mudam o espaço, às relações entre momentos sucessivos de um “golpe”, aos cruzamentos possíveis de durações e ritmos heterogêneos etc. (2014, p. 96).

A imobilidade do corpo, ocasionada pelo tempo diante dos artefatos tecnológicos e digitais, foi imperativa para que eu pudesse me voltar para meu próprio corpo e sentir suas demandas, escutar seus impulsos, dores, fragilidades, mas também seus desejos, pulsões e potências. A necessidade de me mover e me deslocar aflorou com tanta intensidade que decidi dar vazão e retornei para a sala de aula/ensaio a fim de colocar meu corpo no exercício da expressividade, de forma livre, orgânica e visceral.



Periodicamente tenho voltado<sup>16</sup> ao Colégio de Aplicação da UFPE e ocupado o Laboratório de Teatro com os materiais de estudo: livros, cadernos, textos, desenhos e todos os relatos das experiências de estágio impressos, além de outros materiais que me acompanham na trajetória do doutoramento, como os artefatos para bordar, caixa de som, óleos essenciais. O que move meu corpo para essa experiência é o desejo de dizer como tenho vivido o doutorado e a pesquisa em andamento nesse tempo suspenso e desafiador da pandemia. Levo também os atravessamentos causados pelas leituras, as alegrias e angústias do caminho, o luto pela não presencialidade das atividades acadêmicas, os desalojamentos vividos diante das encruzilhadas que a pesquisa com as narrativas de formação – os relatos das experiências de estágio – têm me possibilitado. Tenho movido meu corpo para deslocar ideias... tenho ideias para mover o corpo... Performar parece um caminho. Tento corporificar a pesquisa porque “é preciso ter claro de que não há outra maneira de se compreender as tantas lógicas dos cotidianos senão sabendo que estou inteiramente mergulhada nelas, correndo todos os perigos que isto significa” (ALVES, 2008, p. 18). Mais do que nunca, tenho aprendido com Nilda Alves que:

buscar entender, de maneira diferente do aprendido, as atividades dos cotidianos escolares ou dos cotidianos comuns, exige que esteja disposta a ver além daquilo que outros já viram e muito mais: que seja capaz de mergulhar inteiramente em uma determinada realidade buscando referências de sons, sendo capaz de engolir sentindo a variedade de gostos, caminhar tocando coisas e pessoas e me deixando tocar por elas, cheirando os odores que a realidade coloca a cada ponto do caminho diário (2008, p. 18-19).

Um conjunto de dispositivos metodológicos próprios do campo da atividade corporal que visam à construção da expressividade estão sendo acionados, reconstruídos, inventados na sala de aula/ensaio, como os jogos psicofísicos, a improvisação, a construção de partituras corporais e células dramatúrgicas. A experiência tem sido desafiadora porque profunda, visceral e orgânica, mobilizadora de afetos no caos da criação artística. O campo da

16. Acompanhado pela Profa. Fernanda Mélo, também professora de Teatro no CAp-UFPE, palhaça e contadora de histórias, uma interlocutora neste processo de corporificação da pesquisa e autora dos registros fotográficos aqui presentes.

performance é movediço, extenso, poroso e dilatado, assim como sua origem e conceituação. Para a professora e pesquisadora teatral Eleonora Fabião, a “performance desafia definições, pois ativa dinâmicas paradoxais que complicam estatutos tradicionais tanto do fazer quanto da fruição artística: trata-se da fundação de uma *cena-não-cena* [...] É *trans-real*, pois que move e move-se por múltiplas camadas de sentido sem deixar-se fixar” (2009, p. 64, grifos da autora).



Segundo o *Dicionário do Teatro Brasileiro – temas, formas e conceitos*, “a performance nasce como arte híbrida, espetacular, *mixed-media* das artes plásticas, visuais e cênicas. Partindo da investigação de suporte, das *assemblages* do corpo (*body art*), dos *happenings* que enfatizam o acontecimento e do uso de multimídia, a performance propõe modos inventivos num movimento *anti-establishment* e anti-arte” (GUINSBURG, FARIA, LIMA 2006, p. 240). A poética da performance assume a materialidade do corpo, dos conceitos e dos objetos propondo uma espetacularidade sob uma desconstrução da tríade essencial da linguagem teatral – texto, intérprete e público –, alterando as relações de espaço-tempo convencionais. O retorno ao chão da escola é carregado de significados porque, diante da necessidade premente de mover o corpo com/na/para a pesquisa, retorno para o espaço físico da prática pedagógica que tem, na potência da criação/invenção de mundos, sua matéria maior, seu alimento de subsistência, razão do seu existir. Retorno para poder seguir adiante, seguir em frente, arejar os poros, “realizar ‘conversas’ entre nós e com outras pesquisadoras/es, fazer aparecer modos outros de ‘fazerpensar’ que atendam ao que ainda não foi ‘feitopensado’ e que precisa ser ‘feitopensado’, entendendo que só assim nos é possível ir adiante” (ANDRADE, 2019, p. 26-27). Sinto, como Nilda Alves, que:

É preciso criar uma nova organização de pensamento e novos processos a partir daquelas lógicas sempre vistas como inferiores ou pouco lógicas, e mesmo não lógicas, perguntando até se são ou precisam ser lógicas. Vou, assim, precisar criar a partir da não seqüência, de espaçostempos vazios ou sem significados lógicos – talvez da falta de tempo e do não lugar (AUGÉ, 1994) – já que essas práticas se estabelecem no próprio alheio, formando tecidos fragilmente trançados (2008, p. 24, grifo da autora).

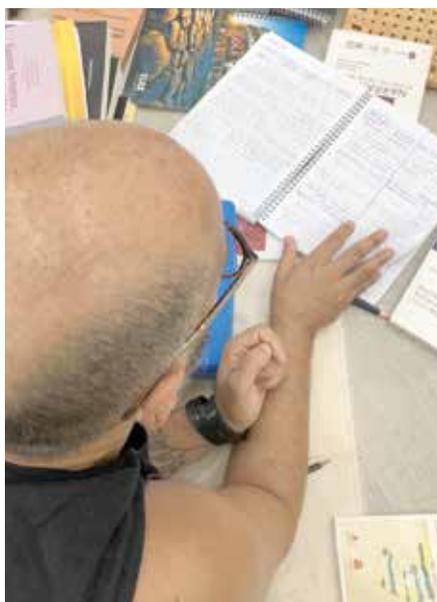




Na experiência, tenho movido as narrativas de formação e as leituras já realizadas no e pelo espaço da criação/invenção, fazendo do meu corpo morada provisória da palavra-ação, performando textos, corporificando currículos, me apropriando das palavras alheias tornando-as minhas, fazendo emendas, costuras dramáticas tecidas com fios de meada das redes educativas que formamos e nas quais nos formamos. Não sei exatamente onde isso vai dar. Sei do que sinto no corpo — a necessidade de me mover com/na/para a pesquisa, colocar meu corpo na roda, dançar na/com a angústia, alegrias, dúvidas, medos, incertezas, desejos, frustrações, luto e esperanças... nas encruzilhadas, nos caminhos desconhecidos, mas sentidos. Venho deslocando leituras para atravessar ideias; respirar, sugar, suar, comer Ferraço e Pinar; deitar com Inês, Graça e Nilda; dançar, fumar, beber com Sússekind e o ConCU<sup>17</sup>.

Ora, incorporar tudo isto como parte de nossos tão variados e complexos cotidianos exige [...] que usemos todos os nossos sentidos: do olhar hegemônico herdado aos toques, incluído o olfato, a audição, o paladar. Tudo isso exige esforço pois fomos educados para ignorá-los e precisamos trabalhar na criação de processos de como usá-los e a partir de que lógicas (ANDRADE, 2019, p. 30-32).

17. Grupo de Pesquisa Conversas Curriculares nos Cotidianos das Universidadescolas (ConCU-UNIRIO), liderado pela Profa. Maria Luiza Sússekind





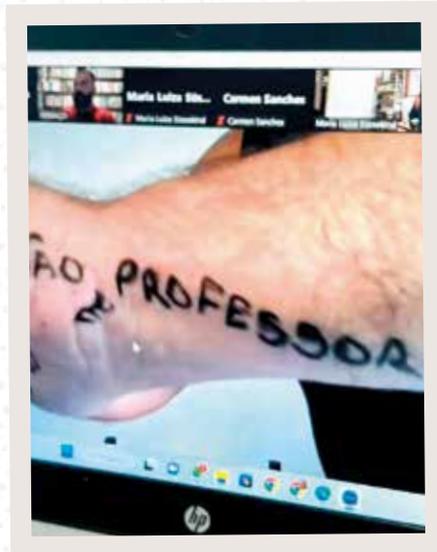
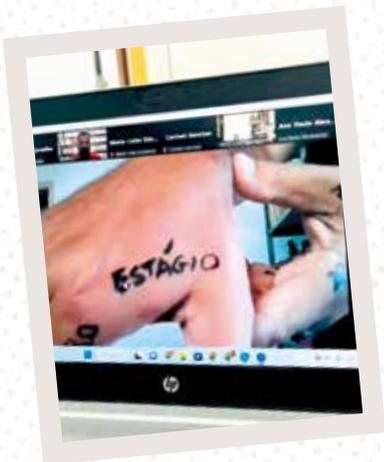
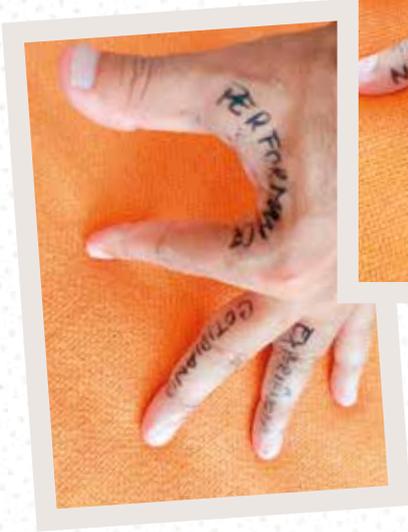
Completamente imerso nesta experiência de mover o corpo deslocando ideias, em movimentos caóticos na/da criação/invenção, compreendendo que o currículo ganha outras corporalidades sob a perspectiva dos estudos dos cotidianos, morrendo e ressuscitando a cada instante, correndo o risco da superficialidade e obviedade, penso junto com Ferraço que toda experiência vivida até aqui “é fortemente centrada na vida cotidiana e na valorização das ações de resistência e sobrevivência [...] uma metodologia de pesquisa das práticas concretas e das artimanhas produzidas e compartilhadas. Uma metodologia do que é feito e como é feito” (2008, p. 112, grifos do autor). Percursos impossíveis de serem antecipados e que só se desvelam a cada passo, indicando descaminhos e encruzilhadas férteis e potentes que impedem um recuo.

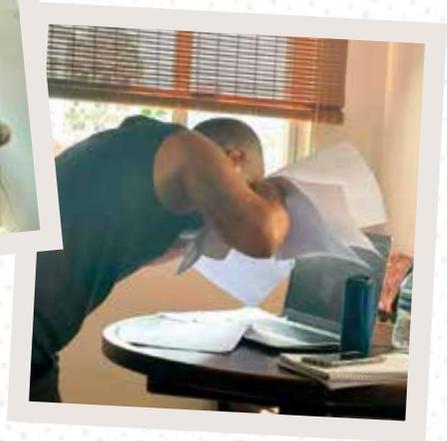
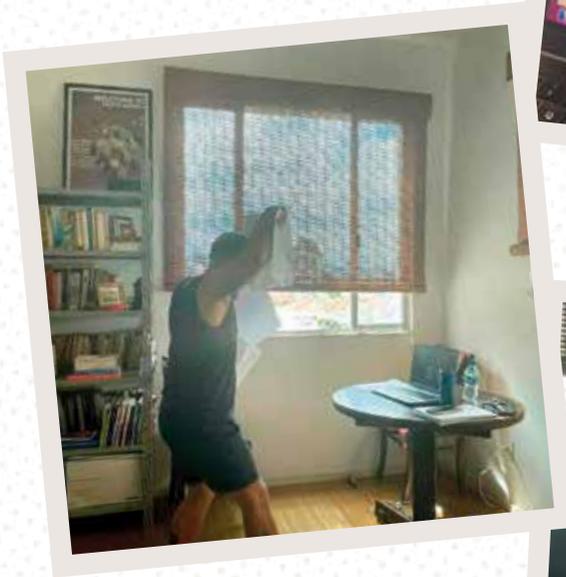
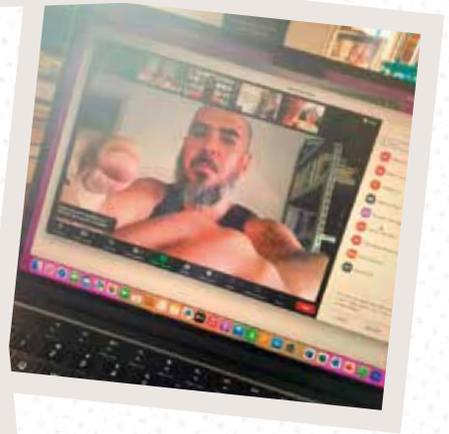


Pois bem, Edu, a performance apresentada na primeira qualificação foi muito impulsionada pelo já experimentado e sistematizado no trabalho que acabo de te mostrar. Lembro de dizer que “não sei exatamente onde isso vai dar” e continuo sem saber, exatamente, aonde isso tudo me levará, mas, após a qualificação, a partir das intervenções da banca e conversas com minha orientadora, passo a entender que o corpo que se move, que performa com as narrativas de formação, corpo inquieto e buliçoso, é o próprio *corpus* da tese, um corpo afetado, poroso e ampliado em sentidos, “superfície de circulação de intensidades”, como disse o Prof. Ferraço em seu parecer. Reconheço, então, que ao *corpoescrever* a pesquisa há um corpo coletivo que se manifesta, que conversa com outros modos, que conversa com outros corpos, que tece e é tecido em redes de subjetivação, que emaranha *saberesfazeres* multidimensionados, “uma centralidade pulverizada em artimanhas e táticas. Disseminada em movimentos caóticos. Semeada em ações e relações factuais. Uma essência produzida pelos tempos subjetivos. Que pulsa com fios invisíveis nas redes efêmeras. Que corrói de modo sorrateiro. Que subverte localmente e produz novas formas de apropriação de tempo e do espaço” (FERRAÇO, 2008, p. 111).

No corpo escrevi palavras de ordem que mobilizam a pesquisa. Palavras que possuem volume, brechas, reentrâncias, perspectivas, intensidades e densidades. Palavras que incitaram movimentos acelerados, ralentados, suspensões... pausas —  
FORMAÇÃO DE PROFESSORES(AS), ESTÁGIO, LIC. EM  
TEATRO, EXPERIÊNCIAS, NARRATIVAS, CAP-UFPE,  
PERFORMANCE, COTIDIANOS, CURRÍCULO.









Palavras grafadas nas mãos, dedos, braços e peito para que pudessem ser vistas pelo pequeno quadrado da tela do computador, mas expandidas em gestos e movimentos. Lembro nesse momento da Profa. Leda Maria Martins, em seu livro *Performance do Tempo Espiral* – *poéticas do corpo-tela*, mais exatamente na página 86, quando diz: “O gesto esculpe, no espaço, as feições da memória, não seu traço mnemônico de cópia especular do real objetivo, mas sua pujança de tempo em movimento [...] O gesto não é apenas narrativo ou descritivo, mas, fundamentalmente, performativo. O gesto, como uma *poiesis* do movimento e como forma mínima, pode suscitar os sentidos mais plenos”. A Profa. Leda tem me ajudado a pensar outros aspectos importantes como o conceito de tempo espiralar e o próprio conceito de performance, mas isso converso mais adiante com você, em uma próxima carta, quando da preparação da performance que tem sido gestada para o momento da segunda qualificação e, conseqüentemente, para a defesa.

Por ora, posso te afirmar que águas desabaram com força naquela tarde no bairro da Urca, fora e dentro daquela sala improvisada de palco, de arena, roda de conversa mobilizadora de afetações de muitas ordens. Celebrei o encontro, retornei para o Recife enlaçado em novos desafios. Desaguei com os horizontes teórico, pessoal e afetivo ampliados.

Cheiro grande e até breve, Edu.  
Do seu amigo,  
Marcus



Carta ao Edu  
*“pesquisa escrita e inscrita no corpo”*



Recife, abril de 2024

Caro Edu.

Saudade imensa. Espero que esteja bem.

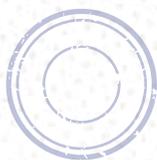
Volto a te escrever para atualizar as demandas que se estabeleceram por aqui com a segunda qualificação da pesquisa, ocorrida no dia 26 de fevereiro, depois de ter vivido um Carnaval lindo, alegre e emocionante. Como já tinha enviado todo o material para a banca examinadora, brinquei o Carnaval como se não houvesse amanhã. Me preparei para isso: roupas, brilhos, adereços, meia-arrastão de diversas cores, camisa dos blocos Eu Acho É Pouco, Cariri e Macuca compuseram parte da minha visualidade momesca. Me mudei para Olinda na sexta-feira gorda e só retornei para casa na Quarta-Feira de Cinzas, ao entardecer. A experiência do Carnaval, imerso naquela cidade que se transforma por completo durante os dias de folia, foi marcante, celebrativa, dionisíaca... “minha carne é de Carnaval, meu coração é igual”<sup>18</sup>. O lirismo do frevo de bloco, cantado com lágrimas nos olhos, foi atravessado, por diversas vezes, pela energia contagiante do frevo-canção, tocado por orquestras com seus metais, que coloca fogo nos pés e no coração de qualquer pessoa. Como diz o dito popular por aqui, o FREVO NÃO CONVIDA, O FREVO ARRASTA!

O Carnaval é, de fato, uma grande celebração da vida, da alegria, do encontro com o outro. Um Carnaval tão diverso e eclético como o nosso, com troças, blocos, maracatus, caboclinhos, ursos, es-cola de samba, ciranda, afoxés que ocupam ladeiras e ruas da cidade, da periferia ao centro urbano, nos diz que TODO ATO É POLÍTICO e que A ALEGRIA É REVOLUCIONÁRIA.

Com o *corpoalma* em festa, segui para os preparativos da qualificação: releitura do texto, remontagem da performance e definições da logística para tal, considerando que todo o processo seria *online*.

18. “Swing de Campo Grande”, canção dos Novos Baianos.





Retornei para a sala de ensaio no ímpeto de mover o corpo para, novamente, deslocar ideias... produzir novos sentidos... experimentar o vazio da não resposta a novas questões, pois, como afirmam Gilberto Icle e Mônica Bonatto, “a performance convida ao risco, na medida em que não oferece formato único, planos fixos, propostas pré-planejadas” (2017, p. 26).



Fotos: Foster Costa

Edu, lembro de já ter conversado com você, na carta enviada em abril de 2022, sobre as inquietações que me levaram à construção da primeira performance, os impulsos para *corpoescrever* a pesquisa, mas não te falei de outro aspecto que percebo como elemento propulsor para tal experimentação. Então, diante da exaustão causada pelo tempo prolongado no uso dos artefatos tecnológicos, afixei na porta do guarda-roupa duas folhas de cartolina, onde passei a escrever, desenhar, estabelecer relações entre os escritos, os conceitos

e seus(suas) autores(as), fazendo uso de canetas de cores diversas, na tentativa de *sentirpensar* ampliando tudo que estudava, lia, escrevia e que não cabia, apenas, em uma página do Word. O corpo solicitava espaço, movimentos, como superfície da manifestação poética e estética de tudo estudado e pesquisado, transbordamentos do *fazerpensar*...

***Performance não é outra coisa senão a junção idiossincrática entre ser e fazer. Aquilo que a tradição educacional se esmerou em separar reencontra na Performance uma possibilidade infinita de variação, de criação. O corpo aparece não mais como algo a ser docilizado, mas como algo a ser potencializado, colocado no centro da atividade. Performance e Educação se fazem no corpo, com o corpo e para o corpo. Não há Performance sem o olhar do outro, portanto falamos aqui de um corpo compartilhado, partilhado na ação de fazer e olhar, interagir e reagir (ICLE, 2013, p. 21, grifo do autor).***

Por diversas vezes, larguei o computador, me dirigi até as cartolinas e continuava a trabalhar por lá, mãos soltas que trafegavam entre os rabiscos, desenhos, palavras-chaves, setas e mais setas que conduziram pensamentos, ideias, fabulações, fricções... “para deixar o gesto virar fala e a fala tornar-se texto” (GUEDES *et al.*, 2022, p. 07). Pois bem, Edu, tenho me dado conta de que esse repetido movimento já mobilizava uma corporeidade, um conjunto de sentidos em camadas diversas, e estabeleceu, pouco a pouco, uma inaugural forma de estudar-pesquisar-trabalhar, certa performatividade que, segundo a performer e professora Tania Alice<sup>19</sup>, “responde aos impulsos criativos mais diversificados de artistas que expressam seus anseios, desejos e vivências dentro de uma linguagem adaptável em função das exigências dos seus criadores, espaços e participantes, constituindo-se a partir e contaminando todas as linguagens artísticas” (2012, p.33).

19.









Edu, a forma como as anotações aparecem, criando intercessões com desenhos, letra de música, esquemas de conceitos, leituras e autores(as), já apontava para um gesto rizomático da pesquisa, gesto esse produzido com/nos/pelos estudos realizados já no início do doutoramento, terceiro período — primeiros meses de 2021. Modo de operar que “*bebe em todas as fontes*”, com um “*sentimento de mundo*” que “*narra a vida e literaturiza a ciência*” (ALVES, 2008), porque imerso em uma concepção de pesquisa com os cotidianos que diz respeito “à vida de todo dia e aos seus criadores que são, ao mesmo tempo, suas criações, simultaneamente, singulares e coletivas: os sujeitos — que somos e que vamos nos tornando —, as nossas práticas e os sentidos que a elas vamos atribuindo, tecendo e articulando redes de conhecimentos, de significações e de relações que vão constituindo nossas subjetividades e orientando nossas ações” (FERRAÇO, 2018, p. 90). As cartolinas continuam a ser revisitadas, recompostas como um mapa que é construído a cada passo do caminho.

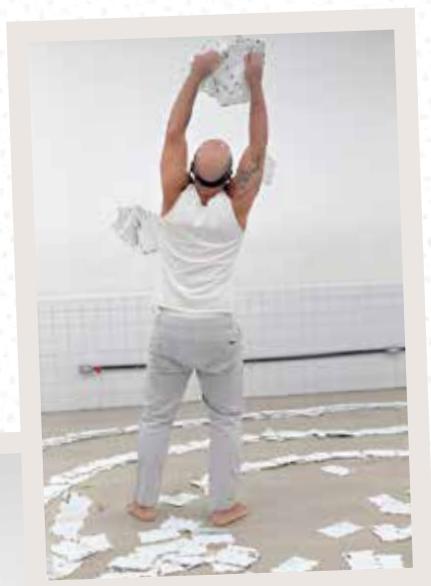
Voltando à qualificação, Edu, a performance *CARTAS...* teve como materialidade na composição da cena um montante do clássico envelope aéreo verde/amarelo utilizado em postagens brasileiras, disposto em forma de espiral no chão da sala. O áudio usado na performance é composto de trechos da carta que te escrevi em janeiro passado com também trechos da música “Deixe”, cantada pelo Martins, como já constava na primeira qualificação. Novos engendramentos performativos foram compondo toda a movimentação, que ocorreu no espiralar dos envelopes, no caminhar de fora pra dentro, das margens para o centro, do centro em explosão... Corpo conduzido por uma carta, a mais difícil de te escrever, que desalinha e borra fronteiras, desfaz trajetos, estabelece o caos... Naufrágios e descaminhos?

Os envelopes CARTA parecem indicar caminhos,  
mas é preciso ir mais um pouco... sentir, cheirar, lam-  
ber... devorar... comer... nutrir e seguir.



Fotos: Fernanda Mélo





Fotos: Fernanda Mélo



Após a performance, me dirigi à banca examinadora e ali estabelecemos uma conversa muito mobilizadora, começando pelo Ferraço, seguido por Karyne, Adrienne, que fez seu parecer em forma de carta<sup>20</sup>, e Adriana. Anotei o que pude, o que o momento, pós-performance, me possibilitou. Saí animado com as considerações, mas angustiado, confesso, com o tempo que resta para a finalização da escrita e, assim, retorno àquela pergunta: quando se termina uma tese? Quem diz que a tese terminou, que está pronta?

No outro dia, o corpo desabou com o cansaço que já se anunciava, mas não tive tempo pro descanso, precisava buscar minha mãe no hospital, internada há quatro dias. A vida ordinária é implacável e nos atravessa de forma vertiginosa, não é mesmo, Edu?! Em uma outra oportunidade, te falo das “coincidências” dos momentos de conclusão de estudos — especialização, mestrado e primeira qualificação do doutorado — e adocimentos dos meus pais. Um fato curiosíssimo mesmo.

Tenho agora pautado as reescritas e reconsiderações que penso que são importantes e que serão viáveis de fazer até o envio definitivo do texto para correção e posterior entrega à banca examinadora. Tempos de muitos silêncios... retornos às cartolinas... aos livros, gravação da qualificação, pareceres e fotografias da performance, como essas que envio nesta carta.

Edu, atendendo à ideia de um registro audiovisual da performance, já pensado anteriormente, tenho me ocupado desse aspecto para o momento da defesa. Isso vem atender, também, a algumas das considerações da banca examinadora, sobretudo para que uma melhor apreciação e divulgação dos modos de *fazer com* a pesquisa sejam garantidas e possam compor como texto filmico da/na tese. *CARTAS...* foi transmitida remotamente, via câmera do computador em plano aberto, de forma síncrona e com as instabilidades na conexão via internet, portanto, sem edição ou

20.





qualquer outro recurso que pudesse aproximar e dizer melhor do pretendido com aquela performatividade.

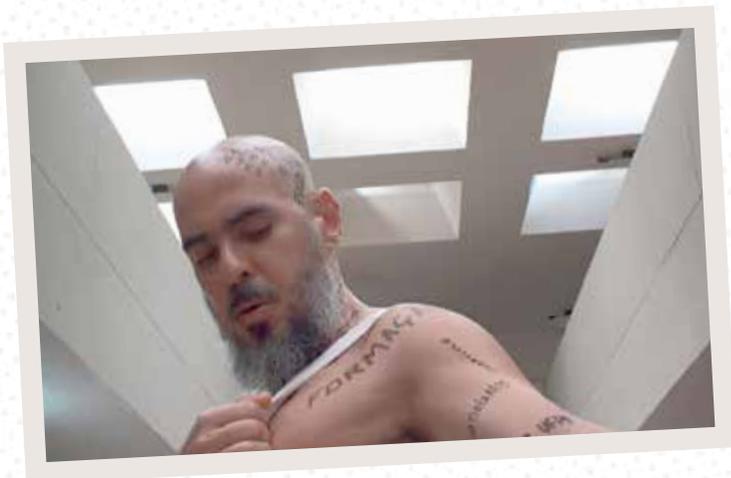
*CARTAS...* tem sido ampliada, alargada na sua operacionalização, absorvendo outras tantas camadas de sentido... abrindo brechas, deixou a sala de aula e ocupou o pátio da escola em movimento assumido de expansão e se deixou observar por outros ângulos, deslizou em chão movediço, produzindo sentidos com as redes que formamos. As palavras de ordem tomaram o corpo, subiram pelos braços e alcançaram o coração e o topo da cabeça... pesquisa escrita e inscrita no corpo.

**“...na performance fazemos alguma coisa que nos permite refazer-nos a nós mesmos.” (ICLE; BONATTO, 2017, p. 09)**



Foto: Foster Costa





Fotos: Foster Costa





Para tanto, tenho revisitado as versões anteriores e me provocado a *sentirpensar* as narrativas das experiências de estágio e *corpoescrever* seus transbordamentos e afetações porque sinto que: “é preciso uma outra escrita para além da já aprendida. Há, assim, uma outra escritura a aprender: aquela que talvez se expresse com múltiplas linguagens (de sons, de imagens, de toque, de cheiros etc.) e que, talvez, não possa ser chamada mais de “escrita”; que não obedeça à linearidade de exposição, mas que teça, ao ser feita, uma rede de múltiplos, diferentes e diversos fios; que pergunte muito além de dar respostas; que duvide no próprio ato de afirmar, que diga e desdiga, que construa uma rede de comunicação, que indique, talvez, uma *escritafala*, uma *falaescrita* ou uma *falaescritafala*” (ALVES, 2008, p. 30-31, grifos da autora). Se antes ainda pairava alguma dúvida de que a performance seria o caminho, hoje só resta afirmar que performar é um dos caminhos e, assim, tenho apostado em sua poética para compor a presente tese. Te envio o link para o vídeo da performance que criei e atuei, tendo na direção o professor de teatro e artista da cena Foster Costa, interlocutor e parceiro na construção do roteiro para *CARTAS...* que a partir de agora ganha a poética do audiovisual<sup>21</sup>.

21.



Edu, na certeza de novas e intensas conversas, te mando um cheiro grande.

Até breve,  
Marcus Flávio.



Carta ao Edu  
“Conversas...”



Recife, abril de 2021

“As conversas mobilizam o pensamento, **provocavam-nos** a pensar o não pensado e alteravam, uma e outra vez, o rumo da própria pesquisa. Isso **nos assustava**. Assustava-nos e, ao mesmo tempo, **encantava-nos!**” (Sampaio, C. S.; Ribeiro, T.; Souza, R. 2018, p. 26. In: Conversa como metodologia de pesquisa: por que não? Orgs. RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael; SAMPAIO, Carmem Sanches. Rio de Janeiro: Ayvu, 2018, grifos meus)

“... chamamos a atenção para o fato de que a conversa tem esse tipo de potencial de auto-questionamento, de **autoescavação** por que traz nossos pais, os teóricos que foram importantes embutidos em nossos discursos.” (Süssekind, M. L.; Pellegrini, R. 2018, p. 157. In: Conversa como metodologia de pesquisa: por que não? Orgs. RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael; SAMPAIO, Carmem Sanches. Rio de Janeiro: Ayvu, 2018, grifos meus)

“... estamos sempre em **busca de nós mesmos**, de nossas histórias de vida, de nossos ‘lugares’, tanto como ‘alunosalunas’ que fomos quanto ‘professoresprofessoras’ que somos.” (Ferraço, 2003, p. 158. In: GARCIA, R. L. (org.) Método: pesquisa com o cotidiano. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p.158, grifos meus)





Virado pelo avesso. Isso mesmo... VI-RA-DO PE-LO A-VES-SO

Olá, Edu.

Espero que esteja bem e peço desculpas por iniciar essa carta assim, sem antes te cumprimentar e perguntar por você. Mas essa é a sensação... VI-RA-DO PE-LO A-VES-SO.

Tenho feito leituras que estão me colocando de ponta-cabeça, me interpelando o tempo inteiro. Sinto-me atravessado pelas provocações dos(as) autores(as), pelas leituras que esses(as) realizam dos(as) seus(suas) companheiros(as) teóricos(as), dos(as) comparsas e seus posicionamentos epistêmicos.

O último atravessamento ocorreu na disciplina Educação e Sociedade: questões contemporâneas de pesquisa, um painel em que os grupos e núcleos de pesquisa do Programa assumiram de dois a três encontros. Pois bem, a primeira aula foi conduzida pela Profa. Carmem Sanches e pelo Prof. Tiago Ribeiro, do Grupo de Pesquisa Práticas Educativas e Formação de Professores (GPPF), grupo também coordenado pela minha orientadora, a Profa. Maria Luiza Sússekind. Também presentes nas duas primeiras aulas, estavam os professores Ivan Amaro e Adriana Hoffmam. A dinâmica da disciplina permitiu que eu conhecesse um pouco mais os diversos grupos existentes no PPGEduc e “suas pegadas” político-epistêmicas.

Por ora, vou me ater às mobilizações que apenas a primeira aula me fez. O mote para o encontro foi o capítulo “Conversa como metodologia de pesquisa: uma metodologia menor?”, do livro *Conversa como metodologia de pesquisa: por que não?*, organizado pelo Tiago Ribeiro, Rafael de Souza e Carmem Sanches Sampaio, editado pela Ayvu em 2018.

O livro citado já havia passado pelas minhas mãos e sofrido as intervenções, que você bem conhece, do meu lápis grafite com destaques, setas, balões, mais

setas, grifos e anotações pelas bordas que sobram da massa textual. Voltar ao texto me fez retornar à operação de caça (CERTEAU, 2014), reencontrar definições, duvidar de certezas que achei que tinha, duvidar das defesas dos(as) autores(as), em uma tentativa de leitura a contrapelo. Voltar ao capítulo sugerido me fez reler outros com alinhavos de outros livros, leituras realizadas de forma indiciária (GINZBURG, 1989), seguindo os fios que tecem a rede dos cotidianistas... construindo meu bordado ao definir as meadas, linhas, cores e formas que comporão minha pesquisa.

Edu, as três citações que encabeçam essa carta são reveladoras do estado em que me encontro: mobilizado, encantado, assustado, autoescavado, em busca de meu lugar como professor-pesquisador-formador. As leituras sobre a CONVERSA como metodologia de pesquisa têm me feito construir perguntas: COMO SE TECE PROFESSOR(A) UM ESTAGIÁRIO(A) NO CAP-UFPE? O que dizem as narrativas sobre ser/estar estagiário(a) no cotidiano daquela escola? Que esperanças, alegrias e angústias os(as) acompanham?

Assim, tenho percebido que uma das possibilidades para adentrar no mundo das narrativas será CONVERSAR COM as narrativas, penetrar seus mundos, caçar indícios, olhar, ler, escutar e sentir as camadas e tessituras dos acontecimentos sem negligenciar os pormenores, “ressaltando, pelo contrário, a importância característica dos detalhes secundários, das particularidades insignificantes” (GINZBURG, 1989, p. 147). Olhar a pesquisa sob essa perspectiva me leva a pensar que precisarei, como diz Ginzburg (1989, p. 154), ser um “caçador agachado na lama, que escruta as pistas da presa”, a fim de compreender a dimensão dessas experiências na trajetória acadêmico-profissional dos(as) licenciandos(as). Me parece que assim enveredo cada vez mais pelo campo das pesquisas com os cotidianos, uma vez que também aposto “na centralidade das práticas educativas, nas





redes de *prácticasteorias* engendradas nos cotidianos escolares como contingências para a criação de conhecimentos e de modos de conhecer, singulares e potentes” (FERRAÇO, 2018, p. 91).

Nessa operação de caça, parto do princípio de que as NARRATIVAS das experiências de estágio são currículos, produzidos nos *espaçostempos* da formação (ALVES, 2008), assim como elaboração, ressignificação e acúmulo de *saberesfazeres* socialmente reconhecidos, mas hierarquicamente considerados menores pela ciência moderna (SÜSSEKIND, 2014a), e também anunciadoras do entrelaçamento *prácticateoriaprática* (ALVES, 2008), indicadoras de saberes e pensamentos sobre as práticas curriculares e a construção da identidade docente.

No correr da aula, em certo momento, fomos convidados a compartilhar nossos interesses de pesquisa. Nossa, Edu! Como foi rico esse momento. Cada um colocando na roda seus desejos, sonhos, dúvidas, inquietações, dificuldades, medos, inseguranças, indefinições, certezas, ou seja, desvelando seus avessos, expondo suas trajetórias, percursos acadêmicos, seus modos de pensar, saber e fazer educação, abrindo seus lugares, partilhando suas “influências, ascendências, estórias e histórias, culturas e alegorias e, claro, a interioridade de cada um dos envolvidos” (SÜSSEKIND, 2019, p. 66). Foi uma bela conversa, portanto. Dessa forma, passo a pensar, com Pinar e Sússekina, que as conversas são complicadas: “porque as pessoas estão falando umas das outras. E porque os professores falam não só com seus estudantes, mas com seus próprios mentores, suas próprias experiências e com seus conteúdos, pois os conteúdos em si mesmos são conversas. [...] E são conversas complicadas [...] pela falta de transparência ou autotransparência. É complicada pelo quanto os professores e estudantes são opacos para si mesmos e para os outros. [...] Essa conversa também é complica-

da por ser informada, é claro, por aquilo que acontece e aconteceu fora da sala de aula, como nas famílias dos alunos. A conversa é complicada porque acontece entre todos na sociedade (SÜSSEKIND, 2014b, p. 31-32).

Ao chegar minha vez de abrir o meu bordado, relatei a ação *Papo de Estagiário(a) – roda de conversa sobre estágio e docência*, concebida por mim quando coordenei o Serviço de Orientação e Atendimento ao Estagiário (SOAE), setor responsável pelo acolhimento e acompanhamento dos(as) licenciandos(as) que realizam seus estágios curriculares no Colégio de Aplicação da UFPE.

Acredito que eu ainda não tenha tido a oportunidade de te falar dessa ação que teve tantos desdobramentos, dentro e fora do CAP, e que, de muitas maneiras, me trouxe até o doutorado. Vamos lá.

Edu, em 2016, assumi a coordenação pedagógica do SOAE, cuja principal função é de acolher, orientar e acompanhar os(as) licenciandos(as) durante o período de sua formação no Colégio. Na lida diária no SOAE, percebi que a comunidade escolar não tinha qualquer retorno das belas experiências vividas pelos(as) licenciandos(as) e que as questões demandadas pelo estágio curricular não tinham (têm) o espaço devido dentro do fazer pedagógico do Colégio. Isso me leva a afirmar que existe um paradoxo nesse contexto, uma vez que estamos falando de um espaço que foi criado para ser um campo de experimentação e formação docente, mas que, ao mesmo tempo, não faz das reflexões sobre esse aspecto elemento do e no cotidiano escolar.

A partir dessa constatação, ainda em 2016, desenhei uma ação que envolvesse todo o Colégio e que proporcionasse uma conversa ampliada sobre os estágios, tendo como objetivos principais: fomentar um espaço de *sentirpensar* sobre o lugar do estágio na formação de professores(as), socializar as práticas





de estágio desenvolvidas no Colégio e consolidar um espaço de discussão sobre estágio e docência dentro do CAP-UFPE. Nesse ano, não conseguimos realizar a primeira edição do *Papo de Estagiário(a)* em função do contexto político do CAP, diante da mobilização estudantil das ocupações e manifestações em escolas secundárias e universidades brasileiras.

Em 2017, o *Papo de Estagiário(a)* surge como ação e passa a ser bordado, tecido por toda a equipe do Serviço. Nessa edição, tivemos apenas quatorze socializações de experiências de um total de 289 estagiários(as) cadastrados(as) e, em 2018, tivemos o mesmo número de socializações, apesar de o número de estagiários(as) registrados(as) ter aumentado para 307 durante o ano letivo. Embora elogiada pela comunidade escolar, a ação não teve uma adesão significativa entre os(as) professores(as) supervisores(as) de estágio nem entre os(as) próprios(as) licenciandos(as). Isso se revela, para mim, a partir do baixo número de socializações, se comparado ao total de estagiários(as) atuando no CAP. Em 2019, com a adesão do CAP ao Programa de Residência Pedagógica (PRP) e o retorno mais efetivo do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid) ao Colégio, alteramos o subtítulo da ação para *roda de conversa sobre estágio, programas de formação de professores e docência*. Nesse período letivo, tivemos 45 socializações de experiências, de um total de 309 estudantes da graduação cadastrados no CAP, em uma programação que ocorreu nos dias 04 e 05 de dezembro daquele ano.

Pois bem, Edu, isso me leva a pensar: por que tão pouca adesão, por parte do corpo docente e graduandos(as), a um momento de partilha do fazer pedagógico de um colégio que tem como fundamento a experimentação pedagógica e formação de professores(as)? Por que tanta dificuldade em socializar as experiências de estágio, que podem dar visibilidade

aos currículos *pensadospraticados* (OLIVEIRA, 2016) no chão da escola? Essas questões permanecem e outras tantas surgem, desalinham o caminho, incitam novas costuras e alinhavos.

Outro procedimento, também adotado pelo SOAE, foi a solicitação de compartilhamento de qualquer material produzido pelo(a) licenciando(a) e entregue à disciplina de Estágio Supervisionado, ou aos supervisores do Pibid e PRP, como requisito para fechamento do semestre letivo na graduação. Dessa forma, desde 2016, recebemos documentos diversos — relatórios, artigos, relatos de experiência — produzidos pelos(as) licenciandos(as) sobre suas experiências de estágio no CAP-UFPE. O material coletado, cheio de processos do vivido na formação de professores(as) e da tessitura de identidades desses sujeitos, professores(as) em formação, tem me suscitado a pensar sobre o *entrelugar* universidade-escola (SÛSSEKIND, 2011), momento em que desdobro na questão: *de que forma esse material pode ser* espaço tempo *de conversas com as questões curriculares na formação de professores(as)?*

Edu, a vivência das duas primeiras edições do *Papo* promoveu alterações na sua terceira, sobretudo em dois aspectos: saímos de um resumo simples que era entregue no ato da inscrição para a escrita de um relato de experiência e a sugestão de uso mais dinâmico de ferramentas e artefatos midiáticos nas apresentações porque percebemos certo engessamento no momento das narrativas das experiências vividas. Outros aspectos também foram modificados e/ou inseridos, como, por exemplo, a necessidade da permanência do(a) estudante na roda após a socialização do trabalho e a organização espacial da sala com as cadeiras em círculo, de forma a permitir uma melhor visualização e participação de todos(as) os(as) presentes. Sentimos que essas pequenas modificações e sugestões possibilitaram que a roda





de CONVERSA girasse com mais fluidez e interação. Outro aspecto que para mim sempre foi muito valioso desde a concepção do *Papo de Estagiário(a)* foi a presença de campos de conhecimento diferentes no giro da mesma roda... fios que se entrelaçam, cruzam, colorem, arrematam, promovem nós, abrem novos desenhos, se comunicam e refazem percursos... rizomatizam, redes de conhecimento que são construídas a partir das singularidades do próprio encontro. Isso me faz pensar com Sússekind (2019, p. 70) que o *Papo de Estagiário – roda de conversa sobre estágio, programas de formação de professores e docência* “é guiado pela ideia de *espaçotempo* escolar-universitário como rico espaço de colaboração, trocas e solidariedade, com múltiplas formas de conhecimento e interesses que contribuem para o permanente e infinito processo de formação humana e profissional”.

Para encerrar essa nossa carta, Edu, afirmo que a CONVERSA se apresenta como uma escolha metodológica porque dialoga com os interesses de pesquisa, porque é um gesto pedagógico, porque “se dirige não tanto àquilo que as coisas são, mas àquilo que há nas coisas. Conversa-se não tanto sobre um texto, mas sobre seus efeitos sobre alguém, conversa-se não tanto sobre um saber, mas sobre suas ressonâncias em nós, conversa-se não para saber, mas para manter tensas as dúvidas essenciais: o amor, a morte, o destino, o tempo” (SKLIAR, 2018, p. 12).

Finalizo, por ora, com muitos fios soltos nesse bordado que se pretende pesquisa. Fios de meadas diversos, desejosos por outros e novos encontros, outras e novas e antigas conversas.

Um cheiro e desde já agradeço a interlocução.  
Fica bem, se cuida, usa máscara e fica em casa,  
Edu.



Beijos no Carlos, Benjamim e Joaquim.  
Do seu amigo,  
Marcus

P.S.: Como de costume, envio abaixo as referências dos livros citados.

ALVES, N. Decifrando o pergaminho – os cotidianos das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: OLIVEIRA; I. B. de; ALVES, N. (Orgs). **Pesquisas nos/dos/com os cotidianos** – sobre redes de saberes. 3ª edição. Petrópolis: DP et Alii, 2008.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 2014, v.1.

FERRAÇO, C. E.; SOARES, M. C. S.; ALVES, N. (Orgs.). **Michel de Certeau e as pesquisas nos/dos/com os cotidianos em Educação**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2018.

GINZBURG, C. **Mitos, emblemas, sinais** – morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

OLIVEIRA, I. B. de. **O currículo como criação cotidiana**. Petrópolis: DP et Alii; Rio de Janeiro: FAPERJ, 2016.

RIBEIRO, T.; SOUZA, R.; SAMPAIO, C. S. (Orgs.). **Conversa como metodologia de pesquisa: por que não?** Rio de Janeiro: Ayvu, 2018.





SKLIAR, C. Elogio à conversa. In: RIBEIRO, T.; SOUZA, R.; SAMPAIO, C. S. (Orgs.) **Conversa como metodologia de pesquisa:** por que não? Rio de Janeiro: Ayvu, 2018.

SÜSSEKIND, M. L. As artes de pesquisar *nos/dos/com* os cotidianos. In: OLIVEIRA; I. B. de; GARCIA, A. (Orgs.). **Aventuras de conhecimento:** utopias vivenciadas nas pesquisas em educação. 1ª edição. Petrópolis: De Petrus; Rio de Janeiro: FAPERJ, 2014a.

SÜSSEKIND, M. L. **Quem é... William F. Pinar?** 1ª ed. Petrópolis: De Petrus et Alli, 2014b.

SÜSSEKIND, M. L. Quem conversa, conversa com. In: OLIVEIRA, I. B.; PEIXOTO, L. F.; SÜSSEKIND, M. L. (Orgs.). **Estudos do cotidiano, currículo e formação docente:** questões metodológicas, políticas e epistemológicas.



**Platô**  
*"Tudo se agita durante a queda"*  
**Caetano Veloso**



Recife, julho de 2023.  
Edu, querido, minhas saudações.

Faz algum tempo que não nos falamos, não é mesmo? Pois bem, estive bem ocupado com a escrita de cartas aos(às) ex-estagiários(as). Escrevi no intuito de conversar com aquelas narrativas tão intensas e diversas, mobilizadoras de tantos atravessamentos na formação cotidiana de *serestar* professor, em que a aprendizagem acontece a todo instante, estamos todos(as) aprendendo sempre, enfrentando desafios que se renovam a cada passo dado, a cada QUEDA, a cada LABIRINTO que entramos, a cada TRILHA percorrida.

As palavras em destaque fazem parte do título de uma das narrativas, *Labirintos, trilhas e quedas – a experiência do estágio curricular supervisionado em uma escola pública de educação básica*, e ao voltar para ela muitos aspectos me aguçam os sentidos e estabelecem outros pensamentos, críticas e autocríticas, desvios, mas, sobretudo, me permitem criar, imaginar e estabelecer novos modos, gerar conexões com o já vivido e mais perguntas.

Edu, na carta enviada falei do quanto foi mobilizador reler o material depois de alguns anos e como fui tomado por muitas imagens, não só as que povoam a própria narrativa, mas as que me chegaram a partir dela, talvez escondidas na fina espessura da folha do papel impresso ou mesmo na dobra invisível da página. Provocado pelo título da narrativa, mais especificamente a palavra TRILHA, fui capturado e voltei a assistir ao filme *A História da Eternidade*<sup>22</sup>, do diretor pernambucano Camilo Cavalcante, de 2014, estrelado pelo amigo querido Irandhir Santos, em específico o trecho intitulado “O presente de Alfonsina”.<sup>23</sup> Sugiro que você assista e volte a este ponto da carta para continuarmos nossa conversa ou acesse posteriormente, como queira.

22.



23.





Pois bem, Edu, o Joãozinho, personagem do Irandhir, assume, na leitura que faço, a figura do sujeito que, ao conhecer o território que habita, proporciona ao outro uma experiência, um atravessamento que se dá em muitas camadas de sentido. Munido de pequenos artefatos, objetos do cotidiano, performa uma narrativa e possibilita ao outro um deslocamento — conhecer o MAR, presente de quinze anos dado à sobrinha Alfonsina, jovem adolescente que nunca saiu do vilarejo em que mora no alto sertão nordestino. Joãozinho conduz Alfonsina por trilhas de caminhos tortuosos, ziguezagueando entre pequenos arbustos, pisando em terreno árido e grandes lajedos até chegar ao lugar propício para efetivar seu trabalho. Arregaça as pernas da calça, dá algumas instruções e executa seu ofício de artista/professor/provocador. Do seu matulão, Joãozinho saca um pequeno espelho redondo, um saquinho com água e uma concha do mar, três preciosos objetos que dão sustentação à sua atuação. A partir do que já conhece e dos estímulos que recebe, Alfonsina vai até o mar em um fechar e abrir de olhos.... mar imenso, “reluzente, resplandecente, que reflete a grandeza do céu, como espelho gigante e infinito”, como diz o próprio tio à sobrinha. Alfonsina já conhecera o mar por imagens, recortes de revistas e fotografias que estão coladas na parede de seu quarto, mas ainda não tinha passado pela experiência de sentir o mar “de um azul tão azul que chega a encandear a vista”, como disse o tio.

Contei para a ex-aluna o quanto esse trecho do filme me fez lembrar da citação do Larrosa que ela inseriu na narrativa e que aqui copio para você, Edu: *“O sujeito da experiência se define não por sua atividade, mas por sua passividade, por sua receptividade, por sua disponibilidade, por sua abertura. Trata-se, porém, de uma passividade anterior à oposição entre ativo e passivo, de uma passividade feita de paixão, de padecimento, de paciência, de atenção, como uma*

*receptividade primeira, como uma disponibilidade fundamental, como uma abertura essencial. O sujeito da experiência é um sujeito ‘ex-posto’.* Joãozinho e Alfonsina são atravessados mutuamente pela experiência de ver o mar. Há nos dois uma disponibilidade fundamental, uma abertura essencial, atenção e paixão. Parece que o percurso da formação docente é como a trilha feita por Alfonsina e o Tio Joãozinho, onde atravessamos labirintos e vamos experimentando fazeres, sofrendo quedas, decifrando pistas, buscando indícios (GINZBURG, 1989), conversando com nossas crises e sendo enredados em múltiplas redes que tecemos e onde também somos tecidos.

Edu, há outra cena emblemática<sup>24</sup> no filme que muito diz do Joãozinho, esse personagem artista/professor/provocador que inventa coisas “inúteis”, dissonante em seu lugarejo de morada, o contraponto de seu irmão vaqueiro, àquele que faz coisas “úteis”, que sustenta toda a família com seu trabalho árduo. Joãozinho, o epilético, que coleciona quinquilharias e que vive à “maneira de desver o mundo”, busca nas frestas e brechas do seu cotidiano “palavras de ave para escrever”, como diz Manoel de Barros em seu poema *Menino do Mato*. Joãozinho, sujeito *praticante-pensante* (OLIVEIRA, 2016), performa na frente de sua casa a música “Fala”, do Secos & Molhados, e faz uso de seu xale-parangolé — sua arte e seus modos — para estabelecer ali um outro possível de mundo, um encontro com o outro, com os outros... Seus vizinhos deixam suas casas, seus afazeres e vão ao encontro daquilo que se manifesta, daquele estranho, atraídos pela “inutilidade” fascinante de certo modo de agir. Joãozinho convoca, atrai, requisita, se manifesta, rompe com a normalidade de todos os dias. Tomado pela cena, me pergunto, Edu: em que medida estamos nós, professores e professoras, arte-educadores e arte-educadoras, licenciandos e licenciandas, dispostos(as) a performar inutilidades em nossas salas de

24.





aula, nos nossos planejamentos semanais, no terreno árido dos currículos engessados e prescritos, no cotidiano de nossas escolas?

Joãozinho convulsiona após o forte embate com seu irmão mais velho, logo depois de finalizar sua performance em terreiro aberto. O corpo-manifesto padece e é acolhido por alguns dos vizinhos ali presentes. O corpo-fala de Joãozinho tem as marcas da vida de embates, das tentativas de sobrevivência, assim como seus modos de resistência e reexistência.

As três crises citadas pela ex-aluna em sua narrativa estão intimamente ligadas ao cotidiano da escola e, portanto, aspectos constitutivos do currículo do Colégio. A escolha por não ter mais a “sirene de fábrica”, por exemplo, modificou o modo de toda a comunidade escolar se relacionar com os tempos das aulas, intervalo do almoço, recreio, início e final do expediente. Há um autogerenciamento e fluidez durante as trocas de sala e atividades ocorridas diariamente. Durante o período que ficamos sem a sirene, devido aos constantes roubos e quebras do equipamento, a comunidade escolar foi se dando conta de que poderíamos muito bem continuar sem esse aparelho tão ruidoso, e por que não dizer autoritário, que determinava de forma imperativa, o início e o fim das atividades. Diferentemente do relatado pelo professor Juarez Dayrell (1996) em seu artigo “A escola como espaço sociocultural”, no CAP-UFPE o som estridente da campainha foi trocado pela agitação e burburinho das pessoas no pátio interno, corredores, recreio coberto e portão da escola. Assim, o Colégio encontrou outra forma de se relacionar com o tempo das atividades escolares, criando um modo outro de se organizar, subvertendo a partir de dentro e encontrando outra, ou outras, “maneiras de empregá-las a serviço de regras, costumes ou convicções”, como nos ensina Certeau (2014, p. 89).



A segunda crise relatada, Edu, diz respeito ao conselho de classe, que, de acordo com ela, funciona “numa troca entre alunos e professores” em que ambos os lados compartilham avaliações sobre o percurso trilhado a cada unidade letiva, e não “apenas a etapa especial daquele aluno ‘problemático’ onde eram discutidas sua aprovação ou reprovação”, como ocorria no tempo em que foi aluna da educação básica. No CAP-UFPE, o conselho de classe é uma instância curricular em que docente, discentes e corpo técnico se debruçam sobre a formação escolar dos(as) estudantes, a prática docente e a gestão da escola. Um espaço complexo e dinâmico, uma vez que é constituído por muitos e diversos agentes que se implicam na formação dos(as) nossos(as) alunos(as) — os(as) da educação básica e os(as) licenciandos(as). Em período de regência das aulas, os(as) estagiários(as) ocupam o conselho de classe como os(as) responsáveis pela turma em que atuam, sendo eles(as) que conduzem as considerações sobre os(as) alunos(as) da educação básica, assim como são avaliados por estes(as). Esse momento sempre gera muita expectativa nos(as) licenciandos(as), uma vez que ali são expostos seus modos de ser e fazer enquanto *discentesdocentes*, pelo olhar dos(as) alunos(as). Um espaço fértil de aprendizagens para todos(as) os(as) envolvidos(as).

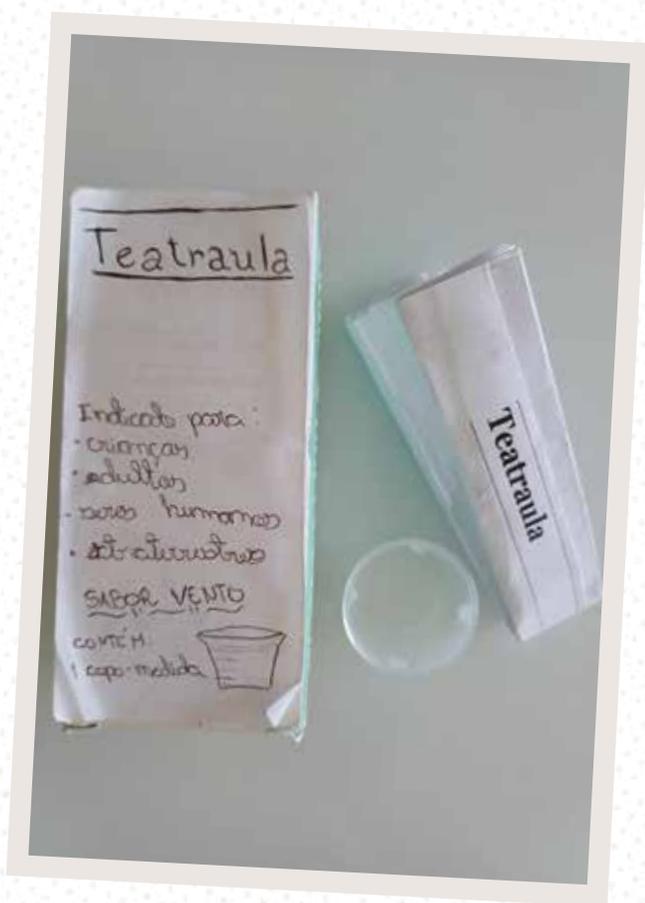
A terceira crise expõe sua perplexidade a partir do uso do protocolo, de inspiração brechtiana, pelos(as) estudantes nas aulas de teatro. Além da valorização da escrita, o uso do protocolo tem possibilitado uma visão ampla do cotidiano da sala de aula a partir do processo de sistematização, compreensão e reelaboração das experiências vividas pelos(as) estudantes. Segundo o *Léxico de Pedagogia do Teatro*, “o protocolo, na acepção brechtiana, supõe o experimento teatral através da prática de versões discutidas em grupo. Ou seja, o protocolo pode impulsionar a ex-

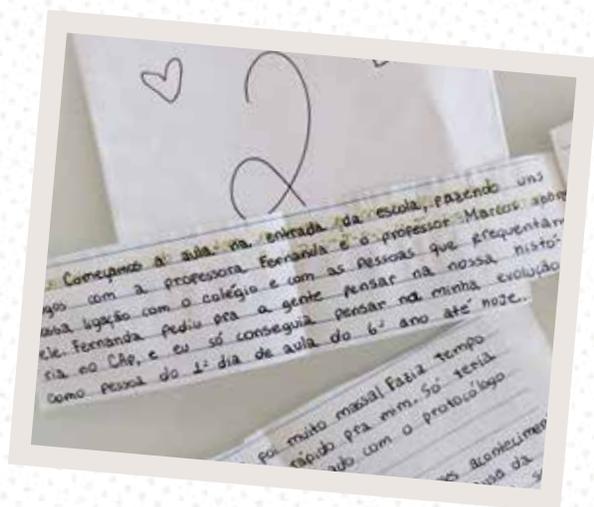
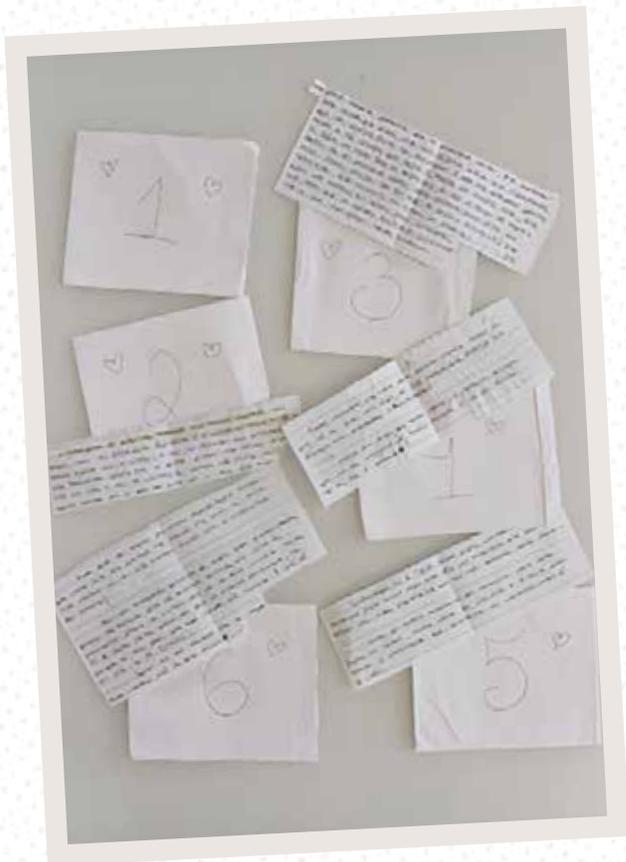




perimentação, devolvendo ao jogo possibilidades de variantes políticas e estéticas. Eficiente instrumento na gestão das questões intragrupais, o protocolo revelou-se um instrumento radicalmente democrático, ao permitir a articulação de um método que busca a prática da teoria e a teoria da prática” (KOUDELA, JÚNIOR 2015, p. 148).

Olha só as invenções desses protocolos, Edu:







Essa aula de Teatro foi muito massa! Fazia tempo que uma aula não passava tão rápido pra mim. Só teria sido melhor se eu não tivesse ficado com o protocolo.

Deu um trabalhão lembrar de todos esses acontecimentos porque não tivemos aula na semana passada, por causa da paralisação contra os cortes dia 30 de Maio (inclusive sexta, 14 de Junho, vai ter outra não que eu estava divulgando, né, porque o MEC pediu pra todo mundo não divulgar A GREVE DO DIA 14 DE JUNHO!).

Agora vou me arrumar pra te encontrar contigo, mãe! Te amo demais ♥



Depois voltamos pra sala para ensaiar aquele texto do diálogo com diferentes interpretações.

|||

pausa pra dizer que nessa parte da aula eu descobri que um dos estragados de Teatro também é pá da Anita.

Eu sei, ela é perreica ♥



Querido amigo,

Hoy, luego de un día de ayuno como nunca me acuerdo  
haberme visto, me voy a la cama a descansar y luego de haber estado  
pensando en la posibilidad de ir a la cama, he decidido a  
resistir, espero, pero en fin, espero amigos en otros estados.

Comparto con dos apuntes de filosofía a que voy a estar  
trabaja una semana entera a largo plazo sobre filosofía, para  
esta parte que sea o no, espero, en algún caso de un  
más, a lo que voy a estar, espero, a estar, todo esto dentro  
de un día largo a partir de hoy para a parte con, a volver  
lo que me sea con apuntes de filosofía, en un momento, pero, que  
debe con, espero, para con, fin.

Como que voy a estar, espero, todo esto con  
un mes entero, a que voy a estar, que a parte con, dentro. A  
parte con, a que voy a estar, de un estado de espera para que  
sea con, con, a que voy a estar, de todo esto, todo esto  
debe que a estar, con, con, con, a parte con, con  
un momento, espero, con, con, con, con, con, con, con  
de parte, de la filosofía, con, con, con, con, con, con, con  
de parte, con, con, con, con, con, con, con, con, con, con  
de parte, con, con, con, con, con, con, con, con, con, con

Luego de un día de ayuno como nunca me acuerdo  
haberme visto, me voy a la cama a descansar y luego de haber estado  
pensando en la posibilidad de ir a la cama, he decidido a  
resistir, espero, pero en fin, espero amigos en otros estados.

Amor, L.H.





Remédio com bula, jogos de envelopes com trechos do protocolo ou pergaminho artesanalmente preparado são algumas das criações poéticas dos(as) estudantes diante da sistematização do vivido nas aulas de teatro. Esse exercício semanal tem despertado no coletivo dos(as) estudantes, assim como nos(as) licenciandos(as), o entendimento importante acerca do processo criativo instaurado em sala e publicizado pelas leituras de dois protocolos a cada aula, o que acaba por produzir outros sentidos e novas provocações.

Penso que há uma similaridade entre a feitura dos protocolos e a escrita das narrativas de formação como as construídas pelos(as) licenciandos(as) sobre seus estágios no CAP-UFPE. Há nas duas ações forte criação a partir do experienciado, escritas que rizomatizam *conhecimentos-significações*, que narram a vida e literaturizam a ciência, falam do que “escapa à ordem daquilo que é suficiente ou necessário saber e, por seus traços, está subordinado ao *estilo* das táticas... uma arte de dizer que é uma arte de pensar e fazer” (CERTEAU, 2014, p. 142-143, grifo do autor).

Edu, a ex-aluna traz em sua narrativa diversas perguntas instigantes diante do ocorrido em seu estágio, assim como a que Alfonsina fez ao seu tio logo após este a convidar para ir ver o mar: “Agora?”. Antes de abrir um sorriso, segundos de hesitação tomaram aquela menina. Como canta Caetano Veloso em “Pesar do Mundo”<sup>25</sup>, composição de José Miguel Wisnik e Paulo Neves, “Tudo se agita durante a queda”. Ouso dizer: tudo se agita durante uma pergunta... A ex-aluna afirma que segue “com medo da queda, me olhando no reflexo do espelho e descobrindo que esse sonho ainda é o começo de uma longa jornada”.

Sigo eu por aqui, querido Edu, entre labirintos, trilhas e quedas conversando com coelhos, crescendo

25.



e diminuindo, achando caminhos, perseguindo questões, construindo respostas possíveis... provisórias, no equilíbrio precário de me mover pelos cotidianos da formação.

Grande e afetuoso abraço.  
Marcus



## Narrativa

# LABIRINTOS, TRILHAS E QUEDAS - A EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE EDUCAÇÃO BÁSICA<sup>26</sup>

## Introdução

Estou cursando o Estágio Curricular Supervisionado em Ensino do Teatro 1, que tem como objetivo desenvolver uma observação dirigida ao Ensino do Teatro, visando à elaboração de um projeto didático de intervenção pedagógica a ser executada no estágio seguinte. Por isso, venho refletindo sobre a minha chegada e o que tenho visto no Colégio de Aplicação - UFPE, sinalizando alguns aspectos característicos que me chamam a atenção da escola e da dinâmica das aulas de Teatro.

## Relato de Experiência

A ideia de estagiar em uma escola de referência nacional que é composta por crianças que já mostram, desde cedo, um desenvolvimento intelectual avançado — e isso quase que necessariamente está atrelado a uma boa renda familiar que implica numa série de questões — deixa a gente com uma sobrecarga nas costas, para além das demandas do próprio estágio. Apesar disso, que bom que me abri para participar dessa experiência, seguindo a indicação de Larrosa (2002, p. 20), que nos diz: “Exploremos juntos [...] pensar a educação a partir do par experiência/sentido”. É assim, então, que proponho esse relato.

Do início do estágio para cá, entrei em várias crises. Três delas vão estruturar meu relato, ainda sem respostas. A primeira delas diz respeito ao horário da mudança das aulas. Incomodados com o barulho das “sirenes de fábrica” (como em muitas escolas), resolveram não mais tocá-la, depois de um defeito na máquina. Lembro-me da minha experiência nas escolas em que estudei, e o toque era sempre presente e atordoante, principalmente quando eu estava no pátio, próxima à má-

<sup>26</sup> Narrativa escrita por uma ex-estagiária, aluna da Licenciatura em Teatro da UFPE, no ano letivo de 2018.

quina. Recordo de conversar com um porteiro, responsável por todos os toques, e ele me disse que machucava seu ouvido e, por isso, tanguia as crianças para longe.

No artigo/relato de Juarez Dayrell (1996, p. 2), a sirene está estampada logo no início: “Um som estridente de campainha corta o ar [...] Nota-se uma pequena agitação [...] Mas é no momento do sinal que aumenta o volume de pessoas chegando”. Também está presente no documentário *Quando Sinto que Já Sei* (2014), trazida por Ana Elisa Siqueira, diretora da Escola Municipal de Educação Fundamental Amorim Lima: “Eu via no recreio as crianças no meio da grade se balançando para lá e para cá. Tinha um sinal que era um sinal de fábrica, horroroso, fui tirando tudo”. Existe uma estreita relação no que se refere ao como se percebe e se pensa esse espaço de educação. No relato de Dayrell, é a escola que chama os alunos para dentro, como um toque de recolher incisivo e quase compulsório. No da diretora, parece que a escola aprisiona as crianças dentro dela, e por isso não só retira a sirene, como também as grades que a cercam. Felizmente, estou percebendo e compreendendo que não é de hoje que se repensa essa estrutura, mas foi através dessa experiência no CAp que pude notar isso e me aprofundar no assunto para levar soluções possíveis como proposta no futuro, já que, na escola e na época em que estudei, essas pareciam ideias inimagináveis.

A segunda crise que me espantou positivamente no CAp foi de observar as avaliações a partir do conselho de classe, que ocorre bimestralmente. Ele funciona numa troca entre alunos e professores, todos presentes, no primeiro momento. Os professores expõem suas opiniões a respeito das características da turma, e os alunos leem um documento construído coletivamente contendo uma avaliação referente a cada professor. No segundo momento, os alunos saem da sala, e os professores debatem em conjunto a respeito de cada aluno. Durante todo o meu período escolar, o conselho de classe era apenas a etapa especial daquele aluno “problemático” onde eram discutidas sua aprovação ou reprovação (felizmente, sempre escapei). No entanto, no CAp esse processo é entendido como etapa obrigatória, contando como dia letivo com ata de presença para todos os integrantes, docentes, técnicos educacionais, estagiários e alunos. Isso porque os professores entendem que isso é parte de sua construção enquanto sujeitos sociais. Através

dessa experiência, descubro o quanto é arcaico o modo de se pensar um conselho de classe que serve como etapa final do aluno. Como disseminar essa proposta e senso crítico em outras instituições?

O estímulo à autonomia e à criticidade deve estar presente numa escola que priorize a integridade e o respeito ao aluno. O fato de essa estrutura arcaica não ter sido nunca questionada por mim e por outras cabeças é reflexo justamente desse pouco estímulo dado ao posicionamento dos alunos, e talvez medo também. O aluno que se vê implicado em todas as etapas do seu processo tem muito mais habilidade para questionar e dialogar com professores e gestores com segurança no seu discurso. Entretanto, parece haver, por muitas escolas, um estímulo ao silenciamento dos alunos frente às correções das notas, regras e diretrizes escolares. Assim, não se abrem para ouvir os alunos e dialogar como em uma real troca educacional.

Larrosa (2002, p. 24-25) traz consigo a defesa de uma definição de experiência que dialoga com essa do CAP, a qual os alunos e professores tem a oportunidade de vivenciar:

O sujeito da experiência se define não por sua atividade, mas por sua passividade, por sua receptividade, por sua disponibilidade, por sua abertura. Trata-se, porém, de uma passividade anterior à oposição entre ativo e passivo, de uma passividade feita de paixão, de padecimento, de paciência, de atenção, como uma receptividade primeira, como uma disponibilidade fundamental, como uma abertura essencial. O sujeito da experiência é um sujeito “ex-posto”.

É nessa abertura que toda a comunidade escolar deve estar disposta a trocar, como acontece, posteriormente, com os professores e os cuidadores ao longo das reuniões da ainda denominada Reunião de Pais e Mestres.

Estou maravilhosamente perplexa com tudo isso e remoendo meu fazer futuro e presente no Ensino do Teatro. Quero fundar uma escola assim, ser professora do CAP, fazer parte desse universo controverso e estimulante da educação. Por isso, e numa escala mais micro, ainda me pergunto freneticamente: como lidar com as diferenças e necessidades

individuais que afetam o grupo dentro da sala de aula? Ansiedade me representa.

Estou terminando também o Curso de Interpretação Teatral, curso regular do Serviço Social do Comércio (Sesc/Santo Amaro) e, no meu trabalho de conclusão, venho estudando e repensando meus próprios diários de bordo, meu fazer, minhas reflexões, meus estudos, minhas conexões de mundo com as respostas do meu corpo em forma de escrita. Ao mesmo tempo, entrelaço minhas experiências aos protocolos produzidos pelos alunos do 8º Ano B nas aulas de teatro — minha turma de observação.

Digo isto porque a terceira crise nasce de uma das atividades de sala durante as aulas de teatro. A criação de um protocolo, escrito necessariamente por dois voluntários por vez e que deve conter os conteúdos e atividades da aula inseridos numa criação narrativa livre, dentre outras atividades. Como eles conseguem reverberar esses protocolos tão criativamente apenas nessas 2 horas semanais? É preciso sensibilidade para compreender como falam de si o tempo todo em outras histórias. É preciso também se abster de certa ingenuidade para lançar mão da beleza dos diários e pensar o que eles realmente aprenderam com as atividades realizadas em sala e como elas contribuíram para um pensamento coletivo, reflexivo e crítico de si mesmos e do mundo em volta. Como avaliar esses documentos criados por eles? Um dos alunos montou um jogo de mímica improvisadamente durante a aula, claramente em autossabotagem por não ter entregue o protocolo no dia, e o pior, explicou que não foi por não ter feito, mas por ter achado que não ficou bom o bastante para a devida entrega. Sendo assim, quais são os critérios que garantem a percepção desse pensamento? Como avaliar tudo isso? Essa é uma resposta que ainda não consigo pensar sobre quais caminhos seguir, e eu espero que ainda me atordoe, como Alice perdida no País das Maravilhas, por muito tempo.

Ainda não sei o que fazer com essa turma, estou perdidamente apaixonada pela individualidade de todos. Preciso de mais tempo para eles, preciso de mais tempo para mim também. Que diáde infinita da triste realidade do ponteiro, com suas eternas, e cada vez mais curtas, 24 horas.

## Resultados

A partir dessa experiência, que já começa a se encaminhar para o final, muitas perguntas chegaram fervendo e continuam me gerando muitas outras a partir das primeiras. Sigo lendo e pensando em atividades que possam atender às suas necessidades. Nesse caminho sem volta, sinto-me caindo no poço e vendo tudo de cabeça para baixo à procura da toca do coelho, de novo, como Alice. Esse é o maior e melhor resultado que uma experiência como essa poderia me oferecer. Sigo com medo da queda, me olhando no reflexo do espelho e descobrindo que esse sonho ainda é o começo de uma longa jornada.

## Referências

- BOY, Tânia. **Protocolo**: um gênero discursivo na pedagogia de leitura e escrita no teatro. Trabalho de Conclusão de Curso (Tese), Pedagogia do Teatro, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
- DAYRELL, Juarez. A escola como espaço sócio-cultural. In: DAYRELL, J. (Org.). **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1996.
- LARROUSA, Jorge. Notas sobre experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Vol. 19, pp. 20-28, Jan-Abr, 2002.
- SAGRADO, Antônio; PEREZ, Raul; LIMA, Anderson. **Quando sinto que já sei**. Despertar Filmes. Documentário, 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HX6P6P3x1Qg>.



*Platô*  
*A Balsa de Medusa*



Recife, agosto de 2023.

Querido Edu, lhe escrevo tendo no céu uma linda Lua cheia das primeiras noites do mês de agosto. Venta bastante por aqui com dias ensolarados e noite de céu limpo, sem nuvens.

Acabo de escrever para outro ex-estagiário. Fui tomado mais uma vez por sua narrativa carregada de imagens e tom penoso, o que me deixou em silêncio, como da primeira vez que li. Passados alguns anos, retorno às inquietações provocadas pelas experiências desse ex-aluno quando do seu período de formação no CAP-UFPE. Mas uma coisa me escapou quando li o texto lá atrás e, hoje, fui procurar o quadro citado no final da narrativa, a obra *A Balsa de Medusa*<sup>27</sup>, do pintor francês Théodore Géricault, datada de 1818. Te confesso, Edu, que associar o percurso do estágio à obra me faz pensar sobre como estamos conduzindo a formação docente: a que mar revolto estamos lançando os(as) licenciandos(as)? Em que tormentas náuticas entramos? Que bússola usamos? Que suprimentos estamos levando conosco nessa travessia agitada de *serestar* docente em formação? Tudo isso me inquieta bastante. Tudo isso me leva para a sala de aula, para o chão da escola e, de forma imperiosa, me convoca a pensar curricularmente o processo de formação e as rotas que tenho utilizado como professor supervisor de estágio. A narrativa do ex-aluno me fez lembrar da narrativa de um colega de doutorado no livro que me introduziu no campo epistêmico das pesquisas com os cotidianos, *Narrativas – Histórias da/na escola*, organizado pelas professoras do CAP-UFRJ Graça Reis e Renata Flores. Neste pequeno grande livro, ele fala da angústia e ansiedade que foi assumir uma turma do 5º Ano que já havia trocado de professor cinco vezes naquele ano letivo, em uma escola de um município carioca. Relata uma conversa que teve por telefone com uma amiga durante o trajeto até a escola em

27.





um ônibus que “deveria estar uns 44 graus”. Segundo ele, “suava, tanto pelo calor quanto pela ansiedade e pelo nervosismo” e que falou para sua amiga que “não me achava preparado para aquilo e que a universidade não dava conta de preparar ninguém para entrar em uma sala de aula de uma escola localizada em uma das comunidades mais violentas da Baixada Fluminense. Ou seja, eu não daria conta”.

A Balsa de Medusa e o ônibus até a Baixada Fluminense me reportam a uma travessia tortuosa, cercada de desafios e intempéries, acompanhada de uma nítida sensação de naufrágio/fracasso eminente. Entregues à própria sorte, os tripulantes vivos da balsa não têm o que fazer a não ser esperar por um resgate cada vez mais longínquo, que quase desaparece no horizonte nebuloso. A poética do navegar é utilizada para dizer do estágio curricular, e já na primeira frase é anunciado: “Navegar sozinho é muito perigoso, estagiar também!”. Mas, um pouco adiante, podemos ler: “A experiência enquanto estagiário fez-me pensar que nunca se está realmente sozinho [...] Um período de modificação: com mudanças e amadurecimento. Uma viagem diferente”

As duas narrativas, em lugares distintos, em tempos diferentes da formação docente, conversam comigo e me fazem pensar na formação como um constante atravessar, em movimentos nunca lineares, construída no/com o percurso trilhado em contextos diversos da trajetória, e, nesse sentido, produzem sentidos sobre os currículos *praticadospensados* (OLIVEIRA, 2019) no cotidiano da escola ao mesmo tempo que nos enredam em muitos e infinitos fios, que por vezes embalam, outros momentos nos impulsionam para novos desalinhos. Imersos nos cotidianos do chão da escola, somos atravessados por todos e todas que compõem estes cotidianos, por uma rede de subjetividades e conhecimentos complexa de alinhavos, pontos e enlaces que desfazem a ideia



do professor como único detentor de *saberesfazeres* (FERRAÇO, 2018) e apostam na construção permanente de tessituras fluidas, rizomáticas e abertas a novos acontecimentos. Tenho aprendido com Deleuze (1998, p. 18) que “as pessoas, são compostas de linhas bastante diversas, e que elas não sabem, necessariamente, sobre qual linha delas mesmas elas estão, nem onde fazer passar a linha que estão traçando: em suma, há toda uma geografia nas pessoas, com linhas duras, linhas flexíveis, linhas de fuga, etc.”

“Como alguém consegue guiar uma aula por tanto tempo sozinho, contra todos esses alunos?’, passou por minha cabeça esse pensamento, a sala de aula ainda era um local de confronto entre alguém que sabia e pessoas que não sabiam, agora meu olhar sofreu as felizes alterações do tempo, das mudanças de perspectivas.”

Edu, o trecho que antecede, contido na narrativa do ex-estagiário, enreda-se, na minha percepção, a trechos da fala da professora Marilena Chauí no livro *Arte da Aula*, organizado por Denilson Soares Cordeiro e Joaci Pereira Furtado, publicado pela Edições Sesc, 2019. Escuta isso:

“Sempre digo que devo minha atuação, como professora, aos alunos. Foram eles e sempre são eles que despertam, primeiro, o tom da aula. [...] porque a aula é compassada e articulada pelos alunos, por uma pergunta que é feita, pelo modo como eles estão anotando, pelo interesse nisso ou naquilo, pelo modo como eles se entreolham. A aula muda, o ritmo da aula muda. Faço acréscimos, cortes. Assim, cada aula é *uma* aula, embora ela esteja escrita. Tenho gavetas e gavetas de aulas escritas porque, durante quarenta anos, escrevi as minhas aulas, como fizeram meus professores. Embora elas estejam escritas, cada aula, como um *acontecimento*, era e é, sempre, diferente. A minha escrita era e é o roteiro da aula, mas esta acon-





tecia e acontece graças ao que se passa em classe.” (CHAUI, 2019, p.148, grifos da autora)

“Na verdade, a aula, nas várias modalidades em que ela se desdobra, é sempre um acontecimento, para mim, Ela nunca é aquilo que vou realizar, do começo ao fim, conforme trouxe por escrito, abro parênteses. Estou falando sobre um determinado assunto e penso: ‘Eu poderia ilustrar isso com o romance x, ou com o filme x, ou com a peça x, ou com o poema x, ou com artigo de jornal x.’” (CHAUI, 2019, p. 151)

Dito isso, penso com Sússekind e Lontra (2016, p. 89) que nos formamos “no caos, na não linearidade, na surpresa, na incerteza, nas situações onde é preciso usar muito mais do que aprendemos na vida escolar, na circulação entre diferentes saberes e não saberes [...] na (des)formação, possibilitada mediante a (re)invenção, (re)descoberta de práticas; de nós mesmos e dos ‘outros’, não como um ‘outro eu’, e sim o outro enquanto tal, o outro que está, inclusive, no eu (GALLO, 2010, p. 239)”.

“A experiência enquanto estagiário fez-me pensar que nunca se está realmente sozinho. Seja com um supervisor, com aquele elemento principal que são os estudantes, com outros observadores e até, no caso específico da aula de teatro no Colégio de Aplicação, uma dupla. Uma companhia pedagógica disposta a partilhar essa travessia.” – diz o ex-estagiário, reconhecendo a trama da imensa rede de que faz parte e “deslocando a visão de professores transmissores de conhecimentos previamente elaborados para a de *professores-autores das próprias práticas-teorias*” (SÜSSEKIND; LONTRA, 2016, p. 92, grifo das autoras).

Atravessar... atravessamentos... Travessia!

Do latim *transversus* — através, o que cruza, o que passa, o que transpassa, que corre e ocorre no entre. Pensar a formação como este deslocamento rizomático que acontece nas múltiplas redes que formamos e nos formamos implica pensar o currí-



culo também como atravessamentos, como travessia (SÚSSEKIND; LONTRA, 2016), como *espaçotempo* de descobertas e criação cotidiana (OLIVEIRA, 2016), com aprendizagens diversificadas em espaços múltiplos e multilocalizados. Edu, pensar currículo como travessia é apostar na sala de aula como um acontecimento, um espaço de invenção com o outro, do inesperado, assim como no espaço da teatralidade, que após o terceiro toque algo acontece. Ou mesmo como a trivialidade do acontecido com a Marilena Chauí no seu primeiro dia de aula como professora universitária: “Cheguei à sala, sentei diante da mesa, coloquei o texto da aula sobre ela e os meus joelhos tremiam como vara verde. Pensei: ‘Preciso ficar de pé, porque uma boa aula você dá em pé. Devo escrever na lousa. E como é que eu vou fazer? Porque estou em frangalhos, aqui.’ E comecei sentada. Mas, à medida que fui falando, fui me entusiasmando. Vi que os alunos estavam interessados, que eles me olhavam com interesse. Aí, o joelho parou de tremer, fiquei de pé. Depois escrevi na lousa. E terminei a minha aula ultrapassando em cinco minutos o tempo regulamentar” (2019, p. 147).

Edu... sigo por aqui na travessia de *serestar* professor-formador-pesquisador com os pés no terreno movediço da sala de aula... com a educação básica... com a formação de professores(as). Que haja sempre travessias a serem feitas, quem sabe na busca de uma terceira margem.

Cheiro grande e até breve, amado.  
Marcus



**Narrativa:**

## **O ESTAGIÁRIO E O NAVEGAR: ENTRE AGLOMERAÇÃO E SOLIDÃO NA TRIPULAÇÃO<sup>28</sup>**

*“Estagiar é preciso, estar sozinho não é preciso.”<sup>29</sup>*

### **Introdução**

Navegar sozinho é muito perigoso, estagiar também! Mas não nesse caso, não no Colégio de Aplicação, não no 8º Ano B, em sua aula de teatro. Estar sozinho em sala de aula enquanto professor, que angústia pode ser estar sozinho em sala de aula! Tendo que estar disposto a abrir caminhos para uma relação de troca da experiência e reflexão para com outros indivíduos em formação. Estar aberto para ser um auxiliar na construção do conhecimento e saber em que momentos guiar corretamente, quais estratégias fazer, para os melhores aproveitamentos e estar sempre com o pé no futuro, com vários planos de aula na manga, caso algum dê errado. Ser atento aos planejamentos que devem acontecer e suas multiplicidades. Não “deixar a peteca cair”, não se amedrontar caso venha a observar que o momento da aula naufragou em si mesma por sua responsabilidade ou de terceiros. Ter o tempo da paciência e das manobras da navegação.

Estar sozinho. Mas será que realmente esse ofício de estagiário que começa a reger aulas como professor baseia-se em estar sozinho? A experiência enquanto estagiário fez-me pensar que nunca se está realmente sozinho. Seja com um supervisor, com aquele elemento principal que são os estudantes, com outros observadores e até, no caso específico da aula de teatro no Colégio de Aplicação, uma dupla. Uma companhia pedagógica disposta a partilhar essa travessia. Vejo que, concluindo o estágio e abarcando o futuro enquanto profissional, tem-se a mudança de um grande navio aglomerado para uma canoa, um pouco mais solitária. Um período de modificação: com mudanças e amadurecimento. Uma viagem diferente.

28. Narrativa escrita por um ex-estagiário, aluno da Licenciatura em Teatro da UFPE, no ano letivo de 2019.

29. Corruptela de “Navegar é Preciso”, de Fernando Pessoa (1988-1935), em Mensagem (2014).

## Descrição da Experiência

Desde o Ensino Fundamental e Médio, eu sempre me perguntava “Como alguém consegue guiar uma aula por tanto tempo e sozinho, contra todos esses alunos?”, passou por minha cabeça esse pensamento, a sala de aula ainda era um local de confronto entre alguém que sabia e pessoas que não sabiam, agora meu olhar sofreu as felizes alterações do tempo, das mudanças de perspectiva. Saindo do lugar de confronto que tanto pode comprometer um indivíduo em desenvolvimento, aprendi a perceber a existência na verdade de uma conversa das mais antigas. Uma troca de experiências e de sensibilidades, já que estamos falando de uma aula de teatro, uma conversação baseada em preceitos como: escutas e propostas. Um olhar maior tanto para o espaço da expressão como o da reflexão.

Começando a disciplina de Estágio Curricular 1 com a observação em 2019.1 e dando prosseguimento a ela em Estágio Curricular 2 em 2019.2, da observação para a regência, foi um momento não apenas de reflexão, mas de consequente e progressiva essência teatral, nesse caso: ação.

Observar é um local seguro, estar lá quase que em uma semi-invisibilidade, estar afastado nesse não lugar, distanciado mesmo dentro daquela realidade nova. Augé<sup>30</sup> (2004) exemplifica esses espaços de circulação tênue: rios mais rápidos, espaços como o estágio em que somos e não somos ao mesmo tempo, onde dependemos de certas normas e símbolos, como, por exemplo, o crachá, para nossa identificação e validação no local. É um espaço de segurança, neutro para os estagiários que ainda estão emergindo naquele novo ecossistema. Existe no máximo uma curiosidade para os estudantes, que devem se sentir “vigiados” por nós estagiários, em um local onde o convívio depende de normas, onde a relação só existe por consequência. Com o tempo, vamos passando para o reconhecimento e as relações de mais afeto, como ter seu nome conhecido e as pequenas conversas com os estudantes, vou começando a notar o fortalecimento no material do barco, que é construído em companhia.

Eis que chega o momento da intervenção prática, a famigerada regência. Não estando sozinho, ao lado de minha dupla, consigo apoio, tanto moral como profissional. Eu também observo meu companheiro de estágio, dialogamos sobre as nossas ações cruzadas. Sinto que o bar-

30. Marc Augé é um etnólogo e antropólogo francês, conhecido por ter cunhado o termo não lugar.

co tem menos chances de ser destruído, sigo seguro, mesmo em um mar perigoso.

Estar em dupla, enquanto estagiário, é uma relação interessante, potente, mas também destruidora. Ouvi sobre casos em que uma dupla inconstante e de opiniões extremamente divergentes pode acabar por escanteiar e tornar torturante a relação entre estagiário e seus estudantes e supervisor. Transformar o ambiente pedagógico do estágio curricular em um inferno circular, atravancado. Um barco em um redemoinho sem escapatória. Como então manobrar bem e com segurança nessa viagem? Aproveitando a oportunidade que são as boas relações e conversas fielmente integradas, torna-se fácil então o fluir das aulas quando se tem o luxo de estar duplicado em outro diferente, mas fielmente estendido. Seja por uma outra cabeça, dois braços e pernas, dois olhos e uma outra importante boca, que não apenas indica orientações, como também se distancia para notar as necessidades e a própria função de estagiar.

Estamos nessa troca de papéis, enquanto, no momento de orientação que acontece logo após a aula, temos uma nova relação de diálogo entre um estudante de teatro que estagia como professor e um professor de teatro que observa como supervisor, destacando sempre as nuances e as movimentações feitas por mim e por minha dupla. Marcus é um dos pilares dessa relação quádrupla que sustenta a mesa do estágio curricular em teatro no CAP: 1. Eu, 2. Minha dupla, 3. Estudantes, 4. Supervisor. Ele que nos provoca sobre nossas ações e formas de navegar. Assim como eu estou em uma função dupla de estudante-estagiário, Marcus acaba por duplicar-se também em um professor-supervisor. Interligam-nos várias tramas que criam uma forte vela para o barco. Somos levados pelo vento, o qual diz que o meu agora de estagiário e o observar do supervisor são complementos do mesmo processo. Essas relações emaranhadas de troca têm tudo para tornar o estágio no CAP não apenas uma experiência de degustar a vida na sala de aula, como também de demonstrar uma análise caleidoscópica, em espelho de vários lados que pode revelar múltiplas imagens dele, através dos feedbacks de estudantes, da dupla ou do supervisor. Meu estágio no CAP tem tudo para ser uma potente experiência, uma bagagem para um navegante, em uma correnteza perigosa.

## Considerações Finais

Uma viagem, uma travessia de um simples rio pode ser muito perigosa, na mesma medida que é necessária. Como afirma Larrosa (2015, p. 25):

O sujeito da experiência tem algo desse ser fascinante que se expõe atravessando um espaço indeterminado e perigoso, pondo-se nele à prova e buscando nele sua oportunidade, sua ocasião. [...] “Podemos ser assim transformados por tais experiências, de um dia para o outro ou no transcurso do tempo”, pode ler-se outro componente fundamental da experiência: sua capacidade de formação ou de transformação.

O perigo faz-se necessário à viagem, para ser desmistificado e ter o Eu descoberto, como, nesse caso específico do estágio, o Eu ser profissionalizado aos poucos. Tendo como transporte um barco completamente abarrotado de tripulantes, pode-se pensar em determinados fins não menos trágicos que A Balsa de Medusa, do pintor francês Géricault (1791–1824), ou o famigerado e histórico exemplo do navio RMS Titanic.

Afundar pode ser um dos grandes riscos desse ofício, quando é feito sem a experiência necessária e as provações também, sem o cuidado e a sensibilidade dos afetos. Sem ter o medo, seja pelas boas ou péssimas experiências, tornando mais resistente esse casco do transporte, o estágio no CAp, e sua multiplicidade de participantes e visões que ele fomenta, criando uma rede de análises profissionais e pessoais: um grande macramê com suas trocas cruzadas na sua variedade que apenas enriquecem o processo de atravessar o rio, rumo ao mar, outro mar, dentro da mesma canoa, como em exemplo o personagem do conto de Rosa (2016): “Nosso pai não voltou. Ele não tinha ido a nenhuma parte. Só executava a invenção de se permanecer naqueles espaços do rio, de meio ameio, sempre da canoa, para dela não saltar, nunca mais”.

Não deixarei a canoa quando estiver nela, como o pai da “estória” do mestre Rosa, sigo aprendendo aos poucos. Não existe solidão enquanto se estagia no CAp, assim como é um mero equívoco eu pensar que nesse ofício de professor ela vá chegar a existir, mesmo que eu esteja apenas sendo um em uma canoinha de nada, atravessando esse mar

manso. É rio de águas revoltas, outros vão estar por lá. Só se atravessa o mar para poder perder-se nele, encontro o outro, jamais o mesmo.

## Referências

AUGÉ, Marc. **Não-lugares**: introdução a uma antropologia da sobre-modernidade. 4 ed. São Paulo: Papyrus, 2004.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência. In: LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. Coleção: Experiência e Sentido.

PESSOA, Fernando. **Mensagem**. 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.



Platô  
*"pode ser caótico e transformador"*



Recife, setembro de 2023.

Edu, querido.

Mais uma carta escrita para um ex-estagiário. Esse exercício tem me levado para cantos que nunca pensei que existissem. Cantos de elaboração nunca pensados. Voltar às narrativas, distanciado do tempo em que elas foram escritas, tem me possibilitado um exercício rigoroso de aproximação e distanciamento, na tentativa de produzir sentidos com os deslocamentos que faço pelas linhas e entrelinhas dos relatos.

A narrativa *Os desafios de se tornar um professor de teatro* me fez lembrar das respostas dadas por professores(as) da educação básica, professores(as) e estudantes de teatro à pergunta-título do curso que ministrei recentemente: O que pode o teatro na escola? O curso de formato teórico-prático propunha uma conversa com os processos de *ensinaraprender* teatro no contexto da educação básica a partir da compreensão do jogo como princípio fundante às práticas curriculares expressivas, colaborativas, dialógicas e autorais em sala de aula. As respostas dadas pelos participantes, escritas em pequenos pedaços de papel branco, no primeiro momento do curso, serviram como disparadoras para um conjunto de procedimentos utilizados no decorrer dos encontros e que agora retomo como possibilidade de novas conversas com os desafios apontados pela narrativa citada anteriormente. Assim, Edu, propus uma conversa complicada (SÜSSEKIND, 2014) entre os desafios apontados na narrativa e respostas vindas do curso através de platôs, na tentativa de friccionar e produzir novos sentidos com os temas trazidos pelo ex-estagiário, como tempo pedagógico, planejamento de aula, processo criativo, cultura e escola, mídias digitais e o fazer teatral, avaliação *versus* subjetividade. Veja como ficou:





1. Duas horas de aula semanais da disciplina teatro parecem não ser suficientes para diversas inquietações que movem os alunos sobre as temáticas levadas para a sala de aula, fazendo com que muitas experiências sejam repensadas ou excluídas do planejamento da aula.

O teatro pode favorecer a expressão da criatividade dos estudantes, contribuindo com a interação, com a memorização, com a oratória e com o conhecimento sobre as possibilidades e limitações do corpo. Além de ampliar a imaginação e a criatividade dos estudantes.

Podem ser caóticos e transformados

PODE MODIFICAR  
PROCESSOS DE  
ENSINO APRENDIZAGEM

IMAGINAR  
BRINCAR  
JOGAR  
QUESTÃO

2. Estimular o acesso ao teatro para além da sala de aula numa geração que tem como suporte as mídias digitais a todo instante, o que dificulta a formação de espectadores teatrais.

\* Contribuir na construção de conhecimentos e significados.  
Expressão e movimento.

Abrir portas para conhecer-se, de corpo, alma, mente.  
E ampliar o leque de aprendizagens que podem transformar a sua realidade.  
Proporcionar espaços para desenvolvimento do seu eu artístico em sociedade.

- Fazer que os alunos interajam entre eles.  
- Despertar a criatividade artística dos alunos.

- PODE LEVAR À VALORIZAÇÃO DA ARTE.
- DESENVOLVIMENTO DA CRIATIVIDADE
- AUTOCONHECIMENTOS
- NOVAS FORMAS DE EDUCAR
- PERCEPÇÃO CORPORAL
- AMPLIAR VISÕES CRÍTICAS
- DESENVOLVIMENTO SOCIAL
- AUMENTO DO FOCO

### 3. Saber os limites necessários para não interferir no processo criativo dos(as) estudantes.

O TEATRO NA ESCOLA  
PODE SER O ESPAÇO  
DE RESISTÊNCIA.

Contribui com o desenvolvimento cognitivo, social, afetivo.  
Isto reflete em todas as áreas do educando.

Explorar potencialidades  
Suscitar pensamentos críticos  
Desenvolver o senso de coletividade  
Acolher diferenças  
(Russo)

EXPRESSAR, CONTAR, BUSCAR,  
ENCANTAR, COLTEMLADO,  
EXPERIMENTADO,





4. Como avaliar os(as) estudantes na disciplina teatro, visto que a subjetividade de cada um(a) é um ponto bem desenvolvido no 8º Ano B?

O teatro pode liberar.

Pode proporcionar possibilidades de desenvolvimento integral.

Pode proporcionar matizes inovadoras do aprendizado. Diante da possibilidade, a matéria que o teatro permite.

Transformar pessoas

5. O distanciamento dos(as) estudantes em relação às produções teatrais da cultura popular da cidade do Recife.

O que pode o teatro na escola?

- Pode proporcionar
- Pode ensinar
- Desobediência
- Construção
- Contar história
- Equilibrar o corpo

- Pode desmistificar
- filosofias
- Pode diluir hostilidades
- Pode tornar corpos de quem mais confortáveis
- Pode dar voz a quem quer tanto falar
- Pode humanizar

O que pode o teatro na sala de aula?

- Vivências diversas com o corpo, a voz.
- Vivências individuais e coletivas.
- O despertar o pensamento crítico e reflexivo
- Possibilitar o corpo?

Edu, penso que as inquietações elencadas na narrativa dizem das tensões e desalojamentos causados pelo esfacelamento da ideia de escola como campo, quase que único e privilegiado, de transmissão e construção de conhecimento. A partir da consideração presente no segundo desafio sobre as mídias digitais e a formação de espectadores teatrais, lembrei que bem recentemente, nos anos mais severos da pandemia da COVID-19, um conjunto de ações foi empreendido pelos(as) trabalhadores(as) da cultura, sobretudo por grupos, coletivos e artistas da cena, para manter-se em atividade em tempos de distanciamento social e, para tanto, acionaram as plataformas e mídias digitais, transformando esses meios em verdadeiros espaços de convivência teatral. Um belo exemplo podemos constatar nos Experimentos Sensoriais em Confinamento, do Grupo Teatral Magiluth<sup>31</sup>, aqui do Recife. *Tudo que coube numa VHS, Todas as histórias possíveis e Virá* foram três experimentos realizados no ano de 2020, que recompuseram a relação ator-espectador de forma brilhante, ao deslocar “a dinâmica de conexão com o espectador e estender-se para além do tempo de uma apresentação”, como afirma o próprio Grupo. Os três experimentos me tocaram profundamente, a dinâmica ágil e assertiva na operacionalização das mudanças de plataforma (WhatsApp, Instagram, YouTube e Spotify), propostas pela dramaturgia criada, me tornou um espectador ativo e participativo em todas as ações conduzidas em tempo real por um dos atores do grupo. No dia e na hora marcados, lá estávamos — eu do lado de cá e o ator do lado de lá —, conectados por uma chamada telefônica que se desdobrava em mensagens de texto ou links para áudios e imagens. Uma experiência única e individualizada que tornava o espectador cúmplice da narrativa do personagem. Uma relação dual, íntima e presente... teatro da melhor qualidade. As mídias digitais e os artefatos tec-

31.





nológicos aproximaram os espectadores dos grupos e coletivos de artistas, ampliando, e problematizando, os processos de fruição da obra de arte.

Também contei para o ex-estagiário o quanto lembrei da Profa. Sandra Corazza e seu livro intitulado *O que quer um currículo?*. Me parece que a lembrança desse texto é oportuna, uma vez que os cinco desafios sistematizados na narrativa se encontram no seio da discussão sobre currículo. Retornei ao texto citado e selecionei trechos que acabaram fazendo parte dos platôs, entrando na roda das conversas complicadas já iniciadas. Segundo Corazza, um currículo:

“É o que dizemos e fazemos... com ele, por ele, nele. É nosso passado que veio, o presente que é nosso problema e limite, e o futuro que queremos mudado. É a compreensão de nossa temporalidade e espaço.”

“Um currículo também produz ideias, práticas coletivas e individuais, sujeitos que existem, vivem, sofrem e alegram-se, num mundo que se produz atravessado por complexas redes de relações, desde as econômico-sociais até as tramas amorosas e transferenciais.”

“A linguagem de um currículo é tudo de que ele dispõe para imputar alguma vontade aos outros. Mas, quando diz o que quer, um currículo confunde-se com as expectativas desses outros. Deste modo sempre outro, o que quer um currículo é apenas efeito de suas falações.”

“Ele sempre diz mais do que quer e, ao mesmo tempo, diz sempre outra coisa. Ao falar, um currículo é levado além de si próprio, pois o sentido do que diz encontra-se na linguagem de sua época e lugar, na qual está enredado.”

“Ao conceber um currículo como uma linguagem, nele identificamos significantes, significados, sons, imagens, conceitos, falas, língua, posições discursivas, representações, metáforas, metonímias, ironias,



invenções, fluxos, cortes... Assim como o dotamos de um carácter eminentemente construcionista.”

“Que seu discurso fornece apenas uma das tantas maneiras de formular o mundo, de interpretar o mundo, e de atribuir-lhe sentidos.”

“Como linguagem, é uma prática social, discursiva e não-discursiva, que se corporifica em instituições, saberes, normas, prescrições morais, regulamentos, programas, relações, valores, modos de ser sujeito.”

Edu, as considerações da Profa. Sandra Corazza me levaram para outra importante consideração que minha orientadora, Profa. Maria Luiza Sússekind, faz sobre escola e currículo, olha o que ela diz: “as escolas são plurais, os currículos ecológicos e a criatividade são inerentes às práticas docentes, o que inviabiliza o controle, a homogeneização, além de desafiar teorias, normas e, sobretudo, as políticas de currículo atuais. Ainda, reafirma que o pensar se dá com os outros, como conversa, em rede, habita a gente e o mundo que se transforma, sempre e todo tempo” (2021, p. 75).

A partir das contribuições/provocações feitas pelas duas professoras, penso com elas e reconheço que os desafios colocados na narrativa do ex-estagiário, no seu primeiro momento em contato com o fazer docente, são inquietações que, cotidianamente, acompanham a prática docente, seja na educação básica ou mesmo na formação de professores(as). As questões ressurgem a cada nova entrada na sala de aula, se apresentam de modos diferentes porque diverso e inventivo é o cotidiano e muitos(as) são os(as) participantes do processo, chamados(as) pelos(as) cotidianistas de *praticantespensantes*. Esse termo, Edu, cunhado pela professora e pesquisadora Inês Barbosa de Oliveira, a partir do Michel de Certeau, coloca no centro da cena todas as pessoas que se ocupam, se envolvem e constroem os cotidianos pedagógicos. Para ela, os *praticantespensantes* desenvolvem ações,





buscam e compartilham alternativas, modos e usos, subvertem ordens impostas criando outras formas, produtos e regras, tornando-se, assim, protagonistas de *fazeressesaberes* coletivos.

As narrativas possibilitam um *fazerpensar* próprio e contextualizado sem se deixar circunscrever a um único território, mas transbordam e tecem redes que não se constituem de modo isolado, subvertendo a ideia de que o conhecimento se aprende na universidade e, depois, se aplica na escola. No caso das narrativas que compõem o interesse da pesquisa, Edu, a dialética dessa relação é potencializada, uma vez que ela ocorre no *espaçotempo* de uma escola-universidade, de uma escola que tem como princípio fundante a formação de professores e que se localiza, territorialmente, dentro do *campus* de uma universidade, ou seja, o chão da escola é, geograficamente, o mesmo chão da universidade. A intrínseca relação desses espaços conversa com a ideia de estágio “como um *entrelugar* de reflexão e experimentação da identidade docente-discente, campo particular de disputas de saberes, fazeres e poderes entre a universidade e a escola... um lugar de aprender... um lugar de pesquisa de aprendizagem e de ensinagem” (SÚSSEKIND, 2011, p. 24, grifo da autora), ESCOLAuniversidade, UNIVERSIDADEescola, ESCOLA da UNIVERSIDADE, ESCOLA dentro da UNIVERSIDADE.

Neste jogo de/com as palavras, sigo aqui *sentindopensando* os desafios da formação no lugar em que atuo e um silêncio me toma por completo. Me sinto encorajado para ir além.

Um abraço longo em você, querido.  
Até breve.  
Marcus



## Narrativa:

### OS DESAFIOS DE SE TORNAR UM PROFESSOR DE TEATRO<sup>32</sup>

Os desafios de se tornar um professor de teatro vão além das instalações físicas de uma sala de aula. A compreensão do que vem a ser uma aula da disciplina teatro na escola formal exige um posicionamento amoroso, altruísta, paciente e, principalmente, comprometido em defender a importância dessa linguagem artística nos horários semanais dos(as) discentes. É preciso fazer com que os(as) estudantes compreendam a necessidade do acesso ao teatro para seu crescimento pessoal e, para aqueles(as) que anseiam por mais, seu crescimento profissional é uma luta que se reinicia a cada encontro. Identificar as teorias estudadas na graduação sendo postas em prática nas aulas do supervisor, no primeiro momento durante o estágio de observação, em 2018.1, faz com que o processo de formação de professores(as) exija um olhar aguçado que não permite um descuido com as reações dos(as) estudantes ou do(a) docente dentro da sala de aula. No segundo momento, no processo do estágio de regência, foi exigido não só um olhar aguçado do estagiário/professor-pesquisador, mas uma sensibilidade em descortinar a subjetividade dos(as) discentes sem que os(as) deixasse expostos(as) ou fizesse todo o trabalho de confiança construído entre estudantes e professor cair por terra, o que, teoricamente, afasta cada vez mais os(as) estudantes dos espaços teatrais. Os desafios aparecem em qualquer processo educativo e se manifestam de diversas formas. Dentro do Colégio de Aplicação, no ano de 2018, a partir da minha experiência como estagiário, elenco cinco desafios que tive com os(as) estudantes do 8º Ano B:

1. Duas horas de aula semanais da disciplina teatro parecem não ser suficientes para diversas inquietações que movem os alunos sobre as temáticas levadas para a sala de aula, fazendo com que muitas experiências sejam repensadas ou excluídas do planejamento da aula.

2. Estimular o acesso ao teatro para além da sala de aula numa geração que tem como suporte as mídias digitais a todo instante, o que dificulta a formação de espectadores teatrais.

3. Saber os limites necessários para não interferir no processo criativo dos(as) estudantes.

32. Narrativa escrita por um ex-estagiário, aluno da Licenciatura em Teatro da UFPE, no ano letivo de 2018.

4. Como avaliar os(as) estudantes na disciplina teatro, visto que a subjetividade de cada um(a) é um ponto bem desenvolvido no 8º Ano B?

5. O distanciamento dos(as) estudantes em relação às produções teatrais da cultura popular da cidade do Recife.

A stack of several papers, some yellow and some light blue, with a quote on the top sheet. The papers are slightly overlapping and have a hand-drawn, sketchy appearance. The background is a solid light beige color.

Platô  
"nenhum pé de gente OU  
40 planejamentos"



Recife, novembro de 2023.

Edu, querido.

Como tem passado? Por aqui retomei as conversas com mais uma das narrativas depois de dias sem escrever uma linha sequer, não por falta de assunto, mas por uma suspensão que tem me tomado vez ou outra. Tudo fica suspenso, pairando como se fosse uma substância aerada esperando o tempo de ser sorvida. Lembro de já ter conversado com você sobre isso, sobre o quanto é angustiante esse estado de criação, de sentir-me deslocado e com a sensação de que o tempo tem escapulado por entre os dedos, que nada escrevem, que nada produzem, que travam a escrita, imobilizados sobre o teclado.

Pois bem, depois de dias retomo a narrativa e observo as marcações que já havia feito no texto, os comentários na borda do papel, destaques nas referências e passo a reconsiderar alguns dos comentários escritos. Tento levantar as camadas que há no texto, tento abrir novas brechas, entrecortar palavras, deslizar nos sentidos friccionando outros e, em um momento de distração, me percebo conversando com o autor da narrativa que acabara de fazer uma postagem em redes sociais sobre a retomada de leituras pelo simples prazer de ler. Deslizo e escapo da narrativa para o chat, falo do prazer e da dor da criação que tenho sentido na sistematização do *fazerpensar* a tese. Ele fala do que tem lido após a conclusão do mestrado e eu, no lampejo de criação, envio um áudio com um trecho de sua narrativa escrita em 2018, a mesma que estava na minha frente. Daí por diante, Edu, seguimos com uma sequência de áudios enviados e recebidos e prontamente sugiro continuar conversando dessa forma, tendo como mobilizadora da conversa a narrativa do seu tempo de estagiário, o que é logo aceito por ele.





Proponho um jogo: enviar áudios com trechos retirados da narrativa escrita e ele devolver áudios contando os atravessamentos causados pelos trechos recebidos, considerando o *espaçotempo* da experiência atual como professor de teatro em escolas públicas de um município pernambucano. Edu, há neste jogo um aspecto relevante que merece destaque: o tempo... o tempo em que a narrativa foi escrita, o tempo transcorrido, o tempo de agora... o tempo... o tempo espiralado. No jogo estabelecido, a ideia de tempo constituído por uma sucessão cronológica de acontecimentos inexistente, cai por terra porque na dinâmica das trocas dos áudios o tempo é “experimentado como movimentos de reversibilidade, dilatação e contenção, não linearidade, descontinuidade, contração e descontração, simultaneidade das instâncias presente, passado e futuro”, como diz a Profa. Leda Maria Martins, naquele livro que já te indiquei chamado *Performance do Tempo Espiralado*, lembra? Na dinâmica do jogo proposto, o sujeito conversa consigo mesmo ao revisitar sua própria escrita, descolada do contexto em que foi construída, pela voz de um terceiro, e se desloca por *espaçotempos* de *sentir-pensar* a partir do território em que exerce sua docência, “um resgate de mim mesmo”, como o próprio autor da narrativa diz em seus primeiros áudios.

Penso com Graça Reis (2017, p. 12) que “a rememoração dessas experiências nos ajuda a compreender que a formação se dá a todo o tempo e que por meio dela é possível (re)direcionar percursos e mudar trajetórias; ou seja, a formação é contínua e singular”. Me alinho a Süsskind (2016, p. 89) quando afirma: “de que nós, professores, sempre em formação, aprendemos na relação que reconhece um tempo que não virá a ser, mas que está sendo. Um tempo que vai se construindo de modo precário, em pistas (GINZBURG, 1989, p. 148), em idas e voltas e deslizes, sempre na expressão verbal do gerúndio”.



“Ah, Marcus, muito obrigado, viu? Por resgatar... é... porque é um quase resgate de mim mesmo, assim... foi. Foi muito importante pra mim ouvir isso hoje. Eu tô dando aula, atualmente, no município de Moreno e agora, beirando já dezembro, a escola fica aquela loucura. Tudo muito louco. Os alunos loucos, a gestão louca, e você vai meio que se perdendo na sua atividade. Eu tô bem perdido nesse momento. Tá sendo muito difícil esse final de ano. Eu tô louco pra ficar de férias, mas, de alguma forma, escutar isso, reencontrar isso, me trouxe um encantamento. Brigadão mesmo”, diz R.B., ex-estagiário, em um dos seus primeiros áudios ao escutar um trecho de sua narrativa.

A narrativa, atravessada pelo tempo, nos faz pensar na sua potência como dispositivo de autoformação a partir da rememoração da experiência vivida, constituindo-se, assim, como um processo dialógico, multissituado e compartilhado, uma vez que “quem narra relaciona-se com o narrado, aproxima-se de outras experiências ou se reaproxima da experiência que está narrando, os que ouvem também se aproximam, dialogando e deslizando *sobre* o narrado em direção a outras experiências”, como afirma a Profa. Carmen Sanches Sampaio (2011, p. 126), a quem agradeço toda a contribuição durante e após a primeira qualificação da pesquisa.

Pois bem, Edu, parte do que estava suspenso ganha *corpoescrita*, se materializa e é sorvida pelo/ no *espaçotempo* da criação, da invenção do jogo proposto. Me mobilizo e envio trechos já destacados ou reagrupo outros.guardo ansiosamente os retornos e quando chegam me atravessam, me deslocam e me ponho a *sentirpensar* o trajeto feito por ele... o trajeto feito por mim como professor formador.

Vamos ao jogo.





**Fragmento 1:** *Há nessa minha experiência um senso de alteridade, reconheço neles os meus primeiros ensaios para o voo, na verdade eu ainda era um pouco mais novo que estes de agora. Foi também na escola, no Ensino Fundamental, que tive as minhas primeiras experiências com o teatro, não como atividade curricular — como é vivido no Colégio de Aplicação —, mas como um exercício extracurricular. Com aulas durante o intervalo do almoço da escola. Essa experiência me marcou profundamente e foi decisiva no desenrolar das minhas escolhas até chegar à graduação.<sup>33</sup>*

33.



**R.B.:** *Oi, Marcus. Bom dia. Eu ontem acabei dormindo e hoje de manhã acordei bem cedo e fui dar aula, acabei de voltar pra casa, que hoje eu tive sorte de dar aula só em um turno. Agora à tarde eu fui dispensado porque os meninos vão fazer um passeio, e... ouvindo esse áudio agora... essa palavra ficou pra mim. Esse senso de alteridade... assim, e eu fico lembrando desses três momentos especificamente na minha vida: aquele primeiro momento lá onde eu comecei a fazer teatro na escola, aí eu lembro da escola naquele momento, que era uma escola pública, mas que me dava, que dava né, minimamente estrutura pra que a gente tivesse aula de teatro ali. Aí eu lembro da experiência do Aplicação, que foi incrível, né?! Ter as aulas de teatro como algo curricular, né?! Eu achava isso mais incrível ainda. Aí eu vejo agora minha realidade assim... (risos) Talvez nesse momento eu esteja com pessimismo no olhar, sabe? Mas é muito difícil, muito difícil conseguir fazer teatro do espaço da escola pública, pelo menos dentro da realidade que eu tô agora. Eu ensino em duas escolas de zona rural. E aí, inclusive pra eu chegar na escola, tipo... pego um ônibus, desço no centro da ci-*

*dade de Moreno, no centro da cidade de Moreno pego uma moto, e aí são.. um TIME, um tempo em cima dessa moto até chegar na escola, que fica, realmente, no meio do nada... no caminho muito canavial, muita produção de cana que tem nessa área aqui e nenhum pé de gente e tal... e aí isso já me faz dialogar como outro tipo de público, uma galera que possui outras referências. Quando eu, por exemplo, falo de teatro, é raro ter alguém na sala que tenha tido alguma experiência com o teatro. E o que percebo hoje é tanta resistência, resistência na sala de aula, sabe? Resistência dos alunos, resistência da gestão, e é tudo tão precário, sabe? Lógico, tô falando tudo isso dentro da realidade que estou. Falta material, falta espaço e aí um grande desafio pra mim nesse momento é porque eu não sou um professor de teatro, eu sou um professor de artes, e isso já é um... algo que pega, pra mim, muito pesadamente, porque eu tenho que dar outros conteúdos de outras linguagens artísticas que eu não me sinto à vontade, não me sinto preparado muitas vezes pra dar. Aí eu me vejo, às vezes, em desvio de função e aí, dentro das quatro linguagens que eu preciso passar pros alunos, tá lá o teatro. Mas é muito difícil dar aula de teatro nesse espaço. É... é tão... como falei, né? É tanta resistência dos alunos, é tanta violência, como as pessoas se tratam também. Lógico, vez ou outra, é... você tem assim um momento que as coisas parecem... te fazem um afago, né?! Um momento de beleza no meio de tanto caos. E quase sempre esses momentos de beleza acontecem no 6º Ano. Porque ainda tem um quê de criança nos alunos, uma inocência e tal, mas com o passar dos anos é... nas outras turmas, os meninos vão ficando muito duros. Eu já cheguei quase a ser ameaçado por um aluno de 9º Ano. Eles são muito violentos,*





sabe? Sem paciência pras coisas, pros tempos. A galera que adora aquelas coisas, tipo vídeos de TikTok, querem que as coisas sejam objetivas, curtas, rápidas e aí, por exemplo, pra gente dar uma aula, que a gente vai dilatar esse tempo, vai pensar em outros tempos de existência... Nossa! É um sofrimento pra esses meninos. E, lógico, quando tava lá no Aplicação, eu via que nem todos os alunos tinham essa habilidade, essa abertura, mas a estrutura não colabora pra que a gente vença essas dificuldades também. Por exemplo, eu dar uma aula de teatro numa turma, numa sala pequena, lotada de banca, com quarenta alunos dentro de uma sala, uma sala quente, que não tem ventilador suficiente pra ser um ambiente agradável, sabe? É quase impossível conseguir tirar aqueles meninos da banca, porque se eu tiro eles da banca vira um escarcéu, vira um inferno. Falta estrutura. Falta estrutura, inclusive, não só quando eu dou aula de artes, falta essa estrutura pra eu dar... até quando eu me desafio a dar outra... conteúdo de outra linguagem ... seja de artes visuais, seja de música, seja de dança, porque não tem material. A gente tem o básico, os pilotos que entregam à gente, um quadro branco, mas falta material pra trabalhar com os alunos. No início do ano, eu lembro que fui fazer um trabalho, na época do Carnaval, de construção de máscaras com eles, aí eu fui trabalhar com uma turma que era tão numerosa que eu gastei o material todo lá que tinha, e aí depois a direção falou que aquele era o material previsto para os seis meses. E aí eu gastei esse material, que foi previsto para os seis meses, em uma turma, fazendo uma atividade. Mas o erro não tava no cálculo que eu fiz, o erro tava no cálculo que eles fazem sobre o uso desses materiais. Aí, é muito difícil! É muito difícil! Mas é isso assim... a falta



que faz a garantia do teatro enquanto disciplina específica, não como um conteúdo dentro da disciplina de artes. Isso pra mim é o que mais pega. Nossa! Eu fiz um pequeno podcast, oito minutos.<sup>34</sup>

**Fragmento 2:** Ainda nas primeiras experiências enquanto estagiário de uma licenciatura, percebo que o teatro é uma atividade poderosa para a formação dos alunos. Uma nova maneira de se pôr no mundo é inaugurada, nas mais diferentes camadas — corporal, intelectual e sensorial —, a linguagem desperta neles experiências que no decorrer do processo podem ser traduzidas em palavras e compartilhadas com seus pares.<sup>35</sup>

**R.B.:** Esse segundo áudio me faz pensar agora o quanto é difícil pra mim, na minha atual experiência, instaurar com meus alunos a dimensão da experiência que é própria do fazer teatral. É muito difícil propor qualquer coisa pra eles que de alguma forma vá mexer com essas... com o que já está instaurado em relação ao corpo, em relação ao sensível deles, ao sensorial. É muito difícil, por exemplo, propor toque, propor... até mesmo se levantar da cadeira. É muito difícil instaurar a questão da experiência na sala de aula nesse momento. Porque, quando eu entro na sala de aula, eu tenho o tempo de 50 minutos e, nesses 50 minutos, eu preciso dar conta, minimamente, de fazer com que a sala me escute, né? Então, às vezes, eu entro na sala de aula e os alunos estão brigando, os alunos estão jogando bola de papel um no outro, estão jogando... fazendo qualquer outra coisa, e eu preciso primeiro apagar todos esses incêndios pra tentar propor algo diferente pra eles, e isso é muito desgastante. E, às vezes, confesso, é muito mais

34.



35.





*fácil pra mim entrar na sala e querer tratar de uma forma conteudista. Inclusive, eles acabam aceitando melhor a aula, às vezes, se eu levo, se eu trato algo assim, se eu for pro quadro e trato um conteúdo de forma... expondo algo. Do que... se eu proponho algo pra ser vivenciado na experiência, na dimensão da experiência. Não sei se eu me fiz entender.*<sup>36</sup>

36.



**Fragmento 3:** *Não podemos negar que há distâncias entre os planos de ensino sonhados na academia e os desafios impostos pelo espaço da práxis, é preciso estar atento às profundas mudanças que o nosso mundo contemporâneo impõe às relações humanas, isso é um dado importantíssimo para a formação dessa assembleia. Observar a prática de condução do professor é um momento instigante, não há um saber a ser transmitido para mim enquanto observador e futuro professor, não há fórmulas prontas, sinto que nesse processo ele partilha comigo os riscos, as interrogações, isso é o que mobiliza o nosso diálogo.*<sup>37</sup>

37.



**R.B.:** *Essas distâncias entre os nossos planos de aula e as nossas aulas em si. Sexta-feira, dia 1º de dezembro, fez um ano que tô na experiência do ensino público, e, dentro desse ano, uma coisa que eu não abri mão foi de fazer meus planejamentos, eu gosto de planejar as minhas aulas, eu tenho meu caderno, onde eu, minimamente, organizo o que eu preciso, o que eu desejo pra trabalhar nas aulas. Mas uma coisa que eu tenho percebido é que, cada vez mais, esses meus planos caem no lugar de um rascunho, porque, nos primeiros momentos, eu chegava muito mais dentro de uma grade, de algo muito mais quadrado, e eu percebi que, quando eu chegava, era muito difícil dar conta daquele plano, que era*

*muito amarrado. Hoje em dia, eu tenho plano, mas eu percebo que ele tá muito mais fluido pra encontrar os outros quarenta planos de aprendizagem que cada aluno traz pra sala de aula. Esse é o desafio também.*<sup>38</sup>

**Fragmento 4:** *Meninas e meninos, de diferentes origens, cores, alturas — sem falar das diferenças que não são perceptíveis ao meu olhar —, trazem para a sala de aula as suas singularidades. Creio que o encontro das diferenças, principalmente numa instituição como a escola, é terreno frutífero para a formação de melhores cidadãos, talvez esse seja o melhor caminho para a construção de uma sociedade mais justa e menos preconceituosa e intolerante.*<sup>39</sup>

**R.B.:** *Uma coisa que eu lembro que eu achava muito bacana no Aplicação era o quanto era fácil estabelecer esse lugar da assembleia, da construção do conhecimento, que era feita tanto por você, que era o professor, como por mim, que era naquele momento o estagiário, e pelos alunos. Eles tinham uma autonomia de se colocar, e juntos a gente conseguia, realmente, instaurar aquela assembleia. E agora com minha experiência nesse momento eu percebo o quanto é difícil instaurar essa assembleia em algumas turmas especificamente. É difícil de fazer alguns alunos entenderem o quanto é importante eles se colocarem no lugar de autores da construção do conhecimento deles. Às vezes, quando eu entro na sala, eles querem que eu passe algo, que eu ensine, que eu explique, né?! Porque eles já estão acostumados com um sistema que moveu eles assim há muitos anos, que tem movido eles há muitos anos, e, às vezes, quando eu proponho que a gente faça uma roda, que a gente se escute, é muito estranho pra eles assim. Lógico, não em todas as turmas, mas em muitas turmas isso acontece.*<sup>40</sup>

38.



39.



40.





Respiro, escuto e sigo levantando questões: Que qualidade de experiência tenho possibilitado como supervisor de estágio no CAp-UFPE? O que penso hoje sobre estágio curricular? Em que medida tenho me deixado afetar pelo outro? O que tenho dito sobre ser professor de teatro? Que promessas tenho feito? Que compromissos ético-estéticos tenho assumido com os meu pares? Quais *fronts* políticos no campo da arte e da educação tenho ocupado?

Sigo com elas, Edu, na certeza de que há uma rede gigante na qual posso compartilhar essas e outras tantas questões.

Cheiro grande e até breve, querido.  
Marcus



## **Narrativa:**

# **RITOS DE INICIAÇÃO: A EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO CURRICULAR NO ENSINO DO TEATRO NO COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO<sup>41</sup>**

## **Introdução**

Talvez, a maior sensação de liberdade esteja em sentir o vento, nisso, confesso, carrego inveja dos pássaros, que sobrevoam nos ares e de melhor forma podem sentir essa sensação, tendo ainda o prazer de uma visão privilegiada. Em seu voo, enxergam montes, mares, planícies e pessoas. Chego nessa experiência com um “olhar de pássaro”, do alto da minha viagem vislumbro dezesseis pequenos humanos acompanhados de um humano maior, eles parecem se reunir para iniciar um ritual. Uma grande roda é ponto de chegada e de partida, e não há coisa mais convidativa que uma roda, é sempre nela que se partilham as melhores histórias, é dentro dessa forma circular que se pode melhor comunicar, nela todos podem se enxergar, escutar e falar. Esse cenário me atrai, paro um pouco o roteiro da minha viagem, me acomodo no alto de uma árvore e observo.

Há nessa minha experiência um senso de alteridade, reconheço neles os meus primeiros ensaios para o voo, na verdade eu ainda era um pouco mais novo que estes de agora. Foi também na escola, no Ensino Fundamental, que tive as minhas primeiras experiências com o teatro, não como atividade curricular – como é vivido no Colégio de Aplicação –, mas como um exercício extracurricular. Com aulas durante o intervalo do almoço da escola. Essa experiência me marcou profundamente e foi decisiva no desenrolar das minhas escolhas até chegar à graduação. Atualmente estudante do curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal de Pernambuco, entre outras cadeiras, vivencio a experiência da disciplina de Estágio Supervisionado 1, que tem como objetivo a observação da práxis pedagógica do ensino do teatro no Ensino Fundamental. Na contramão da minha formação de futuro arte/educador, o espaço escolhido para essa minha passagem foi o Colégio

41. Narrativa escrita por um ex-estagiário, aluno da Licenciatura em Teatro da UFPE, no ano letivo de 2018.

de Aplicação da UFPE, mais especificamente a turma do sexto ano, turma A, que é acompanhada pelo professor Marcus Flávio.

Os encontros têm dia e horário certos: quartas-feiras, das 7h20 às 9h, semanalmente os alunos se reúnem em um encontro de duas horas para vivenciar a disciplina teatro. Meninas e meninos, de diferentes origens, cores, alturas — sem falar das diferenças que não são perceptíveis ao meu olhar —, trazem para a sala de aula as suas singularidades. Essa diversidade de identidade é hoje ainda maior graças à nova política de entrada de alunos, que reserva 50% das vagas ofertadas para alunos oriundos de escolas públicas. Creio que o encontro das diferenças, principalmente numa instituição como a escola, é terreno frutífero para a formação de melhores cidadãos, talvez esse seja o melhor caminho para a construção de uma sociedade mais justa e menos preconceituosa e intolerante.

A turma vive o primeiro dos sete anos que integram a trajetória dos alunos no colégio. Para a maioria, o teatro como disciplina curricular é uma grande novidade, muitos tiveram poucas ou nenhuma experiência com essa linguagem. Aqui, o professor não sofre com um dos maiores percalços do ensino público no Brasil: a superlotação das salas. Os alunos são divididos em dois grupos, de 15 ou 16 pessoas, e enquanto um parte da turma A vivencia a aula de teatro, a outra parte é acompanhada por um professor de outra disciplina. Isso colabora de forma direta para a qualidade da aula, dessa forma o professor pode fazer um acompanhamento mais cuidadoso, atento às demandas de cada aluno. Há, primeiramente, a estranheza com o espaço. As aulas de teatro acontecem em uma sala específica, mais adequada às práticas da linguagem, não há as tradicionais bancas escolares, elas são abolidas em favor de uma sala ampla. Em um canto do espaço, encontramos um pequeno acervo de figurinos e objetos, recurso material que pode ser acessado de acordo com as propostas das aulas. Há ainda uma mesa com computador, com acesso à internet, e um equipamento de *datashow*, que pode ser usado também como suporte.

Ao entrarem nesse espaço, os alunos são convocados ao círculo, sentados no chão eles iniciam o encontro. Há nas primeiras aulas certa dificuldade em se estabelecer essa forma — um excesso de energia, próprio dessa fase da vida, parece gritar nesse momento —, a propensão para dispersão é bastante forte, é difícil frear o ritmo acelerado do co-

tidiano que muitos deles trazem para a sala. A forma circular impõe um novo ritmo, é preciso parar, uma assembleia se estabelece. O círculo carrega em si uma disposição para o ver e ouvir, sobretudo para o ver (GUÉNON, 2003). Talvez, nessa forma, nem todos possam se ouvir, mas é garantido que essa estrutura permite que as pessoas se vejam, olhem para os rostos uns dos outros e se reconheçam.

*Théatron*: “lugar de onde se ver”. A etimologia grega da palavra *teatro* remete ao local que o público ocupava nas representações. Dava-se importância a esse momento de encontro público, essa reunião espontânea da coletividade. Trazendo esse pensamento para nossa realidade, vislumbro a assembleia desses dezesseis pequenos alunos, conduzidos pelo professor, que sempre no início das aulas convoca esse rito. No círculo, sempre são partilhados os protocolos<sup>42</sup> do último encontro, instrumento importantíssimo para condução e avaliação do processo, e quase sempre esse exercício é efetuado por dois alunos que são escolhidos previamente. Nesse círculo, são também debatidos assuntos que perpassam a presença dos alunos na escola, temas, como o conselho de classe, são trazidos para o debate. Em um dos encontros, quando uma aluna interroga o professor sobre o que aquelas conversas tinham a ver com as aulas de teatro, ele responde: “Tudo isso que estamos fazendo aqui interessa ao teatro”.

No círculo, acendemos o fogo da partilha, elemento tão essencial para o teatro, ao redor desse fogo tomamos consciência de nós e do outro, e isto é um ponto primordial para que desenvolvamos qualquer outra atividade. Ainda nas primeiras experiências enquanto estagiário de uma licenciatura, percebo que o teatro é uma atividade poderosa para a formação dos alunos. Uma nova maneira de se pôr no mundo é inaugurada, nas mais diferentes camadas – corporal, intelectual e sensorial –, a linguagem desperta neles experiências que no decorrer do processo podem ser traduzidas em palavras e compartilhadas com seus pares.

## Resultados

Aqui, do alto da minha árvore, observo e tomo consciência do meu futuro espaço profissional. Vejo como os alunos se organizam no círculo, como trocam os seus afetos, como expõem suas demandas, as

42. Instrumento de trabalho apontado por Bertold Brecht. Tem como objetivo o registro das ações de um processo. Não há regras rígidas para a construção desse documento, ao contrário, indica-se que ele possa ser feito de forma espontânea, relatando no presente o encontro anterior, motivando reflexões, expondo esclarecimentos e desfazendo possíveis dúvidas.

relações entre si e com o professor. Surgem questionamentos que me fazem refletir sobre as finalidades e os procedimentos do Ensino do Teatro na Educação Básica — ação de resistência no nosso país! —, percebo que eles devem sempre estar dispostos a suscitar nos alunos, principalmente nos primeiros anos do Ensino Fundamental, experiências que estimulem a consciência sobre o corpo, sua imaginação e a capacidade de expressão. Não podemos negar que há distâncias entre os planos de ensino sonhados na academia e os desafios impostos pelo espaço da práxis, é preciso estar atento às profundas mudanças que o nosso mundo contemporâneo impõe às relações humanas, isso é um dado importantíssimo para a formação dessa assembleia. Observar a prática de condução do professor é um momento instigante, não há um saber a ser transmitido para mim enquanto observador e futuro professor, não há fórmulas prontas, sinto que nesse processo ele partilha comigo os riscos, as interrogações, isso é o que mobiliza o nosso diálogo. Os medos que correm pela cidades, as inseguranças e as fragilidades das relações tornam cada vez mais difícil a instauração da arte do encontro. Em dias em que as pessoas mal se olham, vejo nascer na sala de aula uma esperança. Talvez aqui, dentro dessa sala, no centro dessa forma circular, brote algo novo e relevante para os que dela partilham: o interesse pelo fenômeno teatral, buscando conhecer as diferentes funções envolvidas nesse processo, seja como fazedores ou espectadores, fazendo com que a assembleia que nasce aqui se expanda para outros espaços da cidade. Começo a entender as demandas que me serão necessárias para encarar essa aventura e me sinto atraído a voar para mais próximo.

## Referências

GUÉNON, Denis. **A exibição das palavras**: uma ideia (política) do teatro. Rio de Janeiro: Teatro do Pequeno Gesto, 2003.

KOUDELA, Ingrid Dormien. **Um vôo brechtiano**: teoria e prática da peça didática. São Paulo: Perspectiva, 1992.



Antes da última CARTA



## **Cotidianos**

O cotidiano não cabe no cotidiano:  
transborda;  
espicha sempre um pouco além do que a linguagem dá conta, do que os passos alcançam, do que o próprio além pode imprimir.  
O cotidiano não cabe no cotidiano:  
esgarça os limites (farrapos de trincheiras já sem cor);  
estilhaça ideias cristalizadas (pão duro e borolento, sem sabor e sem textura...);  
o cotidiano não cabe no cotidiano:  
polinoza os sentidos -  
tateios e escutas  
com todo o corpo...  
encarnado  
excitado  
atento  
aberto  
infindo.  
...  
O cotidiano não tem limites porque o corpo não tem limites.  
Performa, samba, desliza.  
Na cadência dos pés inventa caminhos...  
É sempre um pouco mais além de si mesmo.  
plural, plurais:  
cotidianos.  
Corpos que dançam e escrevem.  
Corpos que tremem.  
Corpos vivos.

O cotidiano não cabe, não, no cotidiano...  
Cotidianos.  
ploriferam;  
são terra fértil e areia fofa, brotação e pegada deixada no andarilhar da vida;  
sementes que parem florestas.  
florestas que parem sementes...  
passos e marcas que inventam caminhos.  
Difícil o mergulho inicial:  
pura arte na arte sagrada de traquinar meninagem na tessitura de nossas vidas bonitas,  
indagações afetivas da vida que constela.  
da presença que conversa.  
dos silêncios que são gritos.

escutar o mundo visualmente,  
empretecer a mirada,  
latinizar nossas linguagens,  
polifonizar as vozes em nossas conversas...  
e já afirmar as presenças.  
pesquisamosvivemospensamos-sentimos  
presenças.  
outres em mim.  
outres em nós.  
nós outres.  
nosotres.

nos ecos do cotidiano, escuta visual  
e ir ao encontro de outra presença  
brincar com a linguagem.  
fazer meninagem:  
afirmar mundos de sentidos em nossos próprios mundos...

cotidianos:  
forças que nos sacolejam  
de nós mesmos.  
ruas cheias de gentes e cores e  
cheiros e sabores.  
roçar com os pés os territórios  
que nos constituem...  
meninar a vida,  
como os ibejis,  
para vencer a morte  
e ressuscitar nossas vives.

Tiago Ribeiro

A Nilda Alves e ao GE Cotidianos,  
da Anped

Recife, janeiro abril de 2024<sup>43</sup>

Amado Edu, espero que esteja bem.

Talvez esta carta *seja continue sendo* a mais difícil de te escrever... a mais embaraçosa.

*Ainda* estou tomado por uma emoção que faz brotar uma cachoeira em meus olhos e continua a escorrer pelas pontas dos dedos que tocam o teclado neste momento.

~~Estou~~ Na reta final da escrita da tese para ~~submissão à segunda qualificação da pesquisa~~ *o momento da defesa* e tenho vivido dias intensos potencializados por um turbilhão de emoções e sentimentos que se misturam à angústia, medos, ~~muitos medos~~, ansiedade, mas também leveza, beleza, *confiança no trabalho realizado*, sorriso no canto da boca, mesmo sozinho diante da tela do computador, ao me deparar com tudo que tenho criado... vivido. *As considerações da banca examinadora, Edu, ratificaram muitas das minhas escolhas poéticoestéticopolíticas* e me provocaram a *sentirpensar* outras tantas, o que me animou sobremaneira, mas também me levou para o lugar das escolhas e defesas que precisei fazer, considerando, sobretudo, o tempo entre a qualificação e o dia do envio do texto final — quarenta dias, apenas. Pois bem, meio clichê dizer que “passa um filme pela cabeça”, mas é bem isso mesmo... passa, e passa, às vezes, em câmera lenta, outra hora em velocidade acelerada, fracionada, distorcida. Você foi um interlocutor ativo de escuta generosa me provocando sempre com seus apontamentos assertivos nesses quatro anos de doutoramento. Por tudo isso eu agradeço *e agradeço*, imensamente.

Lembro do processo seletivo, lá no ano de 2019, tendo que estudar mesmo com o coração dilacerado, sentindo constantemente “uma fisgada no membro que já perdi”, como diz o poeta Chico Buarque. Processos longos e tortuosos, cheios de enfrenta-

**43. Em mais um movimento com a pesquisa, a carta escrita em janeiro é atualizada, revista, reescrita e ganha outras camadas, além de deixar à mostra o que foi reconsiderado ou o que seria apagado, retirado de um texto acadêmico que segue os cânones da modernidade. Para nós, a “sujeira” da escrita no percurso do *sentirpensar* a pesquisa é parte constituinte do processo de *fazer com* e aqui é visibilizada. Para tanto, usamos as ~~palavras tachadas~~ para dizer das expressões escritas primeiramente e as *palavras em cor azul* para dizer das reescritas.**





mentos... encorajamentos, descobertas. De tudo vivi, de tudo tenho vivido. Nos acompanhamos há algum tempo, não é mesmo? Já perdi as contas de quantas cartas trocamos só nesses últimos anos.

Mas é agora? Quando se termina uma tese? Quando? Em qual tempo? Como? O que é terminar uma tese? Quem diz que a tese terminou, que tá pronta?

Uma forte sensação de incompletude tem me acompanhado nestes últimos dias, apesar do construído até aqui. Parece que falta algo... a ser dito, a ser escrito, a ser elaborado, a ser lido, a ser feito... e **terá sempre, não é mesmo?! Uma solidão me abate e me vejo sem saber como, exatamente como, terminar a tese.** Edu, isso é muito mobilizador. Isso tudo é muito inquietante e me sinto provocado a continuar... a te escrever, a ser interpelado por você, por outros, pelas narrativas, por minha orientadora, pelos pares, pelos grupos de pesquisa a que pertença e, em breve, pela banca examinadora que estará comigo **mais uma vez.**

Penso, Edu, que uma tese, assim como o cotidiano, nas palavras do Tiago Ribeiro, “não tem limites porque o corpo não tem limites. Performa, samba, desliza. Na cadência dos pés inventa caminhos... É sempre um pouco mais além de si mesmo”. Assim, tomado por essa sensação de continuidade, retorno às questões que me inspiraram e abriram caminhos para o presente estudo: como se tece professor(a) um estagiário(a) no CAP-UFPE? O que dizem as narrativas sobre ser/estar estagiário(a) no cotidiano daquela escola? Que esperanças, alegrias e angústias os(as) acompanham? **Saber que essas perguntas se desdobraram em tantas outras nesses quatro anos de doutoramento e provocaram tantos atravessamentos é de emocionar profundamente. O filme volta a passar pela cabeça: quantos encontros, quantos livros lidos, artigos, resenhas, congressos frequentados, parce-**

rias feitas, amores vividos, cursos *online*, orientações presenciais e remotas, debates, produções escritas, idealizações desfeitas, desabafos, silêncios profundos, conversas tensas... e mais silêncios... Nossa! Muita alegria envolvida, muito respeito demonstrado, muito posicionamento revisto, muitas certezas abaladas, muitas construções iniciadas e forte sensação de pertencimento a uma rede educativa gigante que não tem como dimensionar. ~~Mas que doutoramento foi esse, Edu, em que saio com mais perguntas do que propus inicialmente? Que, apesar de certa tensão para o fechamento do texto, me sinto tão mobilizado como lá em 2019, quando decidi fazer a seleção?~~

Respiro em/com tudo isso e volto a afirmar que ... e na provisoriedade, *sempre*, da pesquisa, *sintopenso* que:

- tecer-se professor(a) acontece nos enredamentos que os(as) estagiários(as) realizam durante sua trajetória dentro do Colégio, ocupando os espaços pedagógicos como ~~conselhos de classe~~, os momentos de orientação, as reuniões família-escola, reuniões formativas, aulas de campo, festivais, semanas temáticas;
- tecer-se professor(a) acontece nos enfrentamentos diários com a organização do espaço escolar — normas, regras, calendário, documentos, planos de trabalho, planos de aula, horários, pareceres avaliativos;
- tecer-se professor(a) acontece nas múltiplas camadas do cotidiano, no “traquinar meninagem, na tessitura de nossas vidas bonitas, indagações afetivas, da vida que constela, da presença que conversa, dos silêncios que são gritos”;





- acontece na invenção cotidiana de currículos *praticadospendados* toda vez que se entra em sala de aula;
- nas conversas complicadas do *serestar* discentedocente ao ocupar os conselhos de classe;
- no inventar de mundos possíveis para além das fronteiras impostas, reinventando os tempos pedagógicos, abandonando os planejamentos construídos previamente;
- no performar das *prácticasteoriaspráticas* se deixando afetar pelos processos criativos construídos coletivamente;
- no estágio como entrelugar, assumido como *espaçotempo* privilegiado para a experimentação da identidade do *serestar* docente, lugar fértil de *conhecimentossignificações*;
- no virar de ponta-cabeça, narrar a vida e literaturizar a ciência, como podemos perceber nas narrativas que compõem esta tese;
- no entendimento de que a escola pode ser um *espaçotempo* fluido, colaborativo, solidário e enredado com os muitos *fazeressaberes* dos diversos agentes da comunidade escolar, assim como na articulação entre os diversos contextos e nas inúmeras relações que esses agentes estabelecem entre si.

Edu, as narrativas, como potência da/na/com a formação, ~~anunciam~~ confirmam o tempo do estágio como um momento buliçoso, desafiador e farto de experiências que atravessam seus *praticantespensantes*, ratificando a ideia de que a formação se dá o tempo todo e na não linearidade, no caos do cotidiano, em que as angústias se misturam com pequenas

alegrias diante de um feito, renovando as esperanças a cada nova respiração, a cada nova entrada em sala de aula, a cada novo encontro, a cada olhar trocado com o(a) aluno(a) que chega na sala, tira seus sapatos e entra no jogo, a cada jogo iniciado, recomeçado de novo e novamente.

~~Ainda sem saber exatamente como terminar esta tese~~ Vou finalizando por aqui, já cheio de saudades das nossas conversas complicadas. Antes, preciso te dizer que  **muitas**  ~~alguma~~ ideias já começam a aparecer neste findar de carta  **para continuidade dos estudos** . Mas isso fica para uma próxima.

Um cheiro grande, amado.  
Do seu amigo,  
Marcus.



*Uma tese pode ser uma produção solitária.  
Uma tese pode ser tecida em rede?  
Uma tese é sempre uma rede.*

Maria Luiza Süssekind



## REFERÊNCIAS

- ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho – os cotidianos das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: OLIVEIRA; I. B. de; ALVES, N. (Orgs.). **Pesquisas nos/dos/com os cotidianos** – sobre redes de saberes. 3ª ed. Petrópolis: DP et Alii, 2008.
- CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: artes do de fazer**. Petrópolis: Vozes, 2014, v.1.
- DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Editora Escuta, 1998.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é filosofia?** São Paulo: Editora 34, 2010.
- FERRAÇO, Carlos Eduardo; ALVES, Nilda. Conversas em rede e pesquisa com os cotidianos – a força das multiplicidades, acasos, encontros, experiências e amizades. In: RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de; SAMPAIO, Carmen Sanches (Orgs.). **Conversa com metodologia de pesquisa: por que não?** Rio de Janeiro: Ayvu, 2018.
- FERRAÇO, C. E.; SOARES, M. C. S.; ALVES, N. (Orgs.). **Michel de Certeau e as pesquisas nos/dos/com os cotidianos em Educação**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2018.
- GUEDES, Adrienne Ôgeda; RIBEIRO, Tiago (Orgs.). **Pesquisa, alteridade e experiência: metodologias minúsculas**. Rio de Janeiro: Ayvu, 2019.
- GUEDES, Adrienne Ogêda; ROSA, Carolina Cony Dariano da; BEMVENUTO, Virna da Silva; BEMVENUTO, Vitória da Silva. Quando escrever é mover: Por uma (des)educação performativa na escrita acadêmica. **Urdimento** – Revista de estudos em Artes Cênicas, Florianópolis, v. 2, n.44, set 2022.

ICLE, Gilberto. Da Performance na Educação: perspectivas para a pesquisa e a prática. In: PEREIRA, M. A. (Org.). **Performance e Educação: (des)territorializações pedagógicas**. Santa Maria: UFSM, 2013. P.9-22.

ICLE, Gilberto; BONATTO, Mônica Torres. Por uma Pedagogia Performativa: a escola como entrelugar para professores-performers e estudantes performers. **Cadernos CEDES**. Campinas. v. 37, n. 101, p. 7-28, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/5qxLFTmsgrbv8nZsBRt6ZLF/?format=pdf&lang=pt>

KOUDELA, Ingrid Dormien; JUNIOR, José Simões. **Léxico de Pedagogia do Teatro**. São Paulo: Perspectiva, 2015.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. **O currículo como criação cotidiana**. Petrópolis: DP et Alii, Rio de Janeiro: FAPERJ, 2016.

OLIVEIRA; Inês Barbosa. de; ALVES, Nilda. (Orgs). **Pesquisas nos/dos/com os cotidianos** – sobre redes de saberes. 3ª ed. Petrópolis: DP et Alii, 2008.

OLIVEIRA, Inês Barbosa; PEIXOTO, Leonardo Ferreira; SÜSSEKIND, Maria Luiza (Orgs). **Estudos do cotidiano, currículo e formação docente**: questões metodológicas, políticas e epistemológicas. Curitiba: CRV, 2019.

REIS, Graça; CAMPOS, Marina; Flores, Renata, ALENCASTRE, Simone; LONTRA, Viviane. **Narrativas**: histórias da/na escola. Vol. 2. Rio de Janeiro: Nova Aliança, 2017.

SAMPAIO, Carmen Sanches; SILVA, Tiago Ribeiro; HELAL, Igor. “Estudar e pesquisar a prática pedagógica”: experiência(s) de (auto) formação docente no exercício de narrar(se). In: SÜSSEKIND, Maria Luiza; GARCIA, Alexandra (Orgs). **Universidade-escola**: diálogos e formação de professores. Petrópolis, RJ: De Petrus et Alii, Faperj, 2011.

- SPOLIN, VIOLA. **Jogos Teatrais**: o fichário de Viola Spolin. Tradução de Ingrid D. Koudela. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- SÜSSEKIND, Maria Luiza.; GARCIA, A. (Orgs.). **Diálogo e formação de Professores** – Universidade-Escola. Petrópolis: De Petrus et Alii; Rio de Janeiro: Faperj, 2011.
- SÜSSEKIND, Maria Luiza. As artes de pesquisar *nos/dos/com* os cotidianos. In: OLIVEIRA; I. B. de; GARCIA, A. (Orgs.) **Aventuras de conhecimento**: utopias vivenciadas nas pesquisas em educação. 1ª ed. Petrópolis: De Petrus; Rio de Janeiro: FAPERJ, 2014.
- SÜSSEKIND, Maria Luiza; COUBE, A. L. da S. **Universidadescolas**: deslocando linhas abissais. In: MASTRELLA-DE-ANDRADE, Mariana Rosa (Org.). **(De)Colonialidade na relação Escola-Universidade para a formação de professoras(es) de línguas**. Campinas: Pontes Editores, 2020.
- SÜSSEKIND, Maria Luiza. **Quem é... William F. Pinar?** 1ª ed. Petrópolis: De Petrus et Alii, 2014
- SÜSSEKIND, Maria Luiza. Currículos como curadoria? In: Sesc Departamento Nacional. **Com(A)rtes: diálogos entre arte, educação e cultura** [recurso eletrônico] Rio de Janeiro: Sesc, Departamento Nacional, 2021.
- SÜSSEKIND, Maria Luiza; LONTRA, Viviane. **Narrativas como travessias curriculares**: sobre alguns usos da pesquisa na formação de professores. [S. l.], v. 41, n. 1, p. 87-108, 2016. DOI: 10.18593/r.v41i1.9263. Disponível em: <https://periodicos.unoesc.edu.br/roteiro/article/view/9263>. Acesso em: 24 dez. 2023.

## ANEXOS

O percurso trilhado durante o doutoramento é longo, difuso e emaranhado em atravessamentos múltiplos, enredado em/com encruzilhadas e nos leva a lugares diversos. Compreendendo esses lugares como *espaçostempos* de partilha e conversas complicadas que qualificam os estudos, compartilho a seguir uma parte dos diversos encontros onde tive a oportunidade de falar do vivido durante a presente pesquisa.

2020		
N.º	Documento	Link
1	Palestra “Da aridez à imensidão do mar: o fazer docente e o alumbramento do Re(Existir)”, LACRIAS / UPE, em 02.10.2020	Sem link
2021		
N.º	Documento	Link
1	Palestra “Ensino/aprendizagem de arte nos anos iniciais da educação básica”, FAED / UFPA, em 03.02.2021	Sem link
2	Conversa com Daniel Suárez e Luis Porta, Fórum Permanente de Pesquisa Narrativa - FOPPEN, em 10.09.2021	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=-9cR2SqBAdms&amp;t=21s">https://www.youtube.com/watch?v=-9cR2SqBAdms&amp;t=21s</a>
3	Trabalho encomendado “Currículo e pandemia: disrupções da vida (im)possível”, 40ª Anped - UFPA, em set./out. 2021	Sem link
4	Minicurso “Audiocartas, narrativas de afetos: podcast acerca dos ‘fazeressaberes’ com os cotidianos em nossas redes educativas”, 40ª Anped - UFPA, em set./out. 2021	Sem link

5	Participante do V Colóquio Luso-Afro- Brasileiro de Questões Curriculares, FACED - UFBA, de 09 a 11.11.2021	<a href="https://www.even3.com.br/anais/vcoloquiolusoafrobrasileirodecurrículo/">https://www.even3.com.br/anais/vcoloquiolusoafrobrasileirodecurrículo/</a>
6	Apresentação de trabalho científico “‘Quanta verdade tristonha ou mentira risonha uma carta nos traz...’ – a escrita epistolar na pós-graduação”, V Colóquio Luso-Afro- Brasileiro de Questões Curriculares, FACED - UFBA, em 11.11.2021	<a href="https://www.even3.com.br/anais/vcoloquiolusoafrobrasileirodecurrículo/414376-quanta-verdade-tristonha-ou-mentira-risonha-uma-carta-nos-traz--a-escrita-epistolar-na-pos-graduacao/">https://www.even3.com.br/anais/vcoloquiolusoafrobrasileirodecurrículo/414376-quanta-verdade-tristonha-ou-mentira-risonha-uma-carta-nos-traz--a-escrita-epistolar-na-pos-graduacao/</a>
<b>2022</b>		
<b>N.º</b>	<b>Documento</b>	<b>Link</b>
1	Palestra “A escrita de cartas como narrativas curriculares”, ConCu / Encontro de Extensão / UNIRIO, em 14.02.2022	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=ALr30gdlrEo">https://www.youtube.com/watch?v=ALr30gdlrEo</a>
2	Coordenação de apresentação de trabalhos do eixo temático “Docentes, na resistência e na criação dos currículos”, XI Seminário Internacional As Redes Educativas e as Tecnologias - UERJ, de 04 a 07.07.2022	Sem link
3	Trabalho “Mover o corpo deslocando ideias: experiências corpóreas com/na/para a pesquisa”, XI Seminário Internacional As Redes Educativas e as Tecnologias - UERJ, de 04 a 07.07.2022	<a href="https://www.seminarioredes.com.br/adm/trabalhos/diagramados/TR180.pdf">https://www.seminarioredes.com.br/adm/trabalhos/diagramados/TR180.pdf</a>
4	Participante “XI Seminário Internacional As Redes Educativas e as Tecnologias” - UERJ, de 04 a 07.07.2022	Sem link

5	Mesa-redonda - Mesa 3 - Presencial/Virtual (transmissão ao vivo) Currículo e formação docente: conhecimento e respostas curriculares. X Colóquio Internacional de Políticas e Práticas Curriculares - UFPB, em 05.09.2022	<a href="https://www.even3.com.br/conteudos/mesa-redonda-educacao-mesa-3--presencialvirtual-(transmissao-ao-vivo)-curriculo-e-formacao-docente--conhecimento-e-rep-586506/">https://www.even3.com.br/conteudos/mesa-redonda-educacao-mesa-3--presencialvirtual-(transmissao-ao-vivo)-curriculo-e-formacao-docente--conhecimento-e-rep-586506/</a>
6	Mesa-redonda - Mesa 5 - Presencial/Virtual (transmissão ao vivo) Currículo em tempos (pós)pandêmicos: multiculturalidade na educação e na formação de professores, X Colóquio Internacional de Políticas e Práticas Curriculares - UFPB, em 05.09.2022	<a href="https://www.even3.com.br/conteudos/mesa-redonda-educacao-mesa-5--presencialvirtual-(transmissao-ao-vivo)-curriculo-em-tempos-(pos)-pandemicos--multicultu-586508/">https://www.even3.com.br/conteudos/mesa-redonda-educacao-mesa-5--presencialvirtual-(transmissao-ao-vivo)-curriculo-em-tempos-(pos)-pandemicos--multicultu-586508/</a>
7	Conferência - Conferência 5 – Presencial Currículos em redes e políticas cotidianas: signos artísticos e movimentos de (re)existência, X Colóquio Internacional de Políticas e Práticas Curriculares - UFPB, em 06.09.2022	<a href="https://www.even3.com.br/conteudos/conferencia-educacao-conferencia-5--presencial-curriculos-em-redes-e-politicas-cotidianas--signos-artisticos-e-moviment-586510/">https://www.even3.com.br/conteudos/conferencia-educacao-conferencia-5--presencial-curriculos-em-redes-e-politicas-cotidianas--signos-artisticos-e-moviment-586510/</a>
8	Minicurso “O currículo, a formação docente e a ética: questões contemporâneas”, X Colóquio Internacional de Políticas e Práticas Curriculares - UFPB, em 08.09.2022	Sem link
9	Palestra “Mover o corpo deslocando ideias: experiências corpóreas com/na/para a pesquisa”, GPCAE / UFPE / UFRPE, em 03.10.2022	Sem link

2023		
N.º	Documento	Link
1	Oficina “Corpo Ritual”, Grupo TOTEM, Olinda, de 14.04 a 15.05.2023	Sem link
2	Curso “O que pode o Teatro na escola?”, VIII Congresso Internacional Sesc de Arte/ Educação, UFPE / Sesc, de 17 a 21.07.2023	<a href="https://congressoarteeducacao.sescpe.com.br/download/ementas/09.pdf">https://congressoarteeducacao.sescpe.com.br/download/ementas/09.pdf</a>
3	Participante “Pré-Colóquio Internacional de Políticas Curriculares”, 41ª Reunião Nacional da Anped - UFAM e UEA, de 25 a 27.09.2023	Sem link
4	Trabalho “Cartas e performance como movimentos de pesquisa”, 41ª Reunião Nacional da Anped - UFAM e UEA, de 02 a 11.10.2023 (pré-evento online) e 22 a 27.10.2023 (presencial)	Sem link

2020

UPE CAMPUS PETROLINA



## DECLARAÇÃO

Declaramos, para os devidos fins, que o Professor **Marcus Flávio Silva** ministrou palestra intitulada “**Da Aridez à Imensidão do Mar: O Fazer Docente e o Alubrimento do (Re)Existir**”, realizada no dia 02 de outubro de 2020, das 19h às 22h, na 1ª Rede de Conversas sobre Arte/Educação promovida pelo Laboratório de Criatividade e Saúde Mental – LACRIAS, Universidade de Pernambuco/Campus Petrolina.

Prof. Dr. Paulo Emilio Macedo Pinto  
Matrícula – 112461  
Coordenador do LACRIAS  
UPE/Petrolina



UPE Campus Petrolina  
BR 203, KM 2, s/n. Campus Universitário, Vila Eduardo, Petrolina – PE.  
56.328-903 – CNPJ (MF): 11.022.597/0010-82  
FONES: (87) 3366-6460/3366-6470 FAX: (87) 3366-6500

2021

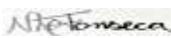
1

# CERTIFICADO

Certificamos, para os devidos fins, que **Marcus Flávio da Silva** participou do evento virtual “Roda de Conversas: “**ENSINO/APRENDIZAGEM DE ARTE NOS ANOS INICIAIS DA EDUCAÇÃO BÁSICA**” como **palestrante** no dia 03 de fevereiro de 2021 pela Plataforma Google Meet, às 19 horas. Carga Horária de 2h.

  
Profª Ms. Rita de Cássia Cabral Rodrigues  
Colaboradora da Pesquisa

  
Profª Dra. Ana Del Tabor Vasconcelos Magalhães  
Coordenadora da Pesquisa  
Portaria Nº 024/2020-ICED

  
Profª Ms Nélia Lúcia Fonseca  
Colaboradora da Pesquisa



Faculdade de  
Educação -FAED

Apoio



2

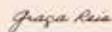


## 2º ENCONTRO DO FÓRUM PERMANENTE DE PESQUISA NARRATIVA - FOPPEN

O FÓRUM PERMANENTE DE PESQUISA NARRATIVA - FOPPEN  
CERTIFICA QUE

**Marcus Flávio da Silva**

PARTICIPOU DA CONVERSA COM DANIEL SUÁREZ E LUIS  
PORTA, NO DIA 10 DE SETEMBRO DE 2021 NO CANAL DE  
YOUTUBE: FÓRUM PERMANENTE DE PESQUISA NARRATIVA.



GRAÇA REIS  
INTERABANTE FOPPEN

3.0



3.1



4.0

# 40ª REUNIÃO NACIONAL

"Educação como prática de Liberdade" cartas da Amazônia para o mundo!

## SET-OUT 2021

### CERTIFICADO

Certificamos que **Marcus Flávio da Silva** participou do minicurso intitulado "ÁUDIOCARTAS, NARRATIVAS DE AFETOS: PODCAST ACERCA DOS 'FAZERESSABERES' COM OS COTIDIANOS EM NOSSAS REDES EDUCATIVAS" na 40ª Reunião Nacional da ANPED, realizada com a UFPA no período de setembro a outubro de 2021. (Carga horária: 04 horas).



**Geovana Mendes Lunardi**  
Presidente ANPED 2019-2021



Este documento foi gerado no sistema da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação - Anped em: 06/11/2023 17:24:10  
Para verificar a autenticidade deste documento, acesse: <https://sistema.anped.org.br/public/index.php/validadocumento/certificado> - CHAVE DE ACESSO: 489f562569c6e9371c6a0647022

4.1

# 40ª REUNIÃO NACIONAL

## SET-OUT 2021

### CALENDÁRIO DA PROGRAMAÇÃO PRÉVIA DA 40ª REUNIÃO NACIONAL

Sessões Conversa	07 de setembro a 14 de outubro
Minicursos	07 e 09/09   14 e 16/09   21 e 23/09   28 e 30/09   05 e 07/10
Colquio Claeso	28 e 29 de setembro
Homenagem Paulo Freire	29 de setembro
Homenagem Education Review	30 de setembro
Simpósio WERA	15 de outubro
Simpósio AERN	13 e 14 de outubro
Sessão Pública FNPE / Conferência CONAPE	13 de outubro
Oficinas UPMS	15 e 16 de outubro
Reuniões organizativas:	01 de setembro e a partir de 07 de outubro

### SÍNTESE DA PROGRAMAÇÃO OFICIAL - 40ª REUNIÃO NACIONAL DA ANPED

17 a 22 de OUTUBRO de 2021

Domingo (17/10)	Segunda (18/10)	Terça (19/10)	Quarta (20/10)	Quinta (21/10)	Sexta (22/10)
	08h30 - 12h30 APRESENTAÇÃO DE TRABALHOS DOS GTs / TRABALHO ENCERRAMENTO	08h30 - 10h30 APRESENTAÇÃO DE TRABALHOS DOS GTs / TRABALHO ENCERRAMENTO	08h30 - 10h30 APRESENTAÇÃO DE TRABALHOS DOS GTs	08h30 - 10h30 APRESENTAÇÃO DE TRABALHOS DOS GTs	08h30 - 10h30 APRESENTAÇÃO DE TRABALHOS DOS GTs
	10h30 - 12h SESSÃO ESPECIAL	10h30 - 12h SESSÃO ESPECIAL	10h30 - 12h SESSÃO ESPECIAL	10h30 - 12h SESSÃO ESPECIAL	10h30 - 12h PAINEL TEMÁTICO
	12h - 13h30 SESSÃO PÚBLICA UPMS	13h - 14h INTERVALO	13h - 14h INTERVALO	13h - 14h INTERVALO	13h - 14h INTERVALO
	14h - 18h / 18h - 18h APRESENTAÇÃO DE TRABALHOS DOS GTs	14h - 18h / 18h - 18h APRESENTAÇÃO DE TRABALHOS DOS GTs	14h - 18h / 18h - 18h APRESENTAÇÃO DE TRABALHOS DOS GTs	14h - 18h ASSEMBLEIA ORDENADORA	14h - 18h PAINEL TEMÁTICO
18h - 21h Comitê de abertura / Conferência de abertura	18h - 19h30 PAINEL TEMÁTICO	18h - 19h30 PAINEL TEMÁTICO	18h - 19h30 PAINEL TEMÁTICO		18h - 21h SOLLENIDADE DE ENCERRAMENTO
	18h - 19h30 LANÇAMENTOS	18h - 19h30 LANÇAMENTOS	18h - 19h30 LANÇAMENTOS		CONFERÊNCIA DE ENCERRAMENTO
18h30 - 20h30 REUNIONS	18h30 - 20h30 REUNIONS	18h30 - 20h30 REUNIONS	18h30 - 20h30 REUNIONS		



Este documento foi gerado no sistema da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação - Anped em: 06/11/2023 17:24:10  
Para verificar a autenticidade deste documento, acesse: <https://sistema.anped.org.br/public/index.php/validadocumento/certificado> - CHAVE DE ACESSO: 489f562569c6e9371c6a0647022

5

Verifique o código de autenticidade 4002488.283261.6.5.33529959054146 em <https://www.event3.com.br/documentos>



Certificamos que **Marcus Flávio da Silva** participou do evento online V Colóquio Luso-Afro-Brasileiro de Questões Curriculares realizado de 09/11/2021 a 11/11/2021, na FACED-UFBA, cidade de Salvador-Bahia-Brasil, contabilizando carga horária total de 24 horas.

Salvador, 11 de novembro de 2021.

  
Prof. Roberto Gabriel Macedo/UFBA

  
Prof. Denise Guerra/UFBA

COORDENADORES DO VCLABOC

6

Verifique o código de autenticidade 4002484.283261.282074.5.3352925905416653726 em <https://www.event3.com.br/documentos>



Certificamos que Marcus Flávio da Silva participou, na qualidade de **APRESENTADOR(a) DE TRABALHO CIENTÍFICO**, do evento V Colóquio Luso-Afro-Brasileiro de Questões Curriculares, apresentando na(s) Modalidade(s) **Painel de Comunicação** e Área(s) Temática(s) **Currículo e Cotidianos**, sob título "Quanta verdade tristonha ou mentira risonha uma carta nos traz..." – a escrita epistolar na pós-graduação..

Salvador, 11 de novembro de 2021.

  
Prof. Roberto Gabriel Macedo/UFBA

  
Prof. Denise Guerra/UFBA

COORDENADORES DO VCLABOC

2022

1



**ENCONTRO DE EXTENSÃO ConCu**  
**2021/22**

Certificamos que **MARCUS FLÁVIO** ministrou a palestra “*A ESCRITA DE CARTAS COMO NARRATIVAS CURRICULARES*” no Encontro de Extensão **Conversas Com Currículos nos Cotidianos da Docência – ConCu**. O evento, realizado de forma remota e com carga horária 2h, ocorreu no dia 14/02/2022 e foi promovido pelo Grupo de Pesquisa Práticas Educativas e Formação de Professores - GPPF em parceria com a Escola de Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - EE/UNIRIO.

  
**MARIA LUIZA SÜSSEKIND**  
Pesquisadora Produtividade 2 CNPq  
CIENTISTA DO NOSSO ESTADO/FAPERJ  
Primeira Secretária Nacional da ANPEd  
Professora UNIRIO/Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro



2



**XI Seminário Internacional**  
**AS REDES EDUCATIVAS E AS TECNOLOGIAS**  
Docentes, na resistência e na criação

04 a 07 de julho de 2022  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)  
CARGA HORÁRIA: 35 horas  
CERTIFICADO

**MARCUS FLÁVIO DA SILVA**  
Coordenou a sessão de apresentação de trabalhos número 01, do eixo temático “Docentes, na resistência e na criação nos currículos” no XI Seminário Internacional As Redes Educativas e as Tecnologias, na UERJ.

  
Alexandro Garcia  
Comissão Organizadora  
Rio de Janeiro, 07 de julho de 2022

Organização:  Apoio: 

3

**XI Seminário Internacional** **AS REDES EDUCATIVAS E AS TECNOLOGIAS**  
Docentes, na resistência e na criação

04 a 07 de julho de 2022  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)  
CARGA HORÁRIA: 35 horas

CERTIFICADO



**MARCUS FLÁVIO DA SILVA**  
Apresentou o trabalho intitulado "MOVER O CORPO DESLOCANDO IDEIAS ? EXPERIÊNCIAS CORPÓREAS COM/NA/PARA A PESQUISA." no XI Seminário Internacional As Redes Educativas e as Tecnologias, na UERJ.



Alexandra Garcia  
Comissão Organizadora  
Rio de Janeiro, 07 de julho de 2022

---

Organização:  Apoio: 

4

**XI Seminário Internacional** **AS REDES EDUCATIVAS E AS TECNOLOGIAS**  
Docentes, na resistência e na criação

04 a 07 de julho de 2022  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)  
CARGA HORÁRIA: 35 horas

CERTIFICADO



**MARCUS FLÁVIO DA SILVA**  
Participou do XI Seminário Internacional As Redes Educativas e as Tecnologias, na UERJ.



Alexandra Garcia  
Comissão Organizadora  
Rio de Janeiro, 07 de julho de 2022

---

Organização:  Apoio: 

5

Verifique a cópia de autenticação 4458997.283261.962897.5.097835725168957839 em <https://www.event3.com.br/documentos>



**X Colóquio Internacional de Políticas Curriculares**  
**VI Seminário Nacional do Grupo de Pesquisa Currículo e Práticas Educativas**  
**III Simpósio da Região Nordeste Sobre Currículo**  
 02, 05 e 06 de setembro de 2022. João Pessoa/PB. Evento híbrido  
**"Sem Lei Nem Rei, Me vi Arreessado": por outros projetos políticos de currículo**



**CERTIFICADO**

Certificamos que **Marcus Flávio da Silva**, participou da **Mesa-redonda - Mesa 3 – PRESENCIAL/VIRTUAL (transmissão ao vivo) CURRÍCULO E FORMAÇÃO DOCENTE: conhecimento e repostas curriculares** realizada em 05/09/2022, durante o X Colóquio Internacional de Políticas Curriculares | VI Seminário Nacional do Grupo de Pesquisa Currículo e Práticas Educativas | III Simpósio da Região Nordeste Sobre Currículo, contabilizando carga horária total de horas.

João Pessoa, 08 de setembro de 2022.

*Angela Cristina Alves Albino*  
 Angela Cristina Alves Albino  
 Professora DCFSC/CCA/UFPB  
 Comissão Organizadora do XCIPC

*Maria Zélide da Costa Pereira*  
 Maria Zélide da Costa Pereira  
 Professora DHPECE/UFPB  
 Comissão Organizadora do XCIPC

*Ana Cláudia da Silva Rodrigues*  
 Ana Cláudia da Silva Rodrigues  
 Professora DFE/CE/UFPB  
 Comissão Organizadora do XCIPC

<b>Organização</b> GEPPC Grupos de Estudos em Políticas da Prática Curricular	<b>Realização</b> CENTRO DE EDUCAÇÃO PPGE PPGE/UFPA	<b>Apoio</b> CAPES P	<b>Colaboração</b> UFPB	
---	--	----------------------------	----------------------------	--

6

Verifique a cópia de autenticação 4458997.283261.962897.5.097835725168957839 em <https://www.event3.com.br/documentos>



**X Colóquio Internacional de Políticas Curriculares**  
**VI Seminário Nacional do Grupo de Pesquisa Currículo e Práticas Educativas**  
**III Simpósio da Região Nordeste Sobre Currículo**  
 02, 05 e 06 de setembro de 2022. João Pessoa/PB. Evento híbrido  
**"Sem Lei Nem Rei, Me vi Arreessado": por outros projetos políticos de currículo**



**CERTIFICADO**

Certificamos que **Marcus Flávio da Silva**, participou da **Mesa-redonda - Mesa 5 – PRESENCIAL/VIRTUAL (transmissão ao vivo) CURRÍCULO EM TEMPOS (PÓS) PANDEMICOS: multiculturalidade na Educação e na Formação de Professores** realizada em 05/09/2022, durante o X Colóquio Internacional de Políticas Curriculares | VI Seminário Nacional do Grupo de Pesquisa Currículo e Práticas Educativas | III Simpósio da Região Nordeste Sobre Currículo, contabilizando carga horária total de horas.

João Pessoa, 08 de setembro de 2022.

*Angela Cristina Alves Albino*  
 Angela Cristina Alves Albino  
 Professora DCFSC/CCA/UFPB  
 Comissão Organizadora do XCIPC

*Maria Zélide da Costa Pereira*  
 Maria Zélide da Costa Pereira  
 Professora DHPECE/UFPB  
 Comissão Organizadora do XCIPC

*Ana Cláudia da Silva Rodrigues*  
 Ana Cláudia da Silva Rodrigues  
 Professora DFE/CE/UFPB  
 Comissão Organizadora do XCIPC

<b>Organização</b> GEPPC Grupos de Estudos em Políticas da Prática Curricular	<b>Realização</b> CENTRO DE EDUCAÇÃO PPGE PPGE/UFPA	<b>Apoio</b> CAPES P	<b>Colaboração</b> UFPB	
---	--	----------------------------	----------------------------	--

Verifique o código de autenticação: 4458997.203261.952842.6.097835725160957059 em <https://www.event3.com.br/documentos>

**X Colóquio Internacional de Políticas Curriculares**  
**VI Seminário Nacional do Grupo de Pesquisa Currículo e Práticas Educativas**  
**III Simpósio da Região Nordeste Sobre Currículo**  
 02, 05 e 06 de setembro de 2022. João Pessoa/PB. Evento híbrido  
**"Sem Lei Nem Rei, Me vi Arremessado": por outros projetos políticos de currículo**




**CERTIFICADO**

Certificamos que **Marcus flávio da silva**, participou da Conferência - Conferência 5 – PRESENCIAL CURRÍCULOS EM REDES E POLÍTICAS COTIDIANAS: signos artísticos e movimentos de (re)existência realizada em 06/09/2022, durante o X Colóquio Internacional de Políticas Curriculares | VI Seminário Nacional do Grupo de Pesquisa Currículo e Práticas Educativas | III Simpósio da Região Nordeste Sobre Currículo, contabilizando carga horária total de horas.

João Pessoa, 08 de setembro de 2022.

*Angela Cristina Alves Albino*  
 Angela Cristina Alves Albino  
 Professora DCFS/CCA/UFPB  
 Comissão Organizadora do XCIPC

*Maria Zuleide da Costa Pereira*  
 Maria Zuleide da Costa Pereira  
 Professora DHE/CE/UFPB  
 Comissão Organizadora do XCIPC

*Ana Cláudia da Silva Rodrigues*  
 Ana Cláudia da Silva Rodrigues  
 Professora DFE/CE/UFPB  
 Comissão Organizadora do XCIPC

<b>Organização</b> GEPPC Grupos de Estudos em Políticas da Prática Curricular	<b>Realização</b> SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PPGE PPGE/UFPA	<b>Apoio</b> CAPES	<b>Colaboração</b> UFPB	
---	--	-----------------------	----------------------------	---

Verifique o código de autenticação: 4458997.203261.950051.6.097835725160974969 em <https://www.event3.com.br/documentos>

**X Colóquio Internacional de Políticas Curriculares**  
**VI Seminário Nacional do Grupo de Pesquisa Currículo e Práticas Educativas**  
**III Simpósio da Região Nordeste Sobre Currículo**  
 02, 05 e 06 de setembro de 2022. João Pessoa/PB. Evento híbrido  
**"Sem Lei Nem Rei, Me vi Arremessado": por outros projetos políticos de currículo**




**CERTIFICADO**

Certificamos que **Marcus flávio da silva**, participou da Minicurso - O Currículo, a Formação Docente e a Ética: questões contemporâneas realizada em 05/09/2022, durante o X Colóquio Internacional de Políticas Curriculares | VI Seminário Nacional do Grupo de Pesquisa Currículo e Práticas Educativas | III Simpósio da Região Nordeste Sobre Currículo, contabilizando carga horária total de 04 horas.

João Pessoa, 08 de setembro de 2022.

*Angela Cristina Alves Albino*  
 Angela Cristina Alves Albino  
 Professora DCFS/CCA/UFPB  
 Comissão Organizadora do XCIPC

*Maria Zuleide da Costa Pereira*  
 Maria Zuleide da Costa Pereira  
 Professora DHE/CE/UFPB  
 Comissão Organizadora do XCIPC

*Ana Cláudia da Silva Rodrigues*  
 Ana Cláudia da Silva Rodrigues  
 Professora DFE/CE/UFPB  
 Comissão Organizadora do XCIPC

<b>Organização</b> GEPPC Grupos de Estudos em Políticas da Prática Curricular	<b>Realização</b> SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PPGE PPGE/UFPA	<b>Apoio</b> CAPES	<b>Colaboração</b> UFPB	
---	--	-----------------------	----------------------------	---

 UFPE	CERTIFICADO DE PALESTRA	 UFPE
<p>Certificamos que</p> <h1>MARCUS FLÁVIO DA SILVA</h1> <p>ministrou em 03/10/2022, a palestra "<b>Mover o corpo deslocando ideias: experiências corpóreas com/na/para a pesquisa</b>" para o Grupo de Pesquisa em Estudos Culturais e Arte/Educação.</p> <div style="display: flex; justify-content: space-between; align-items: center;"> <div data-bbox="233 586 524 656" style="width: 30%;">   <b>ANA PAULA ABRAHAMIAN DE SOUZA</b>            Coordenadora do GPECAE         </div> <div data-bbox="568 527 717 670" style="width: 30%; text-align: center;">  </div> <div data-bbox="768 572 1013 656" style="width: 30%;">   <b>FABIANA SOUTO LIMA VIDAL</b>            Coordenadora do GPECAE         </div> </div> <p>Recife, 03 de Outubro de 2022.</p>		



Recife, 13 de agosto de 2023.

#### Declaração

Eu, Frederico do Nascimento, diretor do grupo Totem, declaro que MARCUS FLÁVIO DA SILVA, participou da oficina CORPO RITUAL, que teve como interesse aprofundar processos performáticos e ritualísticos a partir de motivações corporais, de forma a potencializar o ser cênico. A oficina oportunizou o aperfeiçoamento de profissionais das artes cênicas que buscam a performance para ritualizar o corpo em cena. De conteúdo teórico/prático o processo teve duração de 40 horas, de 14 de abril a 13 de maio de 2023, tendo o Grupo TOTEM como proponente da ação. Na Mostra de Performance Corpo Ritual o participante apresentou a performance intitulada "Pacto", como trabalho de conclusão da oficina.

Atenciosamente,

Frederico do Nascimento

Grupo Totem  
Rua Chile, 500, Nossa Senhora do Ó - Paulista - PE.  
Fone: (81) 98353787  
e-mail: grupototem@hotmail.com







Design, editoração eletrônica e ilustrações  
feitos por **Marcos Durant**  
marcosdurant@gmail.com  
Recife, 2024.

